

A HISTÓRIA DO

CAPITÃO

José Gomes  
Pinheiro

FUNDADOR DE BOTUCATU

Olavo Pinheiro Godoy



**O**lavo Pinheiro Godoy nasceu em Pirajá, SP, filho de um ferroviário, Sr. Firmino Pinheiro Godoy e de Vicentina Gomes Godoy. Logo após seu nascimento, a família fixou residência em Botucatu, onde reside até hoje. Aqui cresceu, estudou, constituiu família, portanto, considera-se botucatuense de corpo e alma. Cronista, colaborou no "Correio de Botucatu", "A Gazeta de Botucatu", e outros veículos de comunicação. Em 1970, ganhou o prêmio de ficção no concurso "Governo do Estado", e desde então venceu vários outros concursos. Participou de diversas antologias no Estado de São Paulo e no Brasil. Está ligado ao Centro Cultural de Botucatu desde 1969. Em 1972, o presidente da União Brasileira de Trovadores, Luís Otávio, por interferência do poeta Josias de Paiva Pinheiro, nomeou-o Delegado, cargo que honrou por mais de uma década.

## OBRAS DO AUTOR



### CONTOS DA CIDADE SERRANA

"Contos da Cidade Serrana" mescla contos e crônicas ambientado na Botucatu de todos os tempos. O autor impregna suas páginas de ficção, biografia, homenagens e, um grande amor à Terra dos Bons Ares.  
195 páginas - 1998

### DICIONÁRIO DOS ESCRITORES BOTUCATUENSES

Poderá ser encontrado neste livro a biografia de grandes personalidades da literatura botucatuense. São mais de 400 biografias e mais de 300 fotos dos ilustres escritores e/ou colaboradores da imprensa de Botucatu.

252 páginas - 1999



# Sobre o Trabalho do Autor

*"Tão elegante e perfeito está o livro que, com muito orgulho comparo-o ao 'Achegas' do Hernani - agora dois volumes singulares para edificação da*

**Elda Moscoliato**

DA ACADEMIA BOTUCATUENSE DE LETRAS

*"Esta obra há de marcar sulco profundo em nosso meio cultural e ocupará lugar de*

**Armando Moraes Delmanto**

ESCRITOR E HISTORIADOR

*"Já não se poderá tratar de letras regionais sem invocar o 'Dicionário do Olavo'."*

**Hernâni Donato**

ESCRITOR E HISTORIADOR  
(DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS)

# Moção de Congratulações

*"... para com o Sr. Olavo Pinheiro Godoy, pelo lançamento do livro 'Dicionário dos Escritores Botucatuenses'."*

**Maria de Fátima Longo**

VEREADORA

## DICIONÁRIO DOS ESCRITORES É SUCESSO

Mais de 200 pessoas participaram da cerimônia de lançamento do livro "Dicionário dos Escritores Botucatuenses" do presidente do Centro Cultural de Botucatu, Olavo Pinheiro Godoy.

JORNAL "A Gazeta de Botucatu"

**Se toda história tem um progresso e todo progresso tem um princípio, então, podemos chamá-lo apenas de Capitão José Gomes Pinheiro.**



Vista panorâmica da cidade de Botucatu no século XIX.



Primeira Matriz: Igreja de São Benedito (Atual Praça Coronel Moura - Paratodos, mais precisamente no abrigo de ônibus), construída no século XIX.

Em 20 de abril de 1889, a Estrada de Ferro Sorocabana trouxe o trem...



Rua do Riachuelo - (atual Amândeo de Barros) no princípio do século XX. Ao fundo, podemos observar as árvores do Bosque (Praça Emílio Reduti).



1904 - Rua do Riachuelo - Centro - (atual Agência Banco do Brasil)

1906 - Rua do Riachuelo

A HISTÓRIA DO  
CAPITÃO JOSÉ GOMES PINHEIRO



Fundador de Botucatu

A HISTÓRIA DO CAPITÃO JOSÉ GOMES PINHEIRO - Fundador de Botucatu

Copyright by © 2000  
*Olavo Pinheiro Godoy*

Revisão:  
*Paulo Pinheiro Machado Ciaccia*

Capa, Criação, Editoração Eletrônica:  
*César Bosco*

Cópia Digital  
Diagrama Comunicação, gráfica e editora (14) 3815-5339

Impressão:  
*Gráfica e Editora Santana*

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

**G536d**      **Godoy, Olavo Pinheiro, 1952 -**  
**A História do Capitão José Gomes Pinheiro - Fundador**  
**de Botucatu- Gráfica Santana, 2000**  
**96 p. 21 cm**

**1.Biografia Brasileira      I - Título**

**Índice para catálogo sistemático**  
**Brasil: Biografias: 928.81981**

Direitos autorais reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização da editora ou do autor. Ao reproduzir este ou qualquer livro pelo processo de fotocopiadora ou outro meio, você prejudicará o autor. Existem outras alternativas, caso você não tenha possibilidade de adquirir a obra. Informe-se, é mais fácil que assumir débitos.

## NOTA EXPLICATIVA

**A**s biografias constituem, desde Plutarco, a grande paixão das épocas em que determinado tipo de civilização está prestes a corromper-se. Nos tempos que correm, chega-se a ter a impressão de que os escritores, pressentindo que a decadência é fatal e talvez irremediável, já se não preocupam com outra coisa que não seja fazer o inventário dos grandes nomes de uma época ou cultura em pleno naufrágio.

Não é intenção desta nota tentar apresentar, em forma condensada, uma estimativa crítica do vulto cuja a imagem, pelo menos, atravessa as páginas desta biografia. Foi uma circunstância puramente accidental, e contudo importante, que o passar do tempo houvesse posto em liberdade fontes até então inacessíveis, que também tornam possível contar amplamente a história da vida de José Gomes Pinheiro e sua época.

Embora o Capitão fosse um caráter extraordinário e único, ao tentar reconstituir-lhe a vida, logo se tornou evidente que, sem uma evocação do mundo já desaparecido, mas rapidamente mutável, no qual ele viveu, entre os incidentes caleidoscópicos de seu meio, seria absolutamente inútil tentar compreender o homem.

Neste livro valí-me com extrema moderação de todas as informações. Entretanto, o que nele vai referido, é rigorosamente histórico. Fiz o possível por que José Gomes Pinheiro surgisse aqui tal como existiu: exuberante de vida e de espírito. Contudo, para o caso de não o ter conseguido, anexei prudentemente uma boa cópia de fotografias e documentos. Talvez sejam a parte mais consistente do meu trabalho. De qualquer forma, isto agrada o leitor, aproveita ao editor e a mim não me prejudica...

### O Autor

**Algumas notas de correções foram introduzidas por Paulo Pinheiro Machado Ciaccia, trineto do Capitão José Gomes Pinheiro.**

## À LUZ DA HISTÓRIA

Costuma-se dizer que a história deve ser escrita pela posteridade, uma vez que os contemporâneos não saberiam fugir a prevenções e interesses pessoais. Entretanto, precisamente não esquecer que, frequentemente, a posteridade acomoda a narrativa de sucessos passados, aos sentimentos ou paixões, das épocas em que se acham situados os historiadores. Não é raro encontrar exemplos de reconstituição de fatos remotos, dentro de critérios usados pela historiografia.

Eis porque pareceu oportuno o trabalho do escritor Olavo Pinheiro Godoy para um panorama de conjunto, em que fossem apontados os erros e os méritos de um e outro pesquisador. Foi o que o autor procurou fazer, com serenidade e isenção de ânimo, dentro da preocupação única da verdade e da justiça.

O autor reuniu a documentação que encontrou nos livros publicados, nos jornais da época, nos documentos parlamentares, na Cúria Metropolitana de São Paulo, etc...

Por essas e outras qualidades, o novo livro do Sr. Olavo ficará sendo uma das obras básicas para o estudo da história botucatuense.

*Pedro Losi Neto*

Prefeito Municipal de Botucatu



PREFEITURA MUNICIPAL DE  
**BOTUCATU**



**SECRETARIA DE  
CULTURA**

# PREFÁCIO

*Hernâni Donato*

Membro da Academia Paulista de Letras  
Ex-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Não faz muito que a importância da História local (a pátria pequena) foi entendida entre nós. Os mestres, de Gândavo a Buarque de Holanda deram-se à História Geral do Brasil. Começa, para seu benefício a ser laseada por histórias locais: vilas, municípios.

Por aí principia o agradecimento que devemos ao Olavo Pinheiro Godoy. Não falta o que aplaudir nesse moço que com empenho e eficiência devotou-se ao serviço da cultura botucatuense. Pouco depois de nos surpreender com o **Dicionário dos Escritores Botucatuenses** volta a merecer a atenção com este **A História do Capitão José Gomes Pinheiro**.

Olavo atendeu à exigência maior do gênero biográfico: estabelecer o entorno holístico do biografado.

Assim procedendo situou o capitão José e os eventos em que este se envolveu, no contexto temporal. Fixando o nível social e cultural do biografado e a relevância dos cargos por ele ocupado, Olavo remonta à construção naval em que a família se ocupou. Detalha a evolução da Ilha de Paquetá, a situação de Santos na abertura do século 19, a instalação da côrte portuguesa no Rio de Janeiro, ao viver e ao viajar das comitivas tropeiras. Explica as sesmarias, discorre sobre o conflito entre liberais e conservadores. Prepara o palco para a ação do personagem.

Reforça, ainda que não o tenha explicitado, o entendimento de que a cidade tem a sua origem ligada ao tropeirismo, atividade na qual o capitão José aplicou esforços e recursos ao ponto de adquirir as dilatadas terras no alto da serra. Foi esse um tropeirismo tão animado que trouxe para Botucatu o que terá sido a sua primeira **repartição pública**: um posto fiscal, no local chamado Tranca de Ferro junto ao atual bairro Demétria. Tropeirismo de evasão fiscal.

Curioso que o primeiro a denunciar a natureza ilícita de parte desse negócio - e fazendo-o para servir ao objetivo da criação da freguesia - tenha sido o próprio José Gomes Pinheiro. Aliás, creio que se ao mesmo faltassem títulos com que permanecer na crônica extra-familiar, cabe-lhe o de primeiro cronista-historiador botucatuense. Por exemplo, nos dois discursos pronunciados na Câmara Municipal de Itapetininga (15/10 e 20/12/1845) nos transmite testemunhos precisos do que havia no local. Deixa claro que

não se tratava de um deserto porém de um tumulto à espera de ordenação. No segundo discurso faz-se apologético descrevendo a região como um Éden desde que passasse (não o disse letra a letra mas no tom e no entusiasmo) do tropeirismo aventureiro para o sedentarismo aglutinador e enraizador da agricultura. Eis o que é **fazer** História: citar o fato sugerindo ilações construtivas.

Assim, ao insistir em que o povoado surgira em função dos “extravios de animais do comércio que por lá passam, pois a dita capela está na estrada...”, ademais de mostrar ao governo que não criar a freguesia significava deixar de receber impostos, nos revela qual era tal gente. Podemos inferir: não mansos agricultores nem pacíficos comerciantes. Sim, gente robusta, atrevida, ambiciosa, contestadora. O que vem confirmado nos primeiros relatos oficiais – relatórios de polícia – dos anos seguintes. Por tudo isso, quando a cidade tiver o seu Instituto Histórico, o capitão José deverá ser aclamado patrono da cadeira número um.

As pacientes e acuradas pesquisas de Paulo Pinheiro Machado Ciacia culminaram por dirimir velhas dúvidas. À luz de documentos. Ele nos deu a prova – em pronunciamento oficial do município e do Arquivo do Estado – não ter havido doação outra para a **criação** da freguesia se não a do capitão José. Mostrou, mercê de minudência champoleônica no pesquisar, erros de cópia, tabelional, nos sucessivos traslados da escritura de doação, definiu, mediante atestado de óbito, que o memorialista Barbosa de Carvalho não poderia ter participado – ou muito dificilmente teria testemunhado – do episódio da Porteira da Contenda por contar, ao tempo, cerca de oito anos de idade. O rearranjo do cenário – já não se podendo desde muito tempo considerar a hipótese de Simão Barbosa Franco ter sido o fundador da cidade – resta, com esse galardão, único e documentado, o capitão José Gomes Pinheiro. A escritura de doação adquire, pois, para os limites do “país pequeno”, um quê de carta de Vaz Caminha.

O livro não se resume a assegurar tal qualidade de fundador. Contém outros detalhes importantes. A exemplo do levantamento da descendência do capitão José Gomes Pinheiro. Admirando o quanto ela foi enriquecida com elementos exponenciais nos âmbitos municipal, regional, estadual, nacional, entendemos a força ancestral que induziu esse homem a ser tão referencial nos seus dias quanto permanentemente na história local. Com o texto que revela tais méritos, também o Olavo Pinheiro Godoy se torna senhor de nossa gratidão. Março, 2000.

## AGRADECIMENTO

**D**evo agradecer a solicitude de numerosas pessoas que conversaram comigo durante o tempo em que escrevi este trabalho, trazendo a contribuição de suas observações críticas – que reforçavam os meus pontos de vista – e mesmo informações, estando no primeiro plano o meu estimado amigo Eng<sup>o</sup> Paulo Pinheiro Machado Ciaccia, e o Eng<sup>o</sup> César José Maria Ribeiro.

*“Façamos o elogio dos homens ilustres,  
que são nossos antepassados, em sua linhagem”*

*Eclesiástico*

## SIM!... BRAVOS!...

Quando verdadeira e séria, a História empolga, educa e ensina. Mais. É convite perene à reflexão crítica dos acontecimentos locais, pois visa o aprimoramento da convivência humana.

Está se notando recentemente, nesta Cidade um gosto crescente e contagiante pela pesquisa histórica das suas origens, aguçada pelo desejo de contatar e conhecer mais familiarmente os seus Maiores. A Obra de Olavo Pinheiro Godoy comprova-o. Aí está o seu recentíssimo Dicionário dos Escritores Botucatuenses. Aqui está o retrato, a porte de História, do Capitão José Gomes Pinheiro.



O convite do autor para esta minha singela apreciação transformou-me em participante virtual dos primórdios de Botucatu. Isto sensibilizou-me sobremodo.

Fez-me penetrar as origens remotas do Fundador cujo sangue vincula Espanha e Brasil; vi seus maiores em Paquetá, em Santos, em São Paulo; encontrei-me com o Capitão nos degraus da velha Catedral paulistana quando do seu consórcio matrimonial com Anna Florisbella perante o Altar de Deus; acompanhei-o em Sorocaba; palmilhamos sesmarias na raiz da Serra; detivemo-nos com os Vereadores de Itapetininga; subi aos “fogos” do Cimo da Serra de Botucatu e acabei demorando-me com o Capitão José Gomes Pinheiro e a sua incontável Descendência aqui nesta Freguesia, a invocar, com ele o Padroado de Santana; a admirar com ele as belezas desta terra; assistindo-o a rasgar os alicerces desta Cidade.

Hoje ostento, com ele, a mesma certidão de cidadania que a ambos tanto nos orgulha.



A obra de Olavo Pinheiro Godoy é, por si, condigna homenagem ao dia do Município de Botucatu. Propaga-o eloquentemente e o credencia para glórias futuras.

Feliz Botucatu que atrás sobre Ti e sobre tuas memórias tantos valores, tanto interesse e tão grande amor!

  
arc. em. Btu

Dom Vicente Machetti Zioni – Arcebispo Emérito de Botucatu



# JOSE GOMES

## – Tropeiro, boiadeiro e cidadão –

### PERSONAGEM DA HISTÓRIA E DA FICÇÃO

*Francisco Marins (\*)*

Ex-Presidente da Academia Paulista de Letras

Quando José Gomes Pinheiro, aos 32 anos, desposou a jovem Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos, com a metade de sua idade, descendente de nobre estirpe bandeirante e, também, de Índia tapuia, ninguém poderia prever que, desse consórcio, emergiria uma das mais numerosas e atuantes descendências, que haveria de se distribuir pelos municípios de Itapetininga, Sorocaba, Botucatu.

Especialmente para a nossa região a presença e atuação do grande patriarca foi marcante. A fuga, após a sedição de Sorocaba, em que um alquebrado sacerdote, de batina, com terço nas mãos teimava em se antepor ao altivo Duque de Caxias, com falões lusídios e espadas afiadas, depois a corrida espetacular para a fazenda Monte Alegre, tem aspectos novelescos. Mas, sua presença, em nossa região, seria decisiva e colocaria José Gomes – Anna Florisbella como as mais importantes figuras da história botucatuense, pois foram eles que, em 23/12/1843, fizeram a doação de terrenos para a igreja de Nossa Senhora Sant’ Anna, marco inicial da cidade. E até desculpados da exigência feita, para espicaçar os Costas, em substituir a padroeira Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra<sup>1</sup>, dos boiadeiros, para ser Sant’ Anna, santa do nome e da devoção de Anna Florisbella.

Fato relevante mais importante foi que cessaram as lutas com os Costas e a “Porteira da Contenda”, sinalizadora de mortes, nas desavenças, tornou-se apenas uma esquecida lembrança.

Como cidadão pratiano ainda sou devedor à família Gomes Pinheiro, pois seus descendentes – Jorge Gomes Pinheiro Machado e D.<sup>a</sup> Maricota haveriam de doar terras do enorme latifúndio da Monte Alegre, para formar a antiga Prata de Botucatu, hoje Pratânia, onde a Prof.<sup>a</sup> Sophia Pinheiro Machado Ribeiro Padovan, minha primeira mestra, me alfabetizaria e, pequeno sítio, o Aterrado, também, desmembrado daquela fazenda, vendido por Antonio Piraju Pinheiro Machado e D.<sup>a</sup> Belinha Dias ao meu avô Augusto Marins Peixoto, seria meu torrão natal.

---

(\*) Em seu livro “Clarão na Serra” o Autor conta, de forma romaneada, episódios referentes à saga do fundador de Botucatu.

1. A existência ou não da Capela de Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra é discutida no apêndice 1 do Livro “As Primeiras Fazendas da Região de Botucatu”, autores Trajano Carlos de Figueiredo Pupo e Paulo Pinheiro Machado Ciaccia.

---

## PENETRANDO ORIGENS



*Ilha de Paquetá*

### SANGUE ESPANHOL NA RAÇA BANDEIRANTE

MORAVAM, muitos anos atrás, na formosa ilha do Bom Jesus de Paquetá, província do Rio de Janeiro, o português de origem espanhola Damião Cosme Albornóz e sua esposa Joaquina Roza Gomes Pinheiro Vellozo, portuguesa de nascimento. Damião Cosme Albornóz acompanhou os rastros dos primeiros navegadores estabelecendo-se como construtor de navios. O Damião, em constâncias boas de ver, aprendera a construir belos barcos - sem nós de colchete - como recomendavam os mestres construtores da Escola de Sagres, que sarjavam espumas nas águas grossas, de ondas inteiras, monótonas, em serviços de cabotagem pelo litoral da colônia portuguesa.

Os barcos foram dos primeiros veículos utilizados pelos colonizadores de nossa terra, o que não é de admirar, sabendo-se que no tempo da colônia e mesmo no primeiro reinado e na Regência, as comunicações eram feitas de preferência através do mar e através dos rios.

É muito curioso saber-se que, mesmo no Rio de Janeiro, a ligação do centro da cidade com os arrabaldes foi, preferencialmente, realizada com o auxílio de embarcações dos mais variados tipos e formatos.

Bairros cariocas como Botafogo ou subúrbios como Penha e Irajá, eram atingidos com o auxílio de embarcações, dada a péssima qualidade dos caminhos que então existiam e as dificuldades de transporte. Construir barcos era, efetivamente, um bom negócio. Então, em fins do século XVIII, a família de José Gomes Pinheiro estabeleceu-se no Rio de Janeiro, mais precisamente na Ilha de Paquetá, local ideal para o português Damião Cosme Albornóz exercer a sua profissão de armador.

## SENHOR BOM JESUS DO MONTE DA ILHA DE PAQUETÁ

**Ocupação lusitana** – Já era Paquetá conhecida dos portugueses antes que Estácio de Sá lançasse, entre os morro Cara de Cão e Pão de Açúcar, os fundamentos da cidade que, sem tardança, o contaria entre as mais eminentes vítimas dos frecheiros tamoios.

Aliados aos franceses do forte de Coligny, apertavam o cerco aos povoadores lusos, que não podiam sequer aproximar-se da ilha de Villegaignon e muito menos da de Paranapecu.

Só dispunham, para as suas evoluções, da enseada de Botafogo e, quando muito, das imediações do Flamengo, onde se daria, ao pé do morro da Glória, combate aniquilador da indiada.

Todavia, contido nesse recanto, à espera de reforços solicitados a Mem de Sá, o primeiro governador regional distribuiu pelos seus companheiros de luta porfiada, sesmarias que denunciavam conhecimento da extremidade oposta do recôncavo, ao norte das posições inimigas.

Assim foi que a 1º de setembro de 1565 tocou a Inácio de Bulhões um “lote de terras na ilha de Paquetá”, e decorridos apenas cinco meses análoga doação coube a Fernão Baldaz, por ato de 11 de fevereiro seguinte.

A cintura, em que se estreita a ilha, aproximadamente a meia distância das extremidades, na atual travessa do Vicente, separaria as duas sesmarias, de forma que Bulhões pudesse dilatar os seus domínios até Suruí, enquanto o quinhão de seu vizinho se estendia para o sul.

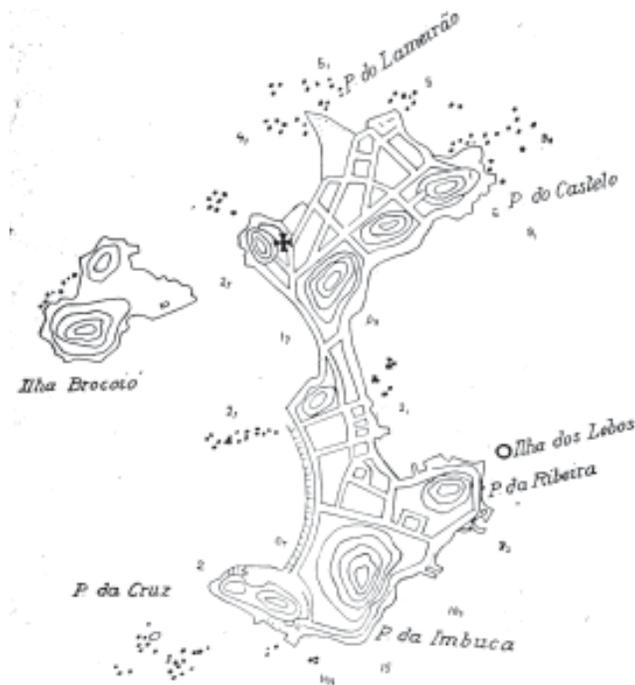
O conhecimento da topografia insular, manifesta nesses atos, provinha de explorações anteriores, mencionadas pelo comandante Eugênio de Castro, em suas magistras anotações ao Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa.

Começaram com a viagem de Gonçalo Coelho que, a partir de 1503, estanciou na praia do Flamengo, à beira do rio Carioca, cerca de dois anos, aplicados em reconhecimentos dos arredores.

Mais tarde, a nau “Bretoa” aporta, em maio de 1511, a Cabo Frio, onde toma quanto lhe caiba de pau-brasil, fornecido pela feitoria de João Braga, a quem João Lopes de Carvalho resolve fazer companhia.

Não tardam os exilados voluntários em transferir a residência para Guanabara, de uma de cujas ilhas se apossa Braga, decidido a estabelecer base de operações mercantis com os indígenas. Do parceiro, Carvalho, conservam as crônicas a sua permanência na baía acolhedora, onde conviveu com a ameríndia que podia ufanar-se de gerar o primeiro mameluco registrado nos anais brasilienses.

## ILHA DE PAQUETÁ



### SÍNTESE HISTÓRICA

Após as doações que a dividiram em dois quinhões, o setentrional, conferido a Bulhões, e o meridional, entregue a Baldez, Paquetá discretamente se envolve em silêncio, esquecida pelos cronistas.

Quando reaparece, graças às investigações de monsenhor Pizarro, já possui na parte norte a sua capela, dedicada a São Roque, por esforços do padre Manuel Antônio Espinha, que a fundara, autorizado pelo Bispo DOM José de Barros Alarcão, e benzerá a 24 de novembro de 1698.

Acompanha-lhe o gesto piedoso o proprietário da banda do sul, onde Manuel Cardoso Ramos promoveu a construção da capela do Senhor Bom Jesus do Monte, a que destina um lote de terras, de 20 braças de frente por 27 de fundo, por escritura de 29 de novembro de 1758.

A dualidade de templos na ilha foi causa de rixas e disputas porfiadas, quando se deu, em junho de 1769, a criação da paróquia respectiva, com jurisdição ampliada a partir de São Gonçalo, cujo vigário demandou, em defesa dos seus direitos.

Formaram-se duas facções, a que pretendia garantir a validade administrativa da resolução eclesiástica, beneficiadora da iniciativa de Cardoso, e a que, por

despeito, ao julgar-se preterida em suas aspirações, pugnava pelo retorno às condições anteriores, quando o culto a Santo André se mantinha subordinado à chefia de Magé.

Ao fim de moroso pleito, que se arrastou por decênios ruidosos, coube a Dom João VI harmonizar, com a sua presença, os vizinhos briguentos, cuja reconciliação o decreto de 4 de agosto de 1810 promoveu, ao criar em novas bases a freguesia colada do **Senhor Bom Jesus do Monte da ilha de Paquetá**.

As cerimônias de duas igrejas, embora em dissídio, patenteavam o aumento da população, que as freqüentava, interrompendo as suas atividades costumeiras. Mais expressiva, a do norte consagrava-se ao culto do patrono dos pescadores, cujo número indicaria a ocupação principal dos habitantes. Outras indústrias, todavia atraíram empreendedores ativos.

Assim é que Vieira Fazenda mencionou o estabelecimento montado na ilha de Brocoió pelo capitão de navio Joaquim José Pinto Serqueira, que, em 1822, satisfeito com o êxito financeiro de sua fabricação de cal, chama a família, que deixara em Portugal e, sem demora, adquire de “Maria Florência de Gordilho, irmã da marquesa de Jacarepaguá”, a fazenda de São Roque, com a respectiva capela, que por intermédio dos seus herdeiros, seria doada à “Mitra”.

A ilha conheceu por essa época dias de gloriosos festejos, quando o Príncipe Regente a procurava para repouso periódico. Ainda existe o solar de Francisco Gonçalves da Fonseca, engrandecido pela hospedagem proporcionada ao real veranista, bem como o velho canhão, exibido na praia dos Tamoios, que lhe dava as salvas de boas vindas ao desembarcar.

Depois, quando a contragosto deixou o Brasil, e não pode mais rever a “Ilha dos Amores”, como a costumava apelidar, não se interromperia a série de visitantes insígnies, do naípe do primeiro Imperador, José Bonifácio, que em seu retiro discreto foi procurado por especial estafeta, apressado em confiar-lhe a nomeação de tutor de Dom Pedro II, de Evaristo da Veiga, do regente Bráulio Muniz, e de tantos vultos eminentes na política, nas letras ou nas artes.

## **O FILHO DO FABRICANTE DE NAVIOS**

É na pequena ilha de Paquetá, que nasceu, a 9 de outubro de 1784, José Gomes Pinheiro, ou mais precisamente o capitão José Gomes Pinheiro Vellozo. O filho que veio trazer um raio de alegria e esperança àquele lar. O ambiente familiar era um fascínio. A vida laboriosa da pequena ilha, seu crescimento constante e vertiginoso, os cenários circundantes, constituíam atrativos permanentes. Estas as motivações, de efeitos tão salutares, que cercaram as primícias da formação de José Gomes Pinheiro.

Inteligente e ativo, desde criança revelou grande pendor para os negócios, ajudando o pai em suas atividades junto ao pequeno estaleiro de propriedade da família. Cinco anos após o nascimento de seu filho, o velho Cosme tomava conhecimento das agitações que afligiam a velha Europa. A 14 de julho de 1789 a famosa fortaleza da Bastilha foi atacada por multidões, incluindo amotinados da Guarda Francesa que destruíram a odiada prisão, dando início à Revolução Francesa. Esses

acontecimentos provocariam a ascensão de Napoleão Bonaparte como imperador dos franceses. Os exércitos napoleônicos percorriam a Europa como uma onda, sem respeitar fronteiras, tratados, nem linhagens ilustres. As idéias liberais que tinham provocado a Revolução Francesa alastravam-se rapidamente. A Inglaterra disputava com a França o mercado português e a Espanha também ameaçava seus vizinhos lusos. O General Junot, na sua arrancada para Lisboa, mal sabia que, com a poeira levantada pelos cascos do seu cavalo, se estavam lançando as bases de um futuro Império.

## ESTUDO EM SANTOS

Aos quinze anos, quando o espírito juvenil encontra chamamento nas reuniões sociais e nas extravagâncias sanadas pelo próprio verdor dos anos, iniciou, em Santos, sua vida de estudos direcionada à carreira militar e posteriormente ao



*Imagem da cidade de Santos em época que José Gomes Pinheiro aí estudou*

comércio. O dinheiro que seu pai ganhava como armador fôra suficiente para dar-lhe educação, na qual sobressaiu pela inteligência e força de vontade. Deram-lhe, sem dúvida, discípulos beneditinos, ao lado de preciosos ensinamentos intelectuais, sadias normas morais e espirituais. É da pedagogia beneditina dilatar os horizontes mentais dos jovens confiados aos seus estabelecimentos de ensino, sem contudo olvidar, por um instante sequer, a formação do caráter.

A tais estímulos, valiosos e positivos, iria ser adicionado mais um, igualmente salutar. Seu pai Damião Cosme Albornóz alimentava grandes esperanças no futuro do filho. Não fazia segredo dos seus sonhos. Constantemente, dizia que José Gomes havia de ser na vida um militar de alta patente e um político de prestígio. Ocuparia elevadas investiduras na cidade e na Província. Se a morte não tivesse chama-

do tão cedo o ilustre patriarca português, teria ele visto o filho ir além, muito além, da sua predição, brilhando na gleba nativa, na terra bandeirante e nos meios políticos do Império.

Cidade portuária, Santos, possuía, excelente escola preparatória de cadetes. O pai do jovem José Gomes era um homem que sabia pensar e agir de acordo com seus projetos. Não foi por outra razão que deliberou, bem cedo, fazer o primogênito abraçar a vida militar. Com efeito, aos 14 anos de idade, José Gomes Pinheiro foi alistado como cadete no Regimento de Infantaria para a praça de Santos, mais conhecido como “Regimento de Santos”.

Quando a 8 de março de 1808, chega ao Rio de Janeiro a Corte portuguesa, o jovem José Gomes Pinheiro vibra, com seus companheiros, o grande acontecimento. É um dia de festa para a Colônia - o seu maior dia.

Desde cedo a multidão enche as ruas e aperta o velho Terreiro do Carmo, onde deve ser realizado o desembarque. Estalam foguetes pelo ar. As ruas engrinaldam-se com arcos de triunfo e matizam-se com folhas de mangueira e de canela. Os sinos espalham pelo céu macio, dourado pela claridade crua de um bonito sol brasileiro, uma algazarra estridente de hinos sacros e martelada de bronze.

Pendem-se das janelas colchas riquíssimas, que se agitam ao vento como bandeiras. Os jovens cadetes santistas já se acham prontos para receber o Príncipe Regente: os religiosos, os ministros, o Senado da Câmara, o estandarte da cidade e, imponente, severa, alta, entre dois círios, a Cruz do Cabido.

Há, na verdade, razão para toda essa alegria. O povo, com seu imanente dom divinatório, está festejando o Reino do Brasil e bem sabe que do porão daquelas fragatas fujonas, que talvez seu velho pai ajudou a construir, no longínquo Portugal, sairão benefícios incalculáveis para o seu desenvolvimento, até então peado em todas as suas expansões por manoplas de ferro e ferropéias de escravidão.

O jovem estudante que já sabia latim suficiente para ler certos clássicos da antigüidade e que havia assistido sem muito gosto às aulas de pintura, francês e inglês. Cultura, entretanto, não era o grande interesse de José Gomes Pinheiro. Preferia o trabalho manual, os exercícios violentos. Nascera para a ação. Com o mesmo desembaraço com que lavrava madeira no pequeno estaleiro do pai, era capaz de saltar no lombo de um potro chucro e domá-lo. Metia-se pelas cocheiras para lavar animais e passava horas em conversa com os viajantes, indagando dos múltiplos caminhos que cortavam a província.

## **O COMÉRCIO TRANSFORMA SUA VIDA...**

A série de decretos assinados por Dom João, entretanto, logo começou a surtir efeito. Para se ter uma idéia do que significou a abertura dos portos, basta dizer que, já em 1810, 422 barcos estrangeiros ancoraram no Rio. Depois da queda de Napoleão e da paz assinada entre Portugal e França, esta também começou a comerciar com o Brasil. E o país foi inundado de produtos europeus, pois tudo nos faltava. Até copos, facas e tesouras eram artigos de luxo. Da Inglaterra vinham agora tecidos, porcelanas, ferro, chumbo, cobre, zinco, pólvora, queijos, manteiga, cerveja e outras bebidas, enquanto os franceses passaram a nos enviar - tão

logo puderam - jóias, móveis, velas de cêra, medicamentos, relógios, licores, roupas e quinquilharias finas.

E os armazéns do Rio de Janeiro e Santos abarrotavam-se de mercadorias à espera dos comerciantes. Era tal a euforia no comércio que o jovem José Gomes Pinheiro tratou logo de adquirir tropa de muares para transportar à capital da província paulista as tão apreciadas mercadorias européias.

### **DE SÃO PAULO A SANTOS...**

Para quem sai de São Paulo pela estrada de Santos, depois de haver deixado o pitoresco sítio da Glória, célebre por uma casa que se vê distante do caminho e pelo eco que aí se desafia nas belas noites de luar, o primeiro objeto digno de atenção que se encontra é, a pouco mais de uma légua da cidade, um lugar estéril, abandonado e êrmo, onde apenas crescem algumas ervas rasteiras e arbustos enfezados, por entre os quais serpeia um triste arroio, e onde imperam a solidão e o silêncio. Este lugar chama-se a campina do Ipiranga!

Pouco mais adiante do Ipiranga encontra-se uma belíssima figueira brava, cujos galhos, bracejando em sanefas de verdura, formam um docel em toda a largura da estrada.

Ao lado desta árvore fica um rancho de tropeiros, onde também se abrigam e descansam muitas vezes as pessoas que transitam por estas paragens. Continuando a seguir pela estrada de Santos, muitas vezes palmilhado pelo jovem José Gomes Pinheiro, encontravam-se os seguintes pousos: S. Bernardo, que era uma pequena povoação adornada de uma igreja; o Ponto Alto, o Rio Grande, Caveiras, o Zanzalar, Rio das Pedras, e finalmente o Alto da Serra e a Cachoeira.

Antes de chegar ao alto da serra começa a sentir-se um efeito maravilhoso da luz e do ar, que vem como em lampejos dos confins do horizonte, e nos anuncia as proximidades do oceano, que há tanto tempo não víamos, peregrinando no seio das florestas, ou admirando às vezes o curso dos rios gigantescos ou o fio cristalino das águas dum arroio! Aspiramos portanto com sofreguidão o ar puro da serra de Paranapiacaba, que se ergue como um colosso de granito às portas do mar.

Naqueles idos de 1810, o tropeiro era o comerciante, o correio, o portador das novidades, o jornal ambulante, o banco na transferência de dinheiros, o agente de negócios, elemento humano, enfim, de extraordinária valia, correspondente a um só tempo, do que desempenham nos tempos atuais, a ferrovia, o ônibus, o avião de carreira, os correios e telégrafos, nas localidades brasileiras insuladas na vastidão da hinterlândia.

### **OFICIAL DAS MILÍCIAS DO “REGIMENTO DE SANTOS” A PROTEGER OS CAMINHOS....**

Pela Carta Régia de 22 de julho de 1766 foi determinado a Dom Luiz Antonio, que com as sete companhias existentes (estando duas no Rio Grande de São Pedro) se formasse o Regimento de Infantaria para da Praça de Santos (chamado também



“Regimento de Santos” e “Regimento Novo”), sendo nomeado seu comandante Manoel Muniz dos Santos.

Por Decreto de 29 de agosto de 1808 o Regimento de Santos foi aumentado e dividido em dois batalhões com 4 companhias cada um, recebendo então a designação de Regimento de Caçadores, com 1.029 homens, um batalhão comandado pelo Coronel Cândido Xavier de Almeida

da Lara, outro, pelo Tenente-Coronel José Pedro Galvão de Moura Lacerda. Passou mais tarde à denominação de Regimento da Província de São Paulo.

José Gomes Pinheiro, então tenente, segundo os usos e privilégios das famílias de origem portuguesa, fôra indicado para ocupar o posto de oficial do Corpo de Milícias que guarneciam os caminhos de serra acima. Estas companhias faziam todos os serviços da época, tanto de guerra como de polícia.

Com o arrazoado aumento do trânsito comercial, os caminhos tornaram-se alvos de ataques de bandoleiros e ladrões. Oficial inteligente, disciplinado e disciplinador, merecendo por isso a confiança dos seus chefes e o respeito dos seus comandados.

Os liberais viviam uma nova realidade: a luta pela independência. Essa nova realidade o aguardava. Mas os soldados portugueses, os comerciantes e políticos ligados à coroa portuguesa relutavam em aceitar os fatos. O movimento de independência ampliava-se, tomava corpo, os brasileiros queriam a emancipação. Os movimentados caminhos informavam os acontecimentos.

## **O CASAMENTO EM SÃO PAULO COM ANNA FLORISBELLA - 1816**

A atividade comercial era intensa. As idas e vindas fizeram com que o jovem tropeiro se estabelecesse em São Paulo, núcleo centralizador das atividades com Sorocaba- onde fixou residência- Itapetininga e todo o interior da província. O então Capitão José Gomes Pinheiro vai fazer trinta e dois anos. Comerciante conhecido e conceituado conhece Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos, filha de Maximiano de Góes e Siqueira Leite e Antônia Caetana Machado de Oliveira e Vasconcellos, de linhagem portuguesa.

O pai de Anna Florisbella era bisneto do capitão Maximiano de Góes e Siqueira, casado com Maria de Arruda Botelho (casados em 1695 em Parnahiba) e trineto de Lourenço Castanho Taques (o Moço) e Maria de Araujo.

Maria de Arruda Botelho, era filha de Sebastião de Arruda Botelho, português, casado com Izabel de Quadros, filha de Bartolomeu de Quadros e de Izabel Bicudo de Mendonça.

Antonia Caetana Machado de Oliveira e Vasconcellos, mãe de Anna Florisbella, era filha do Capitão Francisco José Machado de Vasconcellos e Anna Pinto da Silva Sães, natural de Santos.

Anna Florisbella, pelo lado paterno, tinha como ascendentes gente dos Castanho, Taques, Bicudo, Quadros, Arruda, Botelho e Mendonça, estirpe de bandeirantes de Itu, Parnahiba e São Paulo (da velha Piratininga). Pelo lado materno, Anna Florisbella era descendente de Antonio de Oliveira - Cavaleiro Fidalgo da Casa de El Rey, que, por duas vezes foi Capitão Mór, Governador da Capitania de São Vicente, primeiro substituindo Gonçalo Monteiro (1539 a 1543) e depois Brás Cubas (1549 a 1554).

Sua noiva “uma das primeiras donzelas da mais aristocrática sociedade: beleza, porte senhoril, educação esmerada, virtude e opulência”, tem apenas dezesseis anos! É uma menina.

Hera florida que se encontra a um muro de pedra. A graça e a força. A delicadeza da mulher ao lado da resistência do tropeiro/desbravador. Uma rosa entreaberta que vai dar garrídice e formosura a um escudo de bronze. A jovem paulista, nascida em Sant’ Anna do Parnahiba em 25 de março de 1798, descendente da estirpe de bandeirantes de Itu, Parnahiba e da velha Piratininga era prima-irmã de seu amigo, o Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, com o qual mantinha estreitos relacionamentos de trabalho.

*Anna Florisbella Machado*

## A CERIMONIA NA VELHA SÉ

O esplendor dos templos e a solidez e avançada técnica das fortalezas caracterizaram também a passagem do colonizador luso pelo nosso País, embora, no caso, sem a mesma grandiosidade da América Espanhola, trabalhada por um elemento místico muito mais profundo.

Na primeira década do século XIX localizava-se, a velha Sé, na parte inferior do Largo do mesmo nome, tendo seus fundos, mais ou menos, na altura da rua Barrão de Paranapiacaba. A fachada ficava fronteira à igreja de São Pedro,



que estava no lugar hoje ocupado pelo edifício da Caixa Econômica Federal. Ao lado da catedral havia a Casa do Cabido, onde em 1846 funcionou a primeira Escola Normal de São Paulo. Nessa Casa ficava o Arquivo, quase inteiramente destruído por um incêndio em fins do século passado. O quinto Bispo de São Paulo, Dom Manuel Joaquim Gonsalves de Andradas, iniciou ampla reforma da Sé, em 1845.

A 8 de outubro de 1816, às dezenove e trinta horas, na paróquia de Nossa Senhora da Assunção - Sé - Catedral - na capital da província de São Paulo, o padre João Nepomuceno dá com toda a solenidade as bênçãos matrimoniais aos cônjuges. É o casamento oficial e público perante o Juiz dos casamentos Manoel Joaquim Gonsalves de Andradas e por testemunhas o Capitão Joaquim Ignácio Ribeiro e o Sargento - Mor Jeronimo Pereira Crispim de Vasconcellos.

O amor e o casamento imprimiram traços novos em sua personalidade. Encargos e responsabilidades, sucessos e decepções alargaram a sua visão, dando-lhe a lucidez da experiência. O trabalho no manejo da tropa tornou-o mais refletido, guindou-o à maturidade. Mas nada conseguiu modificar seu temperamento, seu gosto pela liberdade e o hábito que tinha de ser fiel a si mesmo em todos os momentos.

### **PRIMO-IRMÃO, UMA PERSONALIDADE DO PRIMEIRO REINADO...**

O Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira era filho do Sargento-Mór Francisco José Machado de Vasconcellos e de Anna Esméria da Silva, natural de Santos. Anna Esméria da Silva, era filha do Capitão Salvador Gomes Ferreira, natural da Villa de Tondella, bispado de Vizeu e de Cordula Maria de Jesus, natural de Santos. O Capitão Salvador Gomes Ferreira foi Capitão de Ordenanças da Praça de Santos.

Dedicado à carreira das armas desde os seus mais tenros anos, nem por isso deixou de cultivar o espírito, de modo que o seu mérito militar foi realçado pela ilustração que adquiriu e o colocou a par dos homens de letras de seu tempo. Distinguindo-se por sua inteligência e bravura na campanha do Sul, de 1817 a 1822, obteve os postos até o de coronel. Em 1822, sendo ainda major, mereceu a honra de ser eleito pelo exército para orador da deputação que os oficiais em campanha mandaram ao príncipe regente Dom Pedro para pedir-lhe que ficasse no Brasil. Desde então o mérito e aptidão de Machado de Oliveira começaram a ser melhor aproveitados nos cargos de presidente de várias províncias e comandante de armas; entre estas faremos menção especial da do Pará, na qual à sua inteligência, tino e energia deve-se a pacificação da revolta conhecida pelo apelido de - mata lusitano. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o honrou como a um dos seus mais prestimosos sócios; nele distinguiu-se com escritos de verdadeiro merecimento, pelo que obteve uma medalha de ouro. Eleito deputado por São Paulo à 6a legislatura, tendo antes sido eleito na 1a pelo Rio Grande do Sul, delegado do diretor geral das terras públicas e diretor geral dos índios em São Paulo, o brigadeiro Machado de Oliveira foi um poderoso auxiliar de todos os administradores, que recorriam às suas luzes e experiência dos negócios públicos.

## O ESPOSO PERFEITO

José Gomes foi, pode-se afirmar, o esposo perfeito. Como todo o casamento de amor, nenhum o excede em venturas e virtudes. O lar do valoroso tropeiro vive da paz tranqüila que dá o amor mútuo e satisfeito. Anna Florisbella quase que se sente a esposa mais feliz do mundo.

Possui conforto e tranqüilidade; afeto e confiança. Mas... como é insegura e cheia de sacrifícios a vida do marido!

O lema do jovem esposo poderia ser como o de Washington: “O dia todo, só, em minha casa”. - A paz e a alegria do lar. Fora, o mundo de vaidades e imposturas. E o lar como um ninho de sossego e de amor.

E, no entanto, o valoroso oficial das Milícias nem sempre tem o direito de passar o dia em casa e, muitas vezes, as noites!

As contingências do serviço exigem freqüentemente a sua permanência junto à casa de comércio na rua das Tropas. Briosos, extremamente devotado ao serviço e sempre vigilante pela manutenção da ordem, o tropeiro pouco se afasta das suas obrigações.

“A mulher é o repouso do guerreiro” - afirma Nietzsche.

José Gomes, depois de casado, concentra todos os amores de que é capaz o coração humano em um só: a sua meiga e dedicada esposa.

Anna Florisbella é um amor que dura toda uma existência. José Gomes vive casado 32 anos. E em todo esse largo tempo a sua vida conjugal é um modelo de virtudes, um sereno exemplo de lar sossegado e feliz.

O tropeiro, ao fim da vida, realizara a grande aspiração do poeta: “être célèbre et être aimé”.

## PROLE DE JOSÉ GOMES PINHEIRO E ANNA FLORISBELLA

Do feliz consórcio com a meiga e encantadora filha de Maximiano de Goes e Siqueira Leite de extirpe bandeirante nascem dez filhos: seis homens e quatro mulheres.

Anna Florisbella, era a décima neta de Antonio Rodrigues e da índia tapuia, filha do cacique Piquerobi, batizada pelo padre José de Anchieta, de Antônia Rodrigues (S.L. v. 1o ps.45 e 47 v. 2o p. 5). Os caciques Piquerobi e Tibiriçá, com os padres jesuítas, foram os co-fundadores de São Paulo.

Muito religiosa, desde cedo mostrou sua devoção à Sant'Anna e demonstrou seus votos de mãe e educadora de numerosa prole.

A ordem do nascimento dos filhos do casal não é a que se lê em Silva Leme (Genealogia Paulistana v. VIII p. 532), mas a que consta no inventário do cap. José Gomes Pinheiro (Cartório de Offícios de Itapetininga), mostrado ao historiador cônego Castanho de Almeida por outro distinto pesquisador, Jair Toledo Veiga. Obs.: O nome de Leopoldina Carolina não aparece no inventário do cap. José Gomes Pinheiro, só mais tarde, no inventário de Anna Florisbella.

De acordo com o documento mencionado, a ordem é a seguinte:-

O jovem casal originaria o terceiro ramo da família, o dos Pinheiro Machado, cujos primeiros descendentes foram:- **Major Matheus Gomes Pinheiro Machado**, nasceu aos 22/07/1817 em Sorocaba e faleceu em Botucatu em 06/10/1887, casou-se em 26/04/1846 com Joaquina Roza da Cunha Caldeira; **José Gomes Pinheiro Machado**, nasceu em Sorocaba, casado com Messias de Paula Machado; **Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado**, nasceu em 23/01/1819 em Sorocaba e faleceu em Santo Angêlo (RS) aos 21/09/1871, casado com Maria Manoela de Oliveira Ayres; **Anna Florisbella**, casada com o capitão Tito Correa de Mello, nasceu em 1824 em São Paulo e faleceu em 30/01/1907 na cidade de Botucatu (SP) - fazendeiro, deputado à Assembléia Provincial, delegado e chefe político em Botucatu; **Major Jorge Gomes Pinheiro Machado**, nasceu em Itapetininga aos 24/04/1830 e faleceu em 28/09/1883, casado com Francisca Brandina Machado; **Joaquina Roza Gomes Pinheiro Machado**, casada com o Senador Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva, nascido em 04/11/1827 e falecido em 05/09/1894; **Major Joaquim Gomes Pinheiro Machado**, casado com Barbara Antunes Ribas, foi um dos heróis da guerra do Paraguai; **Maria Delphina Gomes Pinheiro Machado**, casada com o Tenente João Baptista da Cunha Caldeira que foi o primeiro Coletor de Botucatu; **Major Manuel Gomes Pinheiro Machado**, nasceu em Sorocaba aos 10/11/1835 e faleceu em Botucatu em 27/02/1895, casado com sua sobrinha Sophia Gomes Pinheiro Machado (nasceu em 1848 em Cruz Alta (RS) e faleceu 27/12/1921 em Botucatu), foi fazendeiro, político, vereador por várias legislaturas; **Leopoldina Carolina**, nasceu em 1848; casada com o Alferes Hygino José da Cunha Caldeira.

Segundo depoimentos do escritor Francisco Marins, do historiador Arcebispo Emérito de Botucatu Dom Vicente Marchetti Zioni e da família Pinheiro Machado, os restos mortais de Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos, esposa do Cap. José Gomes Pinheiro, enterrada em São Paulo- capital - serão transladados para Botucatu e, sepultado, ao lado do esposo, no cemitério “Portal das Cruzes”.

## EM SOROCABA, TROPAS E TROPEIROS...

Desde os primórdios do século XVIII, quando o comércio de muares e cavaleiros representava, uma das mais lucrativas atividades mercantis da capitania, aparecia a Vila de Sorocaba, como principal núcleo de convergência dos grupos de tropeiros que, formando enormes caravanas para lá se dirigiam, a fim de negociar suas tropas. Situada bem próxima da sede da capitania e em função da privilegiada posição geográfica, Sorocaba progredia, rapidamente, constituindo-se já naqueles tempos, no centro obrigatório de reunião tanto de vendedores como de compradores que ali aportavam, vindos das mais recônditas regiões que hoje compreendem os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Intermediários entre a gente do sul e a do centro, entre os vendedores e compradores, os sorocabanos foram muitas vezes, por si, buscar ao **Viamão** e levar ao Rio, Goiás, e Minas as suas tropas. Assim, viajavam o ano todo. É verdade que a



*Margem esquerda do Rio Sorocaba, em fins do século XIX*

tentação do sul foi maior e que muitos sul-paulistas ficaram no Rio Grande. O genealogista Silva Leme usa esse refrão onde se ocultam tantos heroísmos e freqüentemente: Fulano “foi para o sul”. E novos genealogistas gaúchos vêm atualmente tirando a limpo os inúmeros troncos paulistas que, recebendo alentos da transmigração dos casais açorianos, legaram ao Brasil esse rincão belíssimo e esses homens valorosos do Rio Grande.

## **O CAMINHO DAS TROPAS**

Na Segunda metade do século XVIII, depois da expulsão dos tapes, não haveria mais necessidade de utilizar o **Caminho da Praia**. Segundo Raul Pont, os tropeiros utilizavam uma rota pelo interior do Continente. No pampa daqueles tempos, um mar verde a se perder de vista, sem estradas, sem cercas, orientava-se o tropeiro pelas estrelas e pelos poucos acidentes geográficos da região. Entrando pelo passo da Santana Velha, um pouco abaixo da atual Uruguaiana, seguia-se na direção do cerro do Jarau; deste ponto rumava-se na direção da coxilha dos Ventenas, passando-se, pelo local onde seria fundada Alegrete; sempre desviando os rios maiores, seguia-se pela crista do Yapeyu, vadeando-se o Ibicuí, no passo do Capané e subindo a coxilha de Santa Rosa para evitar a travessia do Itapororó; daí rumava-se na direção do cerro do Loreto (São Vicente); depois de atravessar vários rios, avistava-se a encosta da serra, sinal de que já estava chegando à Boca do Monte (Santa Maria). Sempre tomando a encosta da serra como referência, seguia-se na direção do Rio Pardo, desviando como se podia as curvas do caudaloso rio

Jacuí, mas era preciso vadeá-lo, onde? O local mais provável da passagem é o Passo das Pederneiras, nas proximidades do sítio onde seria fundada a vila de Rio Pardo; daí para diante era só tomar o rumo de Viamão, seguindo os pontos de referência e procurando os passos mais fáceis. De Viamão em diante, já se sabe: Santo Antonio da Patrulha, São Francisco de Paula, Bom Jesus, Vacaria, Passo de Santa Vitória, Lages, Rio Negro, Lapa, Ponta Grossa, Castro, Itararé, Itapeva, Itapetininga, Araçoiaba da Serra e Sorocaba.

Afonso Arinos escreveu magistral página a respeito das tropas de muares em seu livro “**Histórias e Paisagens**”, explicando detalhadamente o papel das tropas, sua missão social, organização e curiosidades. Disse o escritor:

“**Tropeiro** é, em regra, o patrão da tropa, o empresário de transportes; os empregados são os tocadores, que marcham a pé, e o cozinheiro. Quando o patrão não conduz a própria tropa, quem a governa é o arrieiro. Tanto este como o tropeiro andam a cavalo. Por vezes, se a tropa é numerosa ou o patrão não quer acumular as funções de arrieiro, há um e outro.

As tropas são sempre compostas de muares, os mais fortes para suportarem o peso da carga e a fadiga das marchas; trazem, porém, pelo menos, uma égua - **a madrinha**. A madrinha, em cujo pescoço tine o cinorro, desempenha importantíssimo papel. É em torno dela que se reúne toda a tropa e o cinorro anuncia, à distância, o lugar onde pára, em pastagens. As mais das vezes, o tropeiro tem de encostar a tropa por falta de pastos fechados, ou por ficar dispendioso o aluguel destes; o **encosto** é o pasto aberto, e sem a madrinha a tropa se espalharia. Uma das condições para a regularidade da marcha é, pois, estar a tropa amadrinhada, o que quer dizer acompanhar sempre a madrinha.

A disciplina de uma tropa é rigorosa: para dirigí-la é necessária uma soma de previsão, de cuidados; uma prática e uma energia de que só podem fazer idéia justa os capitães das expedições.

Não só as dificuldades próprias do caminho, o mau tempo, as passagens dos rios, as travessias custosas, os atoleiros, os roladores das serras, mas ainda o tratamento diário dos animais, as aguadas, os pastos, o transvio, as ervas venenosas, as moléstias comuns dos cargueiros, o meio de evitá-las ou curá-las - tudo isto constitui ocupação constante do tropeiro. E além de tudo isso o zêlo pela carga, que é um depósito sagrado e não pode sofrer detrimento algum.

A carga de cada burro varia de oito a doze arrobas, excepcionalmente mais. Alcear essa carga, suspendê-la, velar para que fique sempre em equilíbrio, a fim de não pisar o animal; balancear os fardos pesados com dobros, ou pequenos volumes que se colocam por cima; pôr um grande caixão de chapéus como contrapeso de um pequeno saco de chumbo, saber de que lado se deve apertar - eis aí uma ciência que só se adquire à custa de pesadas fadigas e não é para qualquer temperamento”.

As tropas obedeciam a séria disciplina, a uma divisão de trabalho justa e equitativa. Cada lote era incumbido a um ou dois tocadores e a colocação dele, isto é, a ordem de marcha, era também regulada.

“O número do pessoal - diz Afonso Arinos - varia conforme o número de lotes e já vimos que esse pessoal encerra pelo menos três categorias: o tropeiro ou o arrieiro, os tocadores e o cozinheiro.



Também as tropas têm categorias indicadas por sinais que são como as divisas do posto. Assim, a primeira categoria tem por distintivo a **cabeçada**, geralmente de prata enfeitada de **martinetes** e de **campainhas**. Só podem trazer cabeçada as tropas de cinco lotes para cima.

Os tropeiros não se confundem, também, com os condutores que trazem das fazendas aos mercados municipais cargueiros cavaleiros com os produtos da lavoura.

Esses condutores são designados pelo nome de **bruaqueiros**; não têm a regra das tropas, nem empregam, geralmente, muares. Vêm-se em todo o norte do Brasil. Os seus cargueiros são os fortes cavalos sertanejos, que tanto têm de humildes quanto de valentes. Às caravanas de viajantes de toda a sorte, trazendo muitas vezes numerosos cargueiros, dão o nome de comitiva ou de condução; e às cavalgadas destas, embora algumas vezes compostas quase que exclusivamente de muares, dão o nome de **cavallhada**, a fim de reservarem o termo tropa só para as legítimas, empregadas no comércio de transportes”.

Numerosos e de singular aspecto eram os arreios e petrechos das tropas que ainda hoje são vistas em diferentes pontos do nosso território, como, para somente citar um exemplo, no interior de Minas e de Goiás.

Como tropeiro, José Gomes Pinheiro dedicava-se, de um lado, ao comércio de animais entre o sul do país e Sorocaba, incentivando e dando mais vida às “feiras”, de contribuição decisiva para o desenvolvimento regional; do outro, ao transporte da produção agrícola da comuna para os centros consumidores. Para transportar a Santos os produtos da zona açucareira ituana, era preciso maior número de tropas arreadas, e, pois, o abastecimento de muares chucros do sul na feira anual sorocabana, que muitos anos se manteve.

Negociante de “balcão” em 1815 á rua do Comércio ou da Passagem das Tropas(Souza Pereira), próximo aos Lopes de Oliveira. As lojas eram mais na rua da Passagem das Tropas e rua das Flores (Mons. Soares).

Como boiadeiro, fazia o comércio de gado vacum das fazendas do município e dos municípios circunvizinhos com Sorocaba e com as cidades mais populosas. Se o bandeirante foi o pioneiro audaz que deixou em cada estação de seu percurso uma cidade do futuro, em cada picada o roteiro de uma auto-estrada de nossos dias, o tropeiro e o boiadeiro transformaram-se nos artífices do devassamento e da fixação. O primeiro foi um desbravador; os outros conquistadores e povoadores.

Já em 1815, José Gomes Pinheiro mantém negócios na praça de Sorocaba. Proprietário de terras, instala-se na Rua das Tropas com comércio de muares. O comércio cresce. Os negócios prosperam. Homem de grande influência na política, é eleito Deputado à Assembléia Provincial, com intensa atuação em Itapetininga.

Adquire a fazenda “Campo Largo” (Araçoiaba da Serra) nas imediações de Sorocaba, núcleo central de seus negócios. Era o principal fornecedor de gado de corte para a alimentação da escravatura de serviço junto à Fábrica de Ferro de Ipanema. Já, pelos idos de 1828<sup>2</sup>, havia adquirido do Alferes João Pires de Arruda<sup>3</sup>, uma fazenda de criar, comprada nos sertões contíguas ao antigo caminho de Igua-temy, termo da Villa de Itapetininga, a qual queria possuir por título de sesmaria com mais um campo a ella pegado, confrontando a testada do dito campo pela parte de Sudeste com uma restinga de mato grosso que divide os ditos campos e que terá 3/4 de legua pouco mais ou menos de largura, correndo o sertão pelo rio Claro acima para a parte da serra do padre Costa, com duas léguas de fundo,

---

2. A data correta é 1808.

3. O nome correto é João Pires de Almeida Taques.



*Fábrica de ferro de Ipanema*

pouco mais ou menos; e pela parte de Leste servindo-lhe de divisa os limites de sua fazenda; assim mais, ficando compreendidos nesta sesmaria, todos os capões e restingas para logradouros da sobredita Fazenda. Nesse latifúndio, conhecido como “campos de Botucatu”, desenvolveu duas de suas fazendas de criar - a Monte Alegre e Capão Bonito.

**O Sargento-Mor João Pires de Arruda**<sup>3</sup>, casado com Marianna de Campos, tinha o seu sítio em Sorocaba, com terras de sesmarias, onde residia, e a sua fazenda em Botucatu, na estrada aberta por José de Almeida Leme (caminho do Iguatemy) para o rio Paraná. Fazenda era um trato de terras onde o dono deixava um caseiro que tomava conta do gado. Assim no Rio Grande do Sul, assim no São Francisco. “Vivia de seu negócio e de lavoura”. (in “História de Sorocaba” de Aluisio de Almeida)

Em 1835 havia, nos campos de Botucatu, quatro fazendas:- A Fazenda Monte Alegre que compreendia três outras: Capão Bonito, Morrinhos e Pedras; a fazenda Rio Claro, pertencente ao capitão Ignacio Apiahy, tronco da família Dias Baptista; as fazendas Pulador e Boqueirão, pertencentes a Raymundo de tal e herdadas por seus genros cap. Joaquim Gabriel de Oliveira Lima e José Innocencio da Rocha; finalmente a fazenda Bom Jardim, que era de um tal Marques.

Estas fazendas estavam a cargo de capatazes, vivendo seus proprietários em Itapetininga.

### **EXPLICANDO AS SESMARIAS...**

Essas sesmarias eram terras incultas ou abandonadas, que os reis de Portugal cediam a sesmeiros que se dispusessem a cultivá-las.

Os que desejavam sesmarias e tinham condições, conforme a lei, requeriam ao governador e as obtinham.

Nas **cartas de data ou doação**, das sesmarias constava a obrigação dos sesmeiros demarcarem as terras concedidas e de cultivá-las, dentro de dois anos, e se faltassem a qualquer das cláusulas enumeradas na carta “se haverão (as terras) por devolutas, e te darão a quem as pedir, ou denunciar, como Sua Majestade manda em suas reais ordens”.

Esses latifúndios, em São Paulo só surgiram, de fato, no século XIX, com a lavoura do café. Do latifúndio é que partiam a determinação dos valores sociais; nêle é que se traçavam as esferas de influências; é êle que classificava e desclassificava os homens; sem êle não havia poder efetivo, autoridade real, prestígio estável. Nenhuma força se lhe opunha. Em verdade, quem mandava era o latifundiário. Isto aconteceu na época colonial, e, por herança, durante muito tempo depois.

Há ainda regiões onde o latifúndio mantém uma “aristocracia” sobre os alicerce cada vez mais fugidio de populações maltratadas.

## O QUE ERAM AS ORDENANÇAS DO IMPERADOR

Numerosas são as alusões às ordenanças em documentos e vereanças das câmaras de São Paulo, e de outras vilas no correr do século XVII; mais tarde, na correspondência dos governadores.

Em 1660 Gabriel de Lara foi feito Capitão-mor de Ordenanças, Ouvidor e Alcaide-mor de Paranaguá. Em Iguape já havia em 1699 a “companhia dos homens casados e a dos reformados”, denominações que indicam tratar-se de ordenanças. A partir de 1700 intensifica-se a criação de companhias em todas as vilas e povoados, sendo constante desde então a distribuição de patentes de coronéis, capitães-mores e capitães de ordenanças tanto em São Paulo como, depois de 1707, nos distritos de Minas.

Em 1721, havia em Paranaguá duas Companhias de Ordenanças que foram então desdobradas em quatro para guarnecerem os povoados e ilhas próximas, compondo um regimento em conjunto com as companhias de Cavalaria de Ordenanças de Curitiba. Por decreto de 1725 foi determinado que se formassem 10 companhias de 60 homens cada uma.

A 5 de fevereiro de 1722 o Governador Dom Rodrigo César de Menezes, baixou um Regimento dando nova organização às Ordenanças da Capitania de São Paulo e esclarecendo seus deveres.

Ao iniciar o século XIX, entre 1802 e 1810, as ordenanças estavam organizadas com seus capitães-mores nas seguintes cidades e vilas da Capitania: São Paulo, Parnahiba, São Sebastião, Ubatuba, São Luís do Paraitinga, Jundiá, Freguesia do Ó, São Carlos, Piracicaba, Santos, Jacareí, Mogi-Mirim, Atibaia, Mogi das Cruzes, São José de Sales, Itanhaém, Iguape, Porto Feliz, Apiaí, Cananéia, Sorocaba, Guaratinguetá, Vila Bela, Nova Bragança, Pindamonhangaba, Lorena, Cotia, Itapeva, Areias.

Estavam, as Ordenanças, limitadas a patrulhamentos locais, rondas e condução de presos. Contudo, constituíam uma estrutura hierárquica social que com o

tempo formou a base de nosso desenvolvimento em comunidade.

José Gomes Pinheiro não era soldado, propriamente, mas um civil de importância que tinha seu título e farda de oficial nas antigas Companhias de Ordenanças.

## CIDADÃO DE DESTAQUE EM ITAPETININGA

Por ser considerada centro de grandes negócios, José Gomes Pinheiro, fixou residência em Itapetininga “num prédio existente à esquerda da igreja do Rosário, com a frente para a Rua das Tropas (hoje Quintino Bocaiúva)”. Adquiriu, nessa vila, fazenda de criação, onde se tornou grande negociante de animais. Era um homem da Corte e um homem do sertão. Deputado provincial, encerradas as tarefas legislativas de cada ano, corria para Itapetininga. Dali, a cavalo, percorria todas as suas estâncias; observava as pastagens, as plantações, o criatório; tomava providências, modificava métodos de trabalho, dava ordens. Encantava-lhe a paisagem campestre. Continuava o eterno filho da cidade que, ao lado de Sorocaba, era tida como dos tropeiros, dos boiadeiros e das feiras de animais. Na época (1836) a cidade se



destacava dentre as maiores da Província Paulista, chegando mesmo a superar Sorocaba, em população, até meados do século passado. Não obstante, a grande Feira de Animais, onde se reuniam os maiores comerciantes da região centro-sul do País, se localizasse naquela cidade, distante 70 quilômetros, de Itapetininga, na realidade, nesta cidade é que se entabulavam os primeiros grandes negócios, de sorte que os melhores rebanhos quando lá chegavam, já chegavam negociados. Daí o porquê, do grande progresso social político e econômico verificado no Século XIX, em Itapetininga.

Em 1840, era sua intensa atividade junto ao comércio de tropas, foi nomeado Coletor de Rendas Gerais e Provinciais, cargo que exerceu durante anos, prestando bons serviços ao govêrno imperial.

## ATUAÇÃO NA REVOLUÇÃO LIBERAL DE 1842

### O que foi...

Quando foi proclamada a maioria de Dom Pedro II, os liberais, cujas atitudes levaram à antecipação do início do Segundo Reinado, passaram a exercer o poder, substituindo os conservadores. A manobra política liberal não trouxe grandes vantagens para os seus autores, pois a facção permaneceu no poder apenas alguns meses. Em 23 de março de 1841, subiram novamente ao poder os conservadores.

A abertura da Câmara, em 1842, era aguardada com grandes esperanças pelos membros do Partido Liberal, pois eles contavam com a maioria dos participantes da Assembléia em seu favor. Porém, em 1º de maio daquele ano, o governo dissolveu a Câmara, estabelecendo uma verdadeira ditadura que se estendeu durante todo o ano.

Inconformados com a medida violenta do governo, os liberais se revoltaram contra ele. Foi essa a razão do aparecimento das revoluções liberais de 1842 em São Paulo e, pouco mais tarde, em Minas Gerais.

## LIBERAIS VERSUS CONSERVADORES

Evoquemos a época. 1841. Há anos que dois partidos lutam continuamente pela posse do poder - Liberais e Conservadores - alternando-se no governo. E mais viva se torna a porfia porque, de lado a lado, militam figuras de grande valor, talvez as maiores que o Brasil tenha tido em toda a sua vida parlamentar. É tal o apetite de mando nesse curiosíssimo período regencial, propício às mais variadas mutações políticas, que, como bandeira de partido, ou centro de gravitação de idéias, se pensa até em fazer de uma inexpressiva Princesa Januária, Regente do Império. E, mais que isso, reconhecer a Maioridade, dando-se a direção de um império a um menino de 14 anos de idade. E a Maioridade é feita, violando-se ostensivamente a Constituição!

Após oito meses, os liberais, que haviam explorado politicamente a questão da Maioridade, colocando no trono o menino Pedro II, são obrigados a deixar o poder. Volta o Partido Conservador e, desta feita, com excepcional espírito de tolerância e equilíbrio, adotando o critério da seleção das capacidades, a ponto de entregar uma das pastas ao Visconde de Sepetiba, do partido decaído.

Os liberais não se conformam com a queda inesperada, violenta. Há em suas fileiras homens de grande projeção, como Feijó em São Paulo e Teófilo Otoni em Minas, sem falar em Antonio Carlos, Martim Francisco, Limpo de Abreu, etc...

Além do mais, é muito frouxo o respeito que se tem pelo princípio da autoridade e pela energia do Governo... Há seis anos que arde no Rio Grande do Sul a Guerra dos Farrapos, sem que o Governo consiga dominá-la ou diminuí-la. E o seu exemplo vai acendendo fagulhas pelo Brasil...

Cogitar de uma reação pelas armas é, assim, idéia muito aceitável na época. E é o que faz o partido liberal, contando especialmente com o grosso das suas forças em São Paulo e Minas, e a passível cooperação farroupilha.

O motivo? Qualquer serve. Os técnicos da política escolhem um que pode impressionar as multidões.

O Governo havia decretado a lei da restauração do Conselho do Estado, a da Reforma do Código do Processo Criminal, e dissolvido as Câmaras, sob a alegação de Ter havido fraude e violência nas eleições. Com a dissolução das Câmaras, acende-se o estopim da revolta.

## A SEDIÇÃO DE SOROCABA

O movimento irrompe na cidade de Sorocaba em 17 de maio de 1842. O Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, que acabara de deixar o governo de São Paulo, é aclamado Presidente Interino da Província e presta juramento perante a Câmara Municipal.

A revolução em São Paulo é Feijó. É a sua presença que lhe dá prestígio e projeção. O movimento em si nada vale. O quadro torna-se, no caso, muito menor que a moldura.

A revolução estendeu-se ao Vale do Paraíba, levantando-se contra o governo as cidades de Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena e Silveiras. Esta última foi a que mais sofreu com a repressão ordenada pelo governo imperial.

José Gomes Pinheiro, vereador em Itapetininga, e seu filho Antonio Gomes Pinheiro Machado, jovem advogado formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, políticos e liberais, estavam, também, engajados na revolução, atuando em Sorocaba, Itapetininga e região. A influência de tantas personalidades ilustres deu força ao movimento.

O governo, sentido-se ameaçado, enviou tropas contra os revoltosos, com o comando de Luís Alves de Lima e Silva, Barão de Caxias. Desembarcando em Santos com reduzido número de soldados, as tropas de Caxias foram reforçadas com elementos novos conseguidos em São Paulo e venceram os revolucionários no local chamado Venda Grande, perto de Campinas.

Tobias de Aguiar fugiu em direção ao sul, com o objetivo de se abrigar na República Rio-Grandense, mas foi preso e levado para o Rio de Janeiro. O Padre Feijó foi detido em Sorocaba, sendo depois obrigado a ficar detido no Espírito Santo.

Todos os cabeças do movimento estavam sendo caçados: ituanos, itapetininganos, sorocabanos, capivarianos, porto-felicenses botavam-se às pressas para as brenhas, que a ordem era metê-los a ferros! Em fins de maio do mesmo ano, José Gomes Pinheiro, político liberal e vereador em Itapetininga juntamente com seu filho Antônio Gomes Pinheiro Machado, perseguidos pelas tropas de Caxias, refugiaram-se na fazenda do Monte Alegre, propriedade da família, situada nos sertões



*Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar,  
Chefe do Movimento de 1842*

de Botucatu. Era outono, e os ventos da serra já traziam um prenúncio de rigoroso inverno. Na Monte Alegre permaneceu a dirigir os negócios da fazenda, até a anistia decretada pelo governo imperial em 14 de março de 1844.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORIGEM DE BOTUCATU



*Primeira vista panorâmica de Botucatu em 1872*

Não é fácil restabelecer a verdade histórica em torno das circunstâncias, fundadores e datas de fundação de numerosos municípios brasileiros. Pontilham essas origens, às vezes nebulosas ou de documentação parca ou nula, numerosas lendas, que se transformam em verdadeiros mitos municipais (ou nacionais), contra os quais em vão investirá talvez a pesquisa.

De acôrdo com um estudo de Rubens Borba de Moraes “**Contribuição para a história do povoamento de São Paulo até fins do século XVIII**” - podemos reconhecer diversos tipos de povoamento urbano paulista responsáveis pelo aparecimento de diversos núcleos. São eles: povoador anônimo, aldeamento de índios, sesmarias e fazendas, pouso de bandeira ou de tropa e fundação deliberada (colônia militar e patrimônio).

Qual destes tipos de povoamento teria determinado a fundação e crescimento de núcleos urbanos na região outrora denominada “campos de Botucatu”?

“Pelo histórico atrás exposto deduzimos que a origem da serrana cidade, foi influenciada por diversas dessas categorias de povoamento, não se podendo afirmar no entanto que tenha sido este ou aquele determinado tipo, o responsável pelo seu aparecimento e desenvolvimento? Todos eles influíram.

Vejamos: O tipo de **sesmaria e fazendas** foi um dos processos mais comuns do povoamento de São Paulo, e talvez seja este o caso de Botucatu. As sesmarias correspondentes à região de Botucatu, são de 1719, conforme doação feita à Companhia de Jesus. A fazenda de Santo Ignácio, também conhecida por Votucatu, foi confiscada aos padres jesuítas depois da Lei de 03 de setembro de 1759, que os expulsou dos domínios de Portugal. Mais tarde, com a denominação de fazenda

da Boa Vista de Botucatu, foi arrematada por particulares que a subdividiram em centenas de propriedades agrícolas e de criação de gado.

Ora, a sesmaria produziu as fazendas. Nestas surgiram as capelas, que foram muitas vezes, a origem das povoações. Nos dados obtidos com referência à região dos campos de Botucatu, encontramos referências a algumas capelas. Assim, de acordo com informações dadas pelo historiador João Nogueira Jaguaribe, “houve sim, na fazenda de Santo Ignácio, doada pelos Bicudos aos padres da Companhia de Jesus, a capela de Santo Ignácio, ao Colégio de São Paulo, donde lhe veio o nome; era um aldeamento indígena sob a iniciativa do notável padre **Estanislau de Campos**, que além das doações, obteve as sesmarias à Companhia de Jesus. As doações feitas aos jesuítas por José de Campos Bicudo e seu genro Antonio Rodrigues Velho são de 1704 nos campos de Hubutucatu e as cartas de sesmarias são de 1719”... (“O Município e a cidade de Botucatu” Eunice de Almeida Pinto Chaves in Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia - 1943 - Belém do Pará .

O historiador Aluisio de Almeida afirma que “as fazendas dos jesuítas ocupavam os campos e cerrados, com matas pelos montes, a começar no vertente oriental da serra de Botucatu, com o Tietê e o Paranapanema por limites até as margens do Sorocaba. Eram duas juntas: de Botucatu e Guareí, esta mais perto de Sorocaba. A atual cidade de Botucatu - note-se bem - fica fora da antiga fazenda.

## O LATIFUNDIÁRIO SIMÃO BARBOSA FRANCO

Conta a história que a fixação de limites, para assegurar a posse dos territórios conquistados pelos bandeirantes nas lindes com os castelhanos, impôs aos paulistas pesado recrutamento e um alto preço em sangue. Como na defesa da fortaleza de Iguatemi, fundada pelo Morgado de Matheus (Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão) no sul de Mato Grosso. O Morgado de Matheus, governador e capitão-general da Capitania de 1765 a 1775, foi grande estrategista e fundador de cidades, ao longo das rotas vitais.

Em 04 de setembro de 1766 havia baixado uma ordem ao paulista Simão Barbosa Franco para povoar a paragem chamada Ubutucatu.

Simão Barbosa Franco que era possuidor de terras nos campos de Ubutucatu, adquiridas de André de Souto Gurgel, requereu ao gover



*Dom Luís Antonio de Souza Botelho Mourão – Morgado de Matheus – Governador da Província de São Paulo*

nador de São Paulo, em nome de S. Majestade, a concessão de uma carta de sesmarias de “uma légua de terras de testada e légua e meia de sertão em Itapetininga, districto da Villa de Sorocaba”, na referida região. Na petição por ele apresentada, comprometia-se a fazer benfeitorias, abrir caminhos, construir pontes e até fundar alguma povoação se necessário fosse. A sesmaria foi-lhe concedida e talvez pela boa vontade manifestada na petição, foi-lhe designada a tarefa de fundar a povoação de Botucatu.

O historiador Hernâni Donato elucida “A promessa foi vã mas acarretou um erro histórico. Simão Barbosa Franco, negociante e fazendeiro, sem ser homem de sertão, nunca deu início à povoação de Botucatu.” Porque?

“Para que se lhe atribuisse durante largos decênios a fundação existe, conhecido, um único e só documento: a carta do morgado de Matheus ao Conde de Oeiras. Nada mais. Não se pode tomar a sério o mapa desenhado por instrução direta do mesmo governador para mostrar a Lisboa a capitania e as povoações e postos que o seu esforço criara. A cartografia passou para o papel o projeto, não a sua realização.

“Que não houve fundação naquele ano e em tais circunstâncias, provam-no a vida do pretenso fundador e alguns documentos. Dentre estes o “Código Matoso” da Biblioteca Municipal de São Paulo. Não consta a possível povoação da relação respectiva, nem existe referência a religioso porventura nela assistente, conforme se vê do elenco e dos dados biográficos organizados em 1777 por frei Manuel da Ressureição. E naqueles dias inexistia, mostram-nos os documentos, freguesia ou vila sem o seu clérigo.”

Continua Hernâni: “Podemos, de outra parte, rastrear a vida de Simão Barbosa Franco durante os anos em que devera estar dedicado ao cumprimento da instrução do morgado. Em 1765 esteve em sua fazenda principal, no então bairro de Itapetininga. E desde maio de 1766, quando recebe o cometimento de fundar Wotucatu, até meados de 1767 permanece em suas propriedades. De todo o período não se conhece documento que, diretamente ou por referência longínqua, anuncie o início dos trabalhos de fundação. Nem dele, nem para ele, nem a respeito dele. O estudioso Américo de Moura reviu todos os papéis do governo do Mourão sem nada encontrar relativamente à tentativa de fundação de Botucatu. Heloísa Liberalli Bellotto bisou este trabalho obtendo o mesmo resultado: nada.”

Já vimos, no correr da história, que foi o povoamento, vanguarda da civilização, por significar a ocupação, uso e posse do território, revestiu-se no Brasil, durante quase quatro séculos, de índole eminentemente sacral. A igreja ou a cruz significaram, na clareira da mata, nas encruzilhadas dos caminhos ou nos campos ermos, como depois a estação de estrada de ferro, o núcleo ao redor do qual um simples aglomerado de vizinhos se transformou em povoado, vila, cidade. Quase todos originariamente conhecidos pelo nome do Padroeiro, não raro ligado ao topônimo indígena ou ao acidente geográfico presumido ou real, tal como aconteceu com a “Ilha” de Vera Cruz e com a Bahia de Todos os Santos.

## **NO ALTO DA SERRA CRESCE UM ARRAIAL...**

A bem da verdade, o Século XVIII, primeiro da História de Botucatu, inicia-

se, materialmente, com o advento dos Jesuitas, em 1719, proprietários de 3 grandes Sesmarias nos Campos de Botucatu; formalmente, com o arremate dos seus Bens confiscados pelo Governo de Pombal e, anos depois, levados à hasta pública a 23 de Dezembro de 1766.

Por volta de 1828<sup>2</sup>, o capitão José Gomes Pinheiro Vellozo, adquire de João Pires<sup>3</sup>, terras nos campos de Botucatu. A região já possuía foco de povoação.

#### **Esse “foco” de povoação...**

Em regra, nas regiões de conquista, antes que os grupos propriamente colonizadores se localizem, aparecem os primeiros grupos de exploradores transitórios e instáveis. Destes a composição é de elementos exclusivamente combatentes e aventureiros. Os rebeldes orgânicos, deprimidos pela predominância de sangues bárba-



ros, os valentões de estrada, os vadios habituais, os sicários assalariáveis, é que formam, sob a chefia do sertanista, o corpo dessas hordas temerárias.

Esses instáveis são os batedores necessários dos colonos estáveis. Estão em conflito com as leis e são, na sua maioria, foragidos da justiça. Outros arrancham-se nessas hordas pela impulsão mórbida da própria amoralidade. Todos abandonam facilmente o domínio e fazem da floresta, do sertão desconhecido, o seu valhacouto salvador ou o teatro dos seus instintos pervertidos.

Esses elementos terciários, que assim se adiantam à colonização regular, na penetração das florestas tropicais, formam bandos esparsos, improvisados, mobilíssimos, cuja função é espavorir o índio e abrir picadas ao povoamento regular. O seu papel é de trazerem aos núcleos laboriosos, donde saíram, a nova dos belos campos, das minas preciosas, das paragens férteis e dos seus roteiros arrojados.

As expedições enviadas tanto para o Iguatemi como para o sul, no seu roteiro, tinham que atravessar imensas zonas despovoadas por brancos e infestadas de bugres. Era pois medida de grande alcance, tudo enviar para proteger as estradas para o sertão, contendo as excursões dos indígenas e estabelecendo postos de defesa. Era necessário organizar pontos de abastecimento e pousos para as tropas e viajantes que se destinavam ao sertão.

Alguns remanescentes da fazenda dos jesuítas, índios caiuás, fugitivos da lei, agricultores e posseiros, formavam pequenino núcleo que, aos poucos, ia se constituindo num arraial de aproximadamente setenta ranchos, fincado nos altos da serra de Botucatu.

## **DISSABORES COM O POSSEIRO JOAQUIM COSTA DE ABREU<sup>4</sup>**

A fertilidade e a extensão das terras paulistas eram cobiçadas pelos sertanistas da época. Em meados de 1835 mais ou menos, conta a tradição, o sertanejo Joaquim Costa de Abreu<sup>4</sup>, natural do sul das Minas Gerais, desceu a Província de São Paulo aportando em campos de Botucatu, contratado para capataziar a fazenda Sobrado - fazenda de criar, como a maioria delas aqui existentes, já encontrou núcleo de povoação em terras da fazenda Monte Alegre - propriedade do capitão José Gomes Pinheiro.

Solicitado pelo patrão a ir até Faxina buscar uma boiada e, para evitar o “fisco” visto que ninguém podia transitar com carga pelas estradas, sem pagar impôsto, iniciou a abertura de um picadão pelas terras da Capão Bonito junto ao atual ribeirão Lavapés. Terra de qualidade, excelente para o plantio do café onde, no Vale do Paraíba, estava enriquecendo e fazendo prosperar cidades que relegavam a segundo plano a própria Capital.

Os Costas e seus filhos, levantaram ranchos na atual praça Coronel Moura, algumas casas sem alinhamento, aproveitando-se, segundo a tradição, de antigo e quase abandonado aldeamento, onde existia uma cruz tósca.

Como era posseiro, ocorreu-lhe levantar “ ao centro do pequeno arraial, o indispensável: a capela. À primeira, ereta em chão da futura cidade, deram como padroeira Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra.” Para assegurar a posse do “ribeirão” que ficou conhecido como ribeirão dos Costas, tratou de mandar vir parentes e afins.

Esse aldeamento antigo e esquecido, com população escassa não correspondia aos remanescentes da fazenda jesuítica de Santo Ignácio e alguns, talvez, enviados por Simão Barbosa Franco, em 1766.

Trajano Carlos de Figueiredo Pupo em seu Botucatu, Antigamente... esclarece: “sabido que os primeiros povoadores não indígenas de nossa região vieram principalmente de Itapetininga e de Franca, justamente com um apreciável contingente do sul de Minas. Preocupados em definir, pelo menos de modo aproximado, como era essa gente destemida, desbravadora, procuramos analisar as informações que nos dão os viajantes que se internaram no interior paulista na primeira metade do século XIX.

Franca foi colonizada por mineiros; em 1824 já era cidade, mas sempre apresentou um comportamento bravio, de banditismo não controlado pelo governo provincial. Sua fama de cidade fora da lei foi sacramentada pela rebelião denominada “Anselmada”, em 1838, chefiada pelo caudilho Anselmo Ferreira de Barcelos, que fez debandar seus desafetos e grande parte dos homens de bem. Uma parte desses egressos da Franca ficou na freguesia de Batatais e outra desceu mais para o

---

4. O nome correto é Joaquim da Costa e Abreu.

sul, incluindo as terras de Botucatu.

Gomes Pinheiro vinha, há muito, enfrentando problemas com esse povo, que estaria levantando ranchos, propositadamente, erguidos em terras de sua propriedade; posse mal definida, provavelmente num “vão de sesmaria” provocador frequente de querelas.

Hernâni Donato é quem diz... “Procurado pelo posseiro, o capitão José Gomes Pinheiro estabeleceu, verbalmente entre ambos, um acôrdo que no vão de sesmaria existente junto da fazenda Capão Bonito, o que fosse mato poderia ser posseado pelo Costa, os campos tocariam ao Gomes Pinheiro. Absorveriam, em harmonia, o tal vão de sesmaria - objeto, por toda parte, de questões e conflitos. Ainda seria uma solução para os frequentes ataques dos bugres que dispersavam a criação e, já haviam trucidado o capitão Ignácio Apiahy proprietário da fazenda Rio Claro.”

### **A PORTEIRA DA DISCÓRDIA**

Arrogante, acostumado a combater índios, e lidar com aventureiros, Joaquim Costa não só possuiu matas como estendeu marcas em campos de propriedade dos Gomes Pinheiro. O capataz da Monte Alegre informa o patrão que os Costa avançam terras de sua propriedade. Estabelecendo valos demarcatórios. Instalam uma porteira marcando posse do lugar em ponto aproximado do hoje cruzamento das ruas Amando de Barros e Velho Cardoso (in Achegas para a História de Botucatu). Não tardou para que os da Monte Alegre soubessem do fato. Inconformado com a desonesta atitude do posseiro, o capitão José Gomes Pinheiro ordena, imediatamente, que seja removida a fatídica porteira.

Madrugada, os homens da Monte Alegre, munidos de ferramentas e armas, contornam a capela subindo pela picada que os Costas tinham aberto. A cêrca estendia-se pelo horizonte a indicar o que os mineiros julgavam ser os limites de suas terras.

Francisco Marins em “Clarão na Serra” com mestria descreve o conflito:- “ Os homens da frente levavam machados, enxadões e cavadeiras. A porteira devia cair primeiro, depois os mourões da cêrca, um a um. Quando o dia raiasse, tudo estaria consumado.

Protegendo os que avançavam para executar aquele trabalho caminhavam os melhores atiradores da fazenda, armas preparadas, dedo no gatilho. Colocaram-se na encosta e ali permaneciam, imóveis e atentos. Nenhum barulho àquela hora abafada e quente, como a prenunciar aguaceiro, mas no silêncio os menores ruídos cresciam sob as pisadas dos peões no capim ralo.

Mas... alguma coisa parecia dizer a José Gomes que não iam abater a porteira sem resistência. A manhã teimava em não raiar. De vez em quando parecia vir um começo de claridade, mas logo depois, de novo, a escuridão envolvia tudo. Só se ouvia o cricri dos grilos e um ou outro galo cantando distante, nas casas recuadas. Aquêlê era o momento decisivo.

Dois homens ficaram à frente da porteira e tentaram deslocá-la do coice. Poderia depois ser arrastada a laço na cincha de um dos matungos para os lados da capela. E fariam fogueira com os seus cavacos.

Foi nesse momento que aconteceu o pior. Partindo da encosta, para dentro da cêrca, de bem perto, dezenas de tiros estrondaram, enchendo a manhã nascente e ecoando à distância na morraria adormecida.

José Gomes saltou instintivamente ao solo. Confirmava-se a sua previsão. Os Costas tinham sido avisados! A descarga fôra bem preparada e só partira no momento preciso em que os atacantes estavam a descoberto.

Gomes fêz pontaria e os rapazes, a seu lado, aguardavam seu sinal. O fazendeiro respirava fundo. Eles iam receber a resposta àquela descarga traiçoeira. Com certeza dois de seus machadeiros já estavam mortos. Viera apenas para destruir a porteira e a cêrca, mas não queria matar ninguém, nem esperava tal reação.

-Agora!

Ouviu-se um pipocar descompassado e correrias desesperadas no trilho. O inimigo, atacado de surpresa pelos flancos, debandava, retornando aos abrigos ocupados anteriormente.”

Luta renhida! Houve mortos de ambos os lados. A porteira da **“contenda”** permaneceu em pé. José Gomes Pinheiro, embora não tivesse conseguido o desejado, sentiu que sua atitude havia surtido efeito junto aos posseiros. Cidadão de boa índole, ingressou, em juízo, contra a atitude do Costa. O processo arrastou-se até ser criada a freguesia e com isso perder utilidade.

## **DUZENTAS ASSINATURAS PEDEMA FREGUESIA**

Os moradores do pequeno arraial de Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra<sup>1</sup>, dado o crescimento acelerado do arraial, desejosos de mais autonomia - pelo menos no campo religioso ainda ligado à distante paróquia de Itapetininga - e, de transformar o lugarejo em Freguesia, através de Felisberto Antônio Machado, o fazendeiro do Araquá, João da Cruz Pereira, e o futuro tabelião, em 1849, Manoel de Almeida Toledo os seus representantes que, em janeiro de 1843, remetem ao gover



12.06-1840

Senhores da Assembléia Legislativa Provincial

*Diz Felisberto Antonio Machado, morador de cima da serra de Santo Ignácio, Districto da Villa de Itapetininga, que sendo este lugar bocca de sertão, começado a lavrar há cinco annos n'esta (...) pela fertilidade das terras para ella tem concorrido muitas pessoas e continuão a concorrer não só d'esta provincia como da de Minas e já contém oitenta e tantos fogos com muito mais de trezentas e quarenta e cinco almas e sendo aí povoações que se achão mais próximas as villas de Itapetininga e Constituição das quaes dista vinte léguas, com (...) diferença que grande parte d'ellas acha-se (...) partes dos recursos da Igreja, morrendo os fiéis sem o sacramento da penitência e da Extrema Unção e sendo seus corpos enterrados em lugar não sagrado pela impossibilidade Parocho acudir aos moribundos, e de se transportarem os corpos para os cemitérios mais favoráveis.*

*O suplicante vem perante V.Ex<sup>as</sup>. requerer sirvão-se exigir as informações que na sua sabedoria julgarem necessárias acerca da veracidade do allegado e bem assim de huma Capella que o suplicante está edificando com o socorro d'outros moradores, no Capão Bonito hum quarto de légua arredado do Campo está colocada no lugar que mais comodidade oferece aos moradores, tanto por sua proximidade como por ser regado pelo Ribeirão denominado Cachoeira que pode ser conduzido ao páteo da Igreja, e já he o mais abrigado dos índios afim de evitar os estragos dos quaes alguns dos moradores tem sido victimas, e demais disto laborar sobre a urgente necessidade que há, de alli criar-se uma Freguezia e por tanto.*

*(...) Palavras intelligíveis*

*P.a V.V.EE<sup>as</sup> sejam  
de fazer na forma requerida*

*Felisberto Antonio Machado*

no, um pedido subscrito por mais de duzentas assinaturas. O referido processo vai ter à Câmara de Itapetininga à qual incumbe o primeiro parecer.

José Joaquim Barbosa de Carvalho, que faleceu em 15/10/1916, com 82 anos. Tinha 8 anos em 1842, quando ocorreu o episódio da Porteira da Contenda. Deu depoimento verbal - publicado na revista "A Cruzada" de 1928 afirmando que Felisberto e João "deram princípio à fundação da cidade, sendo estes os primeiros fundadores".

Sobre este assunto o historiador Dom Vicente Marchetti Zioni - arcebispo emérito de Botucatu - recebeu do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, cópia de um Documento dois anos anterior ao de janeiro de 1843, da iniciativa pessoal e individual de Felisberto Antonio Machado, expondo "aos Senhores da Assembleia Legislativa Provincial" a situação do povoado, a necessidade espiritual dos moradores; o crescimento constante da população e a urgência da criação de uma Freguesia no local.

Do mesmo Arquivo Metropolitano de São Paulo outros Documentos interessantes, segundo os quais a Assembléia Provincial teria colhido informações a respeito da veracidade dos alegados nos dois Documentos dos moradores do cimo da Serra, porquanto estes Documentos reproduzem o resultado da sindicância feita pelo Delegado suplente José Leonel Ferreira, na data de 23/03/1843<sup>6</sup> e do Delegado Coletor<sup>7</sup>, Francisco de Paula e Mendonça, no dia 03 de maio do mesmo ano, endereçado ao Presidente da Província, coronel Joaquim José Luis de Sousa (27/01/1843 a 25/11/1843).

Desses dois Documentos, ambos reforçando o pedido dos moradores de Botucatu, resultou, anos depois, a criação da Freguesia de Sant'Anna de Botucatu.

À luz da história, João da Cruz Pereira, com fazenda no Araquá e Felisberto Antônio Machado tido e havido como posseiro, ambos mineiros, foram, líderes do pequeno arraial e, não há registro de terem doado terras para o patrimônio de Sant'Anna de Cima da Serra de Botucatu<sup>8</sup>.

Da Câmara estavam afastados, naquele momento político, os vereadores do partido liberal, proscritos por sua participação na Revolução de 1842, conduzida por Tobias e Feijó. O próprio José Gomes Pinheiro, um dos vereadores, refugiou-se na mais remota das suas propriedades: a fazenda Monte Alegre, exatamente a cinco ou seis léguas do povoado incrustado nas abas da sua outra fazenda Capão Bonito, objeto de questão contra os Costa e então reclamando autonomia.

A 3 de abril de 1843, a câmara de Itapetininga votou, por unanimidade, em favor da pretensão do povo do alto da serra de Botucatu. Tivessem sua freguesia. (Hernâni Donato in "Achegas para a História de Botucatu")

Durante o correr de 1843, o capitão José Gomes Pinheiro está às voltas com a administração de seus negócios diretamente da Monte Alegre. Vivendo exílio forçado, preocupa-se com a vida política e as atividades em Itapetininga. Seu filho Antonio, também refugiado, atende aos negócios de tropas em Itapetininga, que exerciam forte influência no crescimento da povoação. Seu escritório na rua das Tropas, atual Quintino Bocaiúva, era o caminho por onde elas passavam, para tornar-se muitos anos depois a principal rua comercial da cidade.

O capitão Gomes Pinheiro imaginava naquela ocasião, quando só de mato é que se formava o cenário, além de uns míseros casebres de arraial com uma gente

---

6. A data correta é 20/03/1843.

7. O correto é vigário colado, e o nome correto é Francisco de Paula e Medeiros.

8. Felisberto Antonio Machado também doou terras para o patrimônio de Sant'Anna em 16/03/1854, conforme item E53 do livro "As Primeiras Fazendas da Região de Botucatu".





interêsse público, portanto conclui-se que o documento abaixo descrito, é a prova cabal, o verdadeiro “documento de batismo” de Botucatu no dizer do escritor Dr. Francisco Marins. **Nota:- O Convívium - Espaço Cultural** - possui o original do 1º traslado (de 30/01/1884) da escritura pública de doação das terras para a formação do patrimônio de Botucatu, outorgada pelo capitão José Gomes Pinheiro.

Hernâni Donato in “Acheegas para a História de Botucatu” afirma que a escritura de doação é o documento básico para a criação da Freguesia, de vez que não se conhece documento da doação que teria feito Joaquim Costa.

## **UM DOCUMENTO HISTÓRICO SOBRE A FUNDAÇÃO DE BOTUCATU**

O capitão José Gomes Pinheiro, mais do que nenhum outro desbravador, é diretamente sensível a todos os apelos de paz que lhe são feitos e sempre tem o desvanecimento de trazer o perdão na ponta de sua espada. Mas, dentro desse critério de magnanimidade, foi sempre inflexível num ponto: não entrar em entendimento com posseiros de armas na mão.

Ao findar o ano de 1843, as notícias de Itapetininga são alvissareiras. Não tardará a anistia aos revoltosos. Os negócios, muito bem orientados pelo filho Matheus Gomes Pinheiro Machado e Antonio Gomes caminham a contento. Sentindo os eflúvios do natal, o capitão manda chamar o escrivão e, ainda na Monte Alegre assina, em 23 de dezembro, a escritura de doação das terras necessárias para a criação da freguesia. Esposo dedicado, exige que a futura freguesia receba como padroeira o nome de “Sant’ Anna de Cima da Serra” em atenção à Anna Florisbella.

Anna Florisbella trouxe de Sant’ Anna do Parnahiba, para a Fazenda Monte Alegre, uma imagenzinha tósca de Sant’ Anna e sua filha Maria. Hoje, essa imagenzinha singela, em poder e afago do casal Da. Elvira - Dr. Francisco Marins, por legado do folclorista Alceu Maynard Araujo, foi introduzida no nicho do altar da capela particular de Dom Zioni, saudou a chegada de Dom Antônio Maria Mucciollo, quando recém-nomeado para Terceiro Arcebispo Metropolitano de Botucatu.

Novos hábitos, ademais, geram uma até então quase desconhecida preferência por nomes de pessoas vivas ou de poderosos do dia. Alguns fundadores de cidades, num gesto simpático, nelas perpetuaram os nomes de suas espôsas (norma depois seguida por muitos incorporadores de prédios de apartamentos). Pompéia, Getulina ou Olímpia, por exemplo, tem essa origem, embora a primeira se possa incluir na toponímia mariana, pois Nossa Senhora da Pompéia é a Padroeira.

Seria, porém, extrema generalização, afirmar que esses fatores, tipificados no século XX, tenham alterado o sentimento piedoso dos fundadores. A capela (às vezes simples “Santa Cruz”), depois matriz ou catedral, continua sendo a raiz do núcleo urbano, embora o pluralismo reivindique sua parte.

A escritura foi lavrada e o registro ocorreu em 1849, no cartório de Manoel de Almeida Toledo (Livro de Notas no01 Cartório do Primeiro Ofício), por Felisberto Antônio Machado. Eis o teor do documento:

Antônia Augusto de Oliveira Cruz, Tabelião do publico, judicial e notal, desta Cida-  
de de Botucatu e seu termo, por Sua Mage-  
stade o Imperador 15 15

1849  
Certifico, apudido de João Mariato da Senai-  
ca, que sendo em meu Cartorio, no livro de  
notas numero um, a folha um a qua re-  
se encontra a escriptura seguinte: Lancame-  
to de uma doação que fez o Capitão José Go-  
mes Pereira a Nossa Senhora Sant'Anna  
Padroeira desta Freguezia, de um terreno pa-  
ra o patrimonio, aprezentado por Silvestre An-  
tonio Machado, cujo teor e a seguinte: Saibaõ <sup>doação</sup>  
quanto este publico instrumento de publica-  
ção vem que sendo no anno do nascim-  
to de Nossa Senhora Jesus Christo de mil e o-  
to, e quarenta e nove nesta Freguezia de Nossa  
Senhora Sant'Anna de Botucatu e em meu Car-  
torio compareceu Silvestre Antonio Machado,  
aos quinze dias do mez de Outubro do dito an-  
no requerendo que se lavasse em publica-  
ção o teor da doação feita a Nossa Senhora  
Sant'Anna Padroeira desta Freguezia, cuja  
doação e pela forma seguinte: Pello de doa-  
ção que o Sr. José Gomes Pereira em  
sua terra, a Capella de Sant'Anna de cima  
da terra para o patrimonio afim de reger-se  
freguezia, da maneira seguinte: Que se abai-  
xa assignação que entre os bens que se puzo sou do  
subsidiario de uma fazenda de cima que  
comprei ao Pasqueto moço João Pires, em cuja  
compra e inclusos e integrantes da dita fazenda

Página de rosto da escritura de doação de terras para o patrimônio  
da Igreja de Nossa Senhora de Sant'Anna de Botucatu

**CERTIDÃO DE UMA ESCRITURA DE DOAÇÃO  
DE UNS TERRENOS PARA PATRIMÔNIO DA  
EGREJA DE NOSSA SENHORA SANT'ANNA  
DA CIDADE DE BOTUCATU**

Antonio Augusto de Oliveira Cezar Tabellião do público, judicial e nottas, desta cidade de Botucatu e seo Termo, por Sua Majestade o Imperador. Certifico, a pedido de José Morato da Conceição, que revendo em meo Cartório, no Livro de nottas número um, a folhas uma a duas verso encontrei a escriptura seguinte: Lançamento de uma doação que fez o Capitão José Gomes Pinheiro a Nossa Senhora Sant'Anna Padroeira desta Freguezia, de uns terrenos para seo patrimonio, apresentada por Felisberto Antonio Machado, cujo theor é o seguinte:- Saibão quantos este público instrumento de pública forma virem, que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e quarenta e nove, n'esta Freguezia de Nossa Senhora Sant'Anna de Botucatu, e em meo Cartório compareceo Felisberto Antonio Machado, aos quinze dias do mez de Outubro do dito anno, requerendo-me que lavrasse em pública forma o theor da doação feita a Nossa Senhora Sant'Anna, Padroeira d'esta Freguezia, cuja doação é pela forma seguinte:- Papel de doação graciosa que faz José Gomes Pinheiro em sua terça, á Capella de Sant'Anna de cima da serra para seo patrimonio afim de eregir-se Freguezia, da maneira seguinte:- Digo eu abaixo assignado, que entre os bens que possuo, sou senhor e possuidor de uma fazenda de criar que comprei ao Sargento-mor João Pires<sup>3</sup>, em cuja compra é incluzive integrante da dita fazenda, um pasto ou retiro no lugar denominado Capão bonito, em cujo campo há um rincão que se denominava - o Rincão da cerca velha - hoje conhecido - "pelo rincão da Capella" - no qual entrando pela estrada do Sobradinho quazi a entrar ou depois de entrar um bom pedaço, faz um pequeno boqueirão entre duas vertentes onde houve o rancho queimado no lado direito, e decendo-se desta vertente do rancho queimado abaixo pelo veo d'agua sempre pela agua mais acostada ao rincão do campo até a altura que faz quadra procurando o rumo da porteira da contenda e por esta adiante pelo mesmo rumo até bater na primeira vertente do lado esquerdo e subindo por esta mesma vertente acima até sua cabeceira e desta cabeceira tirar-se ha uma linha recta até a vertente digo até a cabeceira de outra vertente mais de cima, que fica em frente a cabeceira do supra dito - rancho queimado -, de cuja cabeceira do lado esquerdo fazer-se ha quadra e tirar-se ha uma linha recta a bater na mesma vertente do rancho queimado: cujo campo e mattos assim demarcados fasso fiel doação para patrimonio da Capella de Sant'Anna, seja erecta freguezia dentro de seis annos a contar desta data e não sendo reverterá amim ou aos herdeiros de meo cazal; portanto deve-se formar um quadro de duzentas braças para o arruamento e fazer-se bem assim os demais terrenos em roda deste quadro, tambem se deverá aforar a quinhentos reis por braça os terrenos dentro do quadro de arruamento, e os terrenos em roda para chacaras á cem reis por braça. Declaro mais que a diviza da contenda da porteira, digo da porteira da contenda que confina com o finado Joaquim da Costa e seus herdeiros está decidida e edificada por uma sentença passada em julgada no Juizo de Paz ou Subdelegado desta Villa. Cujá doação fasso de minha terça por isso independente de obtorga de minha mulher, digo, de minha consorte. De tudo isso de minha livre vontade e sem constrangimento de pessoa alguma. E por verdade do referido mandei passar o presente por mim somente assignado. Itapetininga, aliaz Fazenda do Monte Alegre vinte trez de Dezembro de mil oito centos e quarenta e trez - José Gomes Pinheiro. Note bem. Declaro que á mesma dos interessados farão e conservarão o feicho de

cima de vallo a sua custa. Era-ut supra Pinheiro. Numero trinta. Pagou de sello proporcional quinhentos reis. Itapetininga vinte e oito de Março de mil oito centos e quarenta e oito. H.J. Rolim de Oliveira Pires. Reconhecidas as firmas supras serem as proprias verdadeiras feitas pelos proprios punhos dos mesmos nela declaradas por delas ter pleno conhecimento. O referido é verdade do que dou fé ao que me reporto. Freguezia de Botucatu aos quinze de Outubro de mil oito centos e quarenta e nove. Eu Manoel de Almeida Toledo Tabellião de Nottas que o escrevi e assigno em publico e razo com o signal de uzo. O Escrivão e Tabellião Manoel de Almeida Toledo. Nada mais se continha nem declarava dito papel de doação que bem e fielmente extrahi do proprio original em um papel avulso a que extrahi revbi - ad verbi, por ver ler, conferir e consertar; e em tudo achar conforme dou minha fé e me reporto nesta Freguezia de Nossa Senhora Sant' Anna de Botucatu aos quinze dias do mez de Outubro de mil oito centos e quarenta e nove, vigesimo oitavo da Independencia do Imperio. E eu Manoel de Almeida Toledo Talellião de Nottas o escrevi e assigno em publico e razo com o signal de que uzo. Em testemunho de verdade (Estava o signal publico). Manoel de Almeida Toledo. Era o que se continha em dita escriptura de doação com o inteiro theor da qual fiz extrahi a presente certidão em tudo conforme o seo original ao qual me reporto e dou fé. Botucatu, trinta de janeiro de mil oito centos e oitenta e quatro. Eu Antonio Augusto de Oliveira Cezar Tabellião subscrevi e assigno

*Antonio Augusto de Oliveira Cezar.*  
Botucatu, 30 de Janeiro de 1884

Recebi do procurador da Camara a quantia de 50\$000 reis pela presente Certidão. Botucatu, 21 de Fevereiro de 1885.

*Antonio Augusto de Oliveira Cezar.*

#### Nº 8

Recebi do Ilmo. Emygdio Morato de Almeida Lara, Procurador da Camara Municipal desta cidade, a quantia de cincoenta mil réis (50\$000) importancia de uma Certidão de escriptura de doação de terreno do patrimonio, passada a mais de 30 annos do que passou-se o presente recibo alem do que ja se acha na mesma escriptura (copia). Botucatu, 21 de Fevereiro de 1885.

O escrevente do Tabellião *Antonio Joaquim de Oliveira Cezar*  
(NOTA: - Observou-se a ortografia da época).

As terras doadas para o patrimônio de Sant' Anna de Cima da Serra, pertenceram a Fazenda Monte Alegre e, correspondem hoje, à parte central da atual cidade de Botucatu e os bairros Lavapés, Cidade Alta e Tanquinho.

Quanto à doação de terrenos para o mesmo fim, por Joaquim Costa e herdeiros, não foi encontrado documento escrito.

### **INTERPRETAÇÃO DO TEXTO DE DOAÇÃO COM BASE NA GEOGRAFIA LOCAL**

- 1 - "... pequeno boqueirão entre duas vertentes..."
- 2 - "... donde houver um Rancho Queimado no lado direito..."





proceder em tais eir circumstancias com  
acerto.

As Patas que os que occupam terrenos  
de Patrimonio e de quatorze annos mais  
su menos para co'segros euctos de justica  
no q' tem sido conuideo pela Camara  
tem sido applicado na obra da Igreja  
sobre os terrenos particulares, unidos  
a Patrimonio e a Igreja. Attendo pois  
pertencentes ao Tenente Joao Carlos  
de Souza Camarao, Elzequias de  
Souza, Ferreira e Joao Pereira de Brito,  
e algumas pracoas de R.º de lig'arias de  
Piedade Salvador Ribeiro de Santos  
Mello, cujos terrenos entre dois rebordos  
pedem regular 10 a 18 alqueires,  
mais su menos. E por esta forma  
tem esta Camara respondido a  
os officios datado de 15 de corrente.  
E em guarda ao Ex.º Paes da  
Camara e humi eipolun  
decaõ extraordinaria aos 28  
de Fevereiro de 1850

M.º de Souza

## **A PRIMEIRA CAPELA... (OS PRIMÓRDIOS DA HISTÓRIA RELIGIOSA EM BOTUCATU)**

Dom Zioni conta que “a capelinha de Nossa Senhora das Dores<sup>1</sup>, vítima da ação devastadora do tempo, ameaçara, mais vezes ruir totalmente, não se recomendando para a futura missão de igreja matriz, e tornando imperiosa a construção de outra.

João da Cruz Pereira, visando melhorar sua situação, levantou uma pequena vila de 6 casas de moradia no local que pouco depois optou como ideal para receber a nova igreja.

As obras da nova igreja, a de Sant’Anna, prosseguiram um tanto desordenadamente e em ritmo lento por falta de recursos quando, inesperadamente, chega de Limeira (SP), Rafael da Silveira Franco o qual, movido pelo seu zelo, tomou a sério a construção da igreja, arrecadando meios, dispondo dos seus próprios bens, recorrendo à eficiente generosidade do Francisco de Assis Nogueira e conseguindo... A igreja paroquial pôde, embora precariamente, começar a funcionar.

A nomeação do primeiro pároco, o sorocabano Joaquim Gonçalves Pacheco, recém-ordenado sacerdote no Rio de Janeiro a 6 de agosto de 1848, foi feita pelo então Vigário Capitular de São Paulo, o padre Dr. Vicente Pires da Mota. A instalação da paróquia deu-se no dia de Sant’Anna, 26 de junho de 1849. Porém a posse do Vigário só se efetuou cerca de um mês depois, no dia 28 de julho desse mesmo ano, sob. O Vigário Capitular de São Paulo, o conego Lourenço Justiniano Ferreira.

Essa Igreja paroquial, entretanto, devido a falhas de construção a exigirem frequentes reformas, entre as quais a de 1859, mais notável, foi-se manifestando menos apta à sua finalidade de Igreja Matriz. Assim, pois, tendo-se presente também o fato de estar Botucatu em franca expansão, tomou vulto a idéia de uma igreja matriz, mais ampla e melhor localizada.

Aos 12 de Julho de 1876 o novo Bispo Diocesano de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho concordou com a proposta da construção de uma nova igreja de Sant’Anna. Dez anos depois, sendo Pároco de Botucatu o Padre Pascoal Ferrari, fez-ver ao Bispo de São Paulo “a necessidade de construir naquela localidade (praça da atual Catedral) uma igreja que servisse de Matriz”. No mesmo Requerimento o Padre Ferrari solicitava autorização para levantar a Igreja bem como para a benzer depois de construída. O pedido foi despachado favoravelmente, segundo o direito.



*Primeira Matriz de Sant’Anna –  
posteriormente  
Igreja de São Benedito –  
atual Praça Coronel Moura*

A Capela das Dores<sup>1</sup>, devidamente reformada continuava servindo os fiéis até pouco depois de 1878, conforme se depreende das Provisões existentes.

Concluídas as obras da terceira igreja de Botucatu, procedeu-se à sua mudança ou transferência canonica para a nova, ficando a velha igreja sem o seu Orago ou título liturgico, razão porque o Padre Ferrari, em requerimento endereçado ao Prelado de São Paulo conseguiu fosse São Benedito.

A criação do Bispado de Botucatu, o surto de progresso decorrente e a necessidade de melhorias na cidade moveram o Bispo diocesano Dom Lúcio Antunes de Sousa a dessacralizar a velha igreja (inicialmente Sant'Anna e, posteriormente São Benedito); vender o terreno e o prédio à municipalidade e colaborar, com isso, na organização da praça Coronel Moura.”

## **A TÃO SONHADA ANISTIA**

É Aluisio de Almeida em seu “A Revolução Liberal de 1842” quem conta:-

“Afinal, a 2 de fevereiro de 1844 aparece o Ministério da Anistia, Alves Branco na pasta da Justiça, e Almeida Torres na do Império.

O decreto da anistia foi assinado a 14 de março.

A exposição de motivos feita pelo Ministério ao Imperador é um belo documento da sabedoria política de nossos homens ilustres. Entre outras cousas, liam-se frases assim: “os crimes políticos são sem dúvida alguma de natureza mui grave, mas é neles ordinariamente que a sanção da opinião não tem aquela certeza que ostenta para com os crimes particulares. É neles que mais se atende à intenção, porque o erro é muito mais fácil, os motivos menos diretamente pessoais, as causas da alucinação mais fortes, as paixões menos impuras, a aplicação de uma justiça perfeita mais difficil...”. “É constante da história que tais crimes se têm mais vezes corrigido pela ilustração e magnanimidade da clemencia, do que pela austeridade dos castigos.” “A revolta de São Paulo e Minas foi o resultado infalível e previsto de causas por muito tempo acumuladas, de paixões por muito tempo exacerbadas. A comoção durou pouco; há dois anos que está completamente vencida... a obra da pacificação política e civil acha-se felizmente concluída... é indispensável que se estabeleça também a pacificação moral.”

O decreto foi redigido num artigo único: Ficam anistiados todos os crimes políticos cometidos em o ano de 1842 nas duas províncias de São Paulo e Minas Gerais e em perpetuo silencio os processos que por motivo deles se tenham instaurado.

A notícia chega rápida, lépida, à velha Monte Alegre. Após a concessão da anistia, Antonio Gomes Pinheiro Machado volta às atividades políticas e é nomeado delegado em Itapetininga. Acabou o exílio. O capitão prepara o almejado retorno à sua velha fazenda de Campo Largo e às atividades de Itapetininga.

Os revoltosos são recebidos como heróis. No ano seguinte o Imperador Dom Pedro II viaja para São Paulo para delir os últimos vestígios de ressentimentos dos liberais contra a Coroa. O coronel Rafael Tobias vai esperá-lo no Alto da Serra e está sempre em todas as festas, como se não se lembram mais da prisão. Em Sorocaba, os liberais, dentre eles o capitão José Gomes Pinheiro, recebe, com pompas, o Imperador. A distribuição de cargos honoríficos foi a granel. Pulularam os co

mandadores. Largamente aquinhoados foram os revoltosos de 42.

O largo sentimento de patriotismo do povo para com os “heróis liberais” e o prestígio político restabelecido, motivaram a candidatura e a reeleição de José Gomes Pinheiro à Câmara Municipal de Itapetininga.

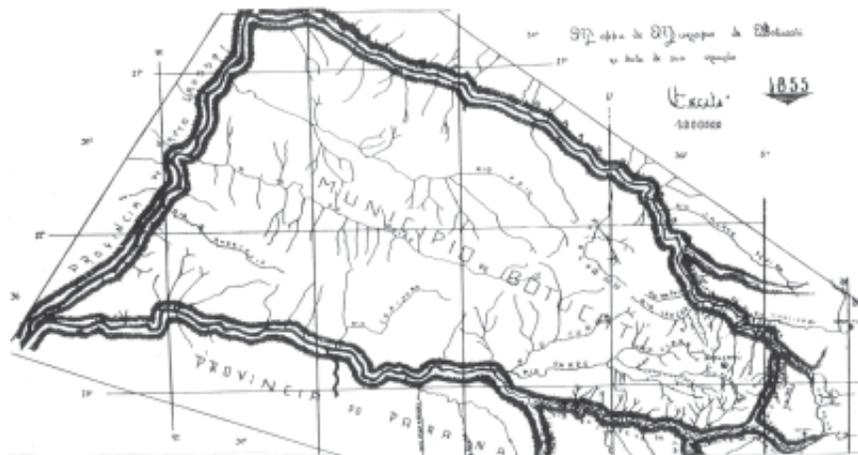
## NA TRIBUNA, A LUTA PELA FREGUESIA

O vereador capitão José Gomes Pinheiro, presidente da Câmara de Itapetininga, multiplica-se em atividade. Prepara documentos e petições. A 7 de outubro de 1844, seu filho o Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado sugere que a Câmara levante o assunto. A família intensifica os contatos políticos para a conquista da almejada Freguesia.

O tempo flui. A 15 de outubro de 1845, o vereador capitão José protocola mais uma indicação solicitando a Freguesia. Da tribuna da câmara discursa: “ Estão os povos daquele lugar erigindo uma nova capela com a denominação de Sant’ Anna - cujos povos tem afluído em maior parte de Minas Gerais e Franca, e já se contam duzentos e tantos fogos” (...)

Não se limita, apenas, aos cuidados do documento. Intensifica seu trabalho junto à Assembléia Provincial - homem de influência - certamente possui grande círculo de amizade junto à Corte.

Disse o historiador Hernâni Donato que “a 20 de dezembro, talvez comemorando o segundo aniversário da sua doação, o José Gomes Pinheiro volta à carga. Produz outro documento descritivo da Botucatu de então: “... é inegável que aquele território tem propriedade para berço de uma populosa vila, porque a abundância de campos, além de outros que se poderão descobrir, boas matas de cultura, fertilizadas de vertentes colocadas entre dois poderosos rios, Paranapanema e Tietê, clima salubre e abundância de peixe e caça, a cana, café, fumo e algodão têm aí



franca vegetação, além do terreno que vai findar nas margens do Paraná” (...) “Onde faz barra o rio Pardo no Paranapanema há um extenso terreno coberto de matas de cultura muito boas, e apropriado o lugar para edificar-se uma colônia estrangeira, lugar salubre ...”

Visionário, antevia com décadas de antecedência, a imigração estrangeira, que após a abolição da escravatura, introduziria colonos em larga escala, proporcionando grande desenvolvimento à agricultura e indústria em nosso país.

Com o desenvolvimento do lugar, o Cap. José Gomes Pinheiro, infatigavelmente, prosseguia ao seu trabalho para conseguir do governo da Província sua elevação à freguesia. Sendo pessoa de grande influência, viu sua aspiração realizada pela lei número 283, lei número 7 daquele ano legislativo, de 19 de fevereiro de 1846, sancionada pelo presidente da Província Manuel da Fonseca Lima e Silva.

O pesquisador Trajano Carlos de Figueiredo Pupo conta que “algumas pessoas recorreram à Câmara de Itapetininga (1846), que concedeu algumas datas de dez braças, sem indagar se lhe cabia tal direito (mas era presidente dessa Câmara o próprio doador Gomes Pinheiro e este costume perdurou por alguns anos).

## **A LEI DA FREGUESIA**

Lei nº 283 de 19 de fevereiro de 1846. (Lei No 07 de 1846) Manuel da Fonseca Lima e Silva, do Conselho de Sua Majestade o Imperador, Veador de Sua Majestade a Imperatriz, Oficial da Ordem Imperial do Cruzeiro, Cavaleiro das Ordens da Rosa e de Cristo; Condecorado com a Medalha da Campanha da Independência, Marechal de Campo Graduado da 1ª Classe do Exército, Vogal e Secretário de Guerra do Conselho Superior Militar de Justiça e Presidente da Província de São Paulo, etc... Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Provincial decretou, e eu sancionei a Lei seguinte:- “Art. 1o - Fica criada uma Freguezia no distrito de Cima da Serra de Botucatu, município de Itapetininga. Art. 2o - O Presidente da Província, ouvindo a respectiva Câmara lhe designará as divisas; revogadas as disposições em contrário. Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Secretário desta Província a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Governo de São Paulo aos dezanove dias do mes de fevereiro de mil oitocentos e quarenta e seis. Manuel da Fonseca Lima e Silva.

Nesse mesmo ano o Dr. Antônio Gomes Pinheiro Machado - nomeado Juiz em Cruz Alta - e sua esposa Maria Manuela de Oliveira Ayres, acompanhado do irmão Joaquim Gomes Pinheiro Machado e do cunhado Dr. Venâncio de Oliveira Ayres, migram para a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (atual Estado do Rio Grande do Sul) onde a família desempenhará importante papel na política, no comércio e na sociedade rio-grandense.

Quando foi elevada à Villa em 1855 (Emancipação Político-Administrativo), Botucatu se estendia desde os rios Jacu e Santo Inácio, acompanhando a margem esquerda do Tietê e a direita do Paranapanema, até as barrancas do rio Paraná, abrangendo cerca de um quarto do território paulista.

## OUTROS DOADORES...

Não nos esqueçamos de mencionar o nome de Francisco de Assis Nogueira que, em 1848, também fez doação de terrenos para o patrimônio da Igreja e Freguesia de Sant' Anna, mas não tendo outorgado escritura, a 16 de julho de 1876, Anna Theodora de Assis Nogueira, viúva, e os herdeiros daquele doador, ratificaram a dita doação, confirmando-a por escritura pública, nas notas do atual 1º ofício, onde, também, a 3 de Março de 1870, Antonio Joaquim Cardoso de Almeida, Manoel José Machado, Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva, Braz de Assis Nogueira, José Rodrigues Cesar, Joaquim Gonçalves da Fonseca, João Pereira da Silva<sup>11</sup>, Manoel de Arruda Leme, Francisco Xavier de Almeida Pires, Manuel Gomes de Faria, Titto Correia de Mello, Domingos Soares de Barros, João Baptista do Amaral Cesar<sup>11</sup>, Leonor da Silva Bueno, José Emygdio de Barros e suas mulheres, antigos moradores de Botucatu, fizeram doação de terrenos para patrimônio da Igreja e Freguesia de Sant' Anna.

## EIS QUE DESAPARECE UM DESBRAVADOR...

O ano de 1848 não se faz anunciar com risonhas primícias. Acometido de hidropisia (acumulação anormal de líquido seroso em tecidos ou em cavidade do corpo), a doença avançava a olhos vistos. Sentem os íntimos do capitão que este não tem mais saúde para chegar aos sessenta e quatro anos de idade. O mês de março, apesar da claridade com que enfeita os morros e o céu, apresenta-se ameaçador.

No dia quatro, porém, amanhece melhor e assim continua no dia imediato. Seu olhar cansado parece readquirir o brilho antigo, que se foi esmaecendo com a cinza da saudade e da velhice.

Necessitava ausentar-se de sua fazenda em Itapetininga para uma séria consulta ao esculápio de Sorocaba. Viaja para Campo Largo (Araçoiaba da Serra) pela estrada geral, que se alargava frente à Matriz, afunilando-se ao lado de Sorocaba<sup>1</sup>, lá também possui uma bela fazenda. Pretende permanecer um ou dois dias para descansar da viagem.

Uma súbita melhora no dia sete vem reanimar ainda mais a família, que o cerca cheia de desvelos e atenções. O doente parece outro. Vai até a varanda da casa grande. Contempla a natureza, que resplende num dia maravilhoso, enfeitado de douradas flamagens de sol e crespos trinados de passarinhos.

Ele nascera numa ilha assim, num dia assim...

Às seis e meia do dia oito, porém, José Gomes sente-se, de súbito, muito mal. É à pressa retirado para o seu quarto - um quarto com uma simples cama de ferro e duas canastras de roupa.

O vigário, Raphael Gomes da Silva, chamado com urgência, ouve-o em confissão e ministra-lhe o sacramento da morte. Não há mais dúvida quanto ao momento

---

<sup>1</sup> A instalação do município de Piedade e Campo Largo foi feita, em 1857, pelo presidente da Câmara de Sorocaba, Francisco Gonçalves de Oliveira Machado.

11. João Pereira da Silva e João Baptista do Amaral César são vendedores na escritura de 03/03/1870.

fatal que se aproxima. O crepúsculo debate-se dentro do velho e silencioso casarão, como um pássaro negro, agitando, ferido, suas asas de negrume.

Chega ao quarto do moribundo o eco tristonho do angelus da igreja de Nossa Senhora das Dores:- a morte, com pancadas de bronze, parece pedir aos céus que abram depressa a porta para receber a alma de um justo. O capitão pressente que vai morrer. Seu olhar, esgazeado, percorre todo o aposento, como à procura dos amigos que conquistou para dizer-lhes adeus.

Já é noite.

De repente o corpo do moribundo sofre rápido estremecimento. Mas sua fisionomia está serena. Seus olhos amendoados, parados, não se desfitam de um ponto indistinto no espaço, onde, talvez, a sua Sant' Anna de Cima da Serra lhe esteja acenando.

A respiração se acelera, torna-se mais ofegante e, depois, vai cedendo lentamente, roucamente. Sua filha põe-lhe a vela na mão e ajuda a segurá-la, retransida de dor e debilhada em pranto.

Todos se ajoelham.

O vigário murmura uma prece.

A outra mão do moribundo, pousada sobre um crucifixo no peito, cai, de súbito, para o lado. A respiração cessa, por fim. Agora é a imobilidade absoluta. Sua filha fecha-lhe os olhos grandes e parados.

“Tinha o anjo da morte nos seus lábios  
Dado o beijo que sorve a luz da vida!”

O corpo do Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo foi sepultado dentro da Matriz na antiga Freguesia de Nossa Senhora das Dores do Campo Largo, atual Araçoiaba da Serra, e seus restos mortais transladados para o jazigo da família Pinheiro Machado no cemitério “Portal das Cruzes” em 14 de abril de 1997- comemorativo aos 142 anos de emancipação político-administrativa de Botucatu.

A handwritten signature in black ink, reading "José Gomes Pinheiro Vellozo". The signature is written in a cursive, flowing style with a decorative flourish at the end.

# HOMENAGENS PRESTADAS AO CAPITÃO JOSÉ GOMES PINHEIRO VELLOZO



## GRUPO ESCOLAR “JOSÉ GOMES PINHEIRO”

A partir de setembro de 1950 o “Grupo Escolar da Vila dos Lavradores” se transferiu para prédio próprio, especialmente construído na Avenida Santana ao lado do Posto de Saúde, oficialmente denominado de “Grupo Escolar José Gomes Pinheiro” por decreto de 15 de junho de 1937, perpetuando-se dessa maneira o nome do fundador da cidade. (atualmente é sede da Delegacia de Ensino de Botucatu)

## RESTOS DE “GOMES PINHEIRO” TRANSLADADOS PARA BOTUCATU



*Jazigo onde encontram-se os despojos do Cap. José Gomes Pinheiro.  
(Cemitério Portal das Cruzes - Rua P1, Quadra 1, Jazigo 12)*

No dia 14 de abril de 1997 os restos mortais de José Gomes Pinheiro Vellozo, fundador de Botucatu, foram trasladados de Araçoiaba da Serra, onde estavam enterrados, para o cemitério “Portal das Cruzes”.

Solenemente, no Cemitério Por

tal das Cruzes, com a presença do Prefeito de Botucatu Pedro Losi Neto, autoridades botucatuenses e do Prefeito de Araçoiaba da Serra, Dirlei Salas Ortega, realizou-se o enterro dos restos mortais do fundador de Botucatu, transladados daquela cidade, no jazigo pertencente à família dos Pinheiro Machado.

José Gomes Pinheiro Vellozo faleceu no dia 8 de março de 1848, dois anos depois de ter participado da criação do povoado, quando estava indo para Sorocaba para tratamento médico. Ele faleceu na antiga Freguesia de Nossa Senhora das Dores do Campo Largo, atual Araçoiaba da Serra, e foi sepultado na Matriz dessa Paróquia, onde permaneceu sepulto até 1997.



*O Emérito Arcebispo de Botucatu, D. Vicente Marchetti Zioni, depositando os despojos do Cap. José Gomes Pinheiro no Jazigo da Família Pinheiro Machado*

## FUNDADOR DE BOTUCATU É HOMENAGEADO COM MONUMENTO



*Capitão José Gomes Pinheiro*

O fundador de Botucatu, Capitão José Gomes Pinheiro, foi homenageado no aniversário da cidade (14/04/1997) com um monumento em tamanho natural, 1.90 m, pesando 180 kg, confeccionado a pedido do prefeito Pedro Losi Neto, pelo escultor botucatuense Pedro César. A estátua foi fabricada em bronze e instalado em frente a antiga escola “José Gomes Pinheiro” atual Delegacia de Ensino.

Para alcançar o máximo de definição o artista utilizou desenhos que retratam o fundador, como base de seu trabalho. “Ele (Gomes Pinheiro) estará olhando para o horizonte enquanto pisa sobre um pedestal em que é representada a cuesta de Botucatu”. disse o artista.

## MEDALHA JOSÉ GOMES PINHEIRO

**CONDECORAÇÃO COMEMORATIVA**, criada pela Câmara Municipal de Botucatu, conforme Projeto de Resolução No 006/97, de 21/03/1997 e Resolução No 286 de 06/05/1997 de autoria do Vereador Fernando Aparecido Carmoni e, destinada a premiar ex-vereadores da Câmara Municipal de Botucatu

**INSÍGNIA**:- (anverso) Medalha circular em bronze-dourado. Ao centro, a effigie do fundador, ladeado pelas datas:- 1784 - nascimento - 1848 - falecimento - e, cir

cundado com a legenda “MEDALHA CAP. JOSÉ GOMES PINHEIRO”. (reverso) Ao centro o brasão do município de Botucatu, circundado com os dizeres “CÂMARA MUNICIPAL DE BOTUCATU - RESOLUÇÃO Nº 286 DE 06 DE MAIO DE 1997 (data da instituição da honraria).



PROJETO E DESENHO:  
Olavo Pinheiro Godoy

## DENOMINAÇÃO DE ESTRADA

PROJETO DE LEI Nº 033/97 DE 17 DE ABRIL DE 1997  
(O referido Projeto de Lei foi sugestão do Dr. Raymundo Penha Forte Cintra)

**PEDRO LOSINETO**, Prefeito Municipal de Botucatu, no uso de suas atribuições legais, faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:-

- ARTIGO 1º** - Fica denominada “**CAPITÃO JOSÉ GOMES PINHEIRO**” a estrada vicinal deste município, compreendida pelos seguintes trechos:- a estrada BTC 437 até encontrar a BTC 360, daí seguindo pela BTC 360 em direção à Fazenda Monte Alegre até encontrar a BTC 430, daí segue pela BTC 430 até encontrar a SP 251, antiga estrada para Avaré.
- ARTIGO 2º** - Das placas indicativas, deverá constar, abaixo do nome, a expressão: “Fundador de Botucatu”.
- ARTIGO 3º** - As despesas correrão pelas verbas próprias do orçamento vigente.
- ARTIGO 4º** - Revogadas as disposições em contrário, esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

PEDRO LOSINETO  
PREFEITO MUNICIPAL

# DESCENDENTES NOTÁVEIS DO CAPITÃO JOSÉ GOMES PINHEIRO VELLOZO E ANNA FLORISBELLA MACHADO DE OLIVEIRA E VASCONCELLOS



**BRASÃO DA  
FAMÍLIA PINHEIRO**



**BRASÃO DA  
FAMÍLIA MACHADO**

*(Conforme Árvore Genealógica da Família Pinheiro Machado, elaborada pelo Engº Paulo Pinheiro Machado Ciaccia (Botucatu - SP) que, por questões técnicas, não segue ordem cronológica de nascimento dos 10 filhos do Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo e Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos)*

**• 10 - DR. ANTÔNIO GOMES PINHEIRO MACHADO (1º Filho)  
MARIAMANUELA DE OLIVEIRA AYRES**

Antônio Gomes Pinheiro Machado era o terceiro filho do capitão José Gomes Pinheiro Vellozo e de Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos. Nasceu em 23 de janeiro de 1819, em Sorocaba (SP). Coursou a Faculdade de Direito de 1835 a 1839, sendo o mais jovem da sua turma. Como estudante era inteligente e “de ânimo varonil”. Advogou em Itapetininga, onde se elegeu vereador e deputado



**Dr. Antonio Gomes  
Pinheiro Machado**

provincial (estadual).

Militou no Partido Liberal, participando da Revolução de 1842, contra a Regência. Vencidos os rebeldes, pelas forças de Caxias, Antônio refugiou-se com seu pai, Capitão José Gomes Pinheiro, na fazenda Monte Alegre, na serra de Botucatu.

Beneficiado pela anistia, em fevereiro de 1844, ano em que casou-se, em Itapetininga, com Maria Manoela de Oliveira Ayres, filha do Tenente-Coronel Salvador de Oliveira Ayres e Anna Vieira Ayres, voltou a Itapetininga, onde foi nomeado delegado e começou, com seu pai, a reorganização do Partido Liberal.

Do matrimônio com Maria Manoela nasceram os filhos:- Tenente-Coronel Alfredo Gomes Pinheiro Machado, casado com Maria Demétrio Pinheiro

Machado; Major Paulino Gomes Pinheiro Machado, casado com Eulália Pinto Ribas; Anna Florisbella Gomes Pinheiro Machado, casada(1ª núpcias) com seu tio Venâncio de Oliveira Ayres e em segundas núpcias com o Dr. José Nunes de Castro, seu cunhado; general Salvador Ayres Pinheiro Machado, casado com Amélia Pinto Ribas; Dr. Ângelo Gomes Pinheiro Machado, casado em primeiras núpcias com Anna Florisbella Pinheiro Machado e, em segundas núpcias com Maria José Pinheiro Machado; Coronel Frutuoso Gomes Pinheiro Machado, casado com Eulália Pinto Ribas (viúva de seu irmão Paulino); Leopoldina Carolina Ayres Pinheiro Machado, casada com Antonio Ribas Pinheiro Machado; Maria Manoela Gomes Pinheiro Machado, casada com o Dr. José Nunes de Castro; Major Cosme Damião Gomes Pinheiro Machado, casado com sua sobrinha Paulina Ribas Pinheiro Machado; Sophia Gomes Pinheiro Machado, casada com o seu tio major Manuel Gomes Pinheiro Machado; Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado, casado com Rita da Silva Araújo - um dos fundadores do Jockey Club de São Paulo e do jornal "Província de São Paulo" que antecedeu o jornal "O Estado de São Paulo" da família Mesquita; deputado federal pelo Rio de Janeiro; General e senador José Gomes Pinheiro Machado, casado com Brasília Benedicta Paula e Silva.

Em 1846, nomeado juiz municipal, transfere-se para Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, acompanhado da esposa Maria Manoela, do irmão mais moço, Joaquim Gomes Pinheiro Machado e de seu cunhado, Dr. Venâncio de Oliveira Ayres.

Era o período das tropas de mulas chucras, que constituíam o maior negócio do sul do Brasil. A estrada das tropas ia de Sorocaba, Itapetininga, Castro, Ponta Grossa, Guarapuava, Palmas, atravessava o rio Uruguai no passo do Góio-En e alcançava as Missões. Por esse caminho, seu companheiro de revolução, Brigadeiro Tobias de Aguiar (tio de Maria Manoela e Venâncio Ayres), fugiu para o Rio Grande do Sul, depois de ser vencido por Caxias. Supõe-se que Antônio Gomes Pinheiro Machado e seus acompanhantes vieram, por este mesmo caminho, para Cruz Alta, onde seu sogro, General Salvador de Oliveira Ayres, tinha fazenda de invernagem de mulas, compradas em Corrientes, na Argentina.

De temperamento combativo, logo abandonou a magistratura para advogar e fazer política com o Conde de Porto Alegre e Felipe Neri, no Partido Liberal, do qual se tornaria chefe na Região Serrana e na Missioneira.

Eleito Deputado Provincial em 1856, pleiteou em 1864 o mandato de Deputado Geral (hoje, federal), em que competiu com Gaspar da Silveira Martins, que começava a aparecer no cenário político, saindo vitorioso. Gaspar Martins, não se resignando com a derrota, disputou, perante a Câmara, a cadeira de Antônio Gomes Pinheiro Machado, conseguindo a anulação do colégio eleitoral de Piratini e outros onde tinha sido derrotado. “Com tais depurações - diz Almeida Nogueira - deu-se o empate entre os dois candidatos. Decidiu a sorte a favor de Pinheiro Machado.” Ainda do mesmo autor: “Quando deputado geral, em 1864, Pinheiro Machado tomou parte em vários e importantes debates de caráter político, jurídico e administrativo, revelando, em todos estes torneios oratórios, grande aptidão intelectual e vigorosa dialética.” “Possuía aprofundados conhecimentos das seculares questões de limites entre Brasil e os nossos vizinhos. Consultado pelo ilustre Barão do Cotegipe, seu adversário político, que lhe conhecia a competência, sobre o litígio que mantínhamos com a Argentina a respeito do território das Missões, o Dr. Pinheiro Machado enviou ao preclaro estadista extensa monografia sobre o grave e complicado assunto, para ele familiar.”

No início da Guerra do Paraguai, como deputado geral, acompanhou o Imperador em sua viagem ao Rio Grande do Sul, para assistir, em Uruguiana, à rendição das forças invasoras de Estigarribia.

Em 1866 foi nomeado Auditor de Guerra junto à Divisão que operava na província argentina de Corrientes e na fronteira do Rio Grande, sob as ordens do Conde de Porto Alegre. Além disso, era encarregado de guardar e conduzir o numerário com que o comando da Divisão comprava e pagava, à vista, gado e gêneros necessários à manutenção da tropa. O dinheiro era transportado em lombo de mulas, pois não havia casas bancárias na época. Certa vez, no decorrer de um combate, as mulas, assustadas pelo pipocar das armas de fogo, dispararam campo a fora, virando cargueiros e canastras. Sob suas vistas, soldados e oficiais, tiveram insano trabalho para encontrar, entre macegas e arbustos as moedas de ouro, prata e cobre que espararam-se pelo campo.

Em julho de 1867 o Dr. Antônio Gomes Pinheiro Machado era nomeado, pelo marechal Caxias, membro da Junta Militar de Justiça, onde serviu até o fim da guerra, quando regressou no posto de coronel, mas já adoentado. Foi sub-comandante do Gal. Andrade Neves. Voltou à vida pastoril e ao envio de mulas chucras para Sorocaba.

Um de seus filhos mais velhos, o General e Senador da República José Gomes Pinheiro Machado, participou também da Guerra do Paraguai, para onde foi fugido com apenas 15 anos de idade, retornando dois anos depois, com a saúde seriamente abalada.



*Maria Manoela de  
Oliveira Ayres*

Antonio Gomes Pinheiro Machado faleceu em Santo Ângelo(RS), em 21 de setembro de 1871, em consequência de grave enfermidade contraída em terras paraguaias ao procurar por seu filho José que fugira da Escola Militar e se alistara no Corpo de Voluntários da Pátria.

Lutador destemido, de inquebrantável firmeza em suas convicções, patriota destacado pelo espírito público, com ele desaparecia um homem padrão pela dignidade e pela correção privada e pública.



**20-ALFREDO GOMES  
PINHEIRO MACHADO**



**30 - MAJOR  
PAULINO  
GOMES PINHEIRO  
MACHADO**



**40 - VENÂNCIO AYRES**



Venâncio de Oliveira Ayres, nasceu em Itapetininga - SP, em 12/11/1841. Faleceu em Santo Ângelo no dia 16/10/1885, de ataque cardíaco, em pleno exercício da Presidência da Câmara Municipal. Foi sepultado num cemitério local, provavelmente o que ficava nos fundos da atual catedral. Venâncio de Oliveira Ayres era irmão de Maria Manoela de Oliveira Ayres, casada com o Dr. Antônio Gomes Pinheiro Machado. (Vide 10)

Seus ancestrais eram bandeirantes paulistas. Formado em Direito, ocupou os cargos de Promotor Público de Itapetininga e de Deputado Provincial por São Paulo. Desde muito jovem lutou por ideais abolicionistas e republicanos. Cruzou o país na pregação de suas idéias, inclusive ao lado do poeta Castro Alves, em Recife, quando eram colegas no 2o ano da Faculdade, em 1865.

Foi para o Rio Grande do Sul por volta de 1874, fundando diversos Clubes Republicanos e Abolicionistas por todo o Estado, inclusive em Santo Ângelo. Casou-se em Itapetininga com sua sobrinha Anna Florisbella Gomes Pinheiro Machado, filha de Antônio Gomes Pinheiro Machado, um dos fundadores de Santo Ângelo e pai do famoso Senador e General José Gomes Pinheiro Machado. Desse casamento resultou sua ligação com as Missões.

Morou em Cruz Alta por volta de 1880, onde fundou dois jornais de cunho libertário: “Descentralização” e “Pe. Feijó”. Foi para Santo Ângelo em 1881, eleito que fora para a Presidência da Câmara em 07 de janeiro de 1881. Montou um escritório de advocacia, morando numa das casas dos índios do tempo das Missões, reformada para tal. Fundou, nessa cidade, um Centro Republicano de larga repercussão política.

Mesmo morando em Santo Ângelo e exercendo diversas atividades públicas, foi fundador do Partido Republicano Riograndense - PRR. Foi, também, fundador e primeiro diretor-redator do jornal republicano “A Federação”, de Porto Alegre, em 1884.

Anna Florisbella Gomes Pinheiro Machado casou-se, pela segunda vez, com o Dr. José Nunes de Castro, seu cunhado e viúvo de Maria Manoela, irmã de Anna Florisbella.

## **50- GENERAL SALVADOR AYRES PINHEIRO MACHADO**

Nasceu em Cruz Alta(RS), a 7 de março de 1859, filho do Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado e Maria Manoela de Oliveira Ayres, vindos de troncos paulistas para o Rio Grande do Sul. Foi casado com Amélia Pinto Ribas e ao falecer, prematuramente, a 8 de dezembro de 1919, em Porto Alegre, deixou 3 filhos menores - Salvador Pinheiro Machado, Sérgio Pinheiro Machado e Maria Diamantina Pinheiro Machado.

Frequentou a escola primária em sua cidade natal e em Santo Ângelo. Muito jovem ainda, foi mandado para São Paulo a fim de continuar seus estudos. Pela vontade dos pais deveria seguir a carreira eclesiástica, ao que se recusou terminantemente, julgando-se incapaz para a vida monástica, cujas restrições obrigatórias estavam em desacordo com o seu temperamento.

Um desentendimento com os irmãos mais velhos, que queriam governá-lo, provocou seu regresso ao sul e a interrupção dos estudos. Pretendia voltar, mas o amor à vida do campo prendeu-o definitivamente aos pampas.

Tendo herdado, em São Luiz Gonzaga, frações de campo e mato, dedicou-se à criação de gado bovino, ao negócio de mulas e à extração de madeiras de lei nas margens do Ijuí-Grande, madeiras que, reunidas em balsas, desciam o Rio Uruguai, sendo vendidas na República Argentina e no Estado Oriental.

Criador progressista, foi ele que no começo deste século levou para São Luiz





Gonzaga o primeiro touro “Durhan” e o primeiro touro “Hereford”.

Nos últimos anos do Império os jovens republicanos profetizavam grandes desgraças para o país pelo advento do 3o Reinado que estaria prestes a ser implantado. Em janeiro de 1888 a Câmara Municipal de São Borja sugere ao Governo Imperial a conveniência de um plebiscito para decidir sobre o 3o Reinado. Outras Câmaras solidarizaram-se com a iniciativa, o que desagradou ao governo central.

Em 1889, Júlio Prates de Castilhos, ardoroso propagandista da República, promove uma reunião de alguns republicanos na Fazenda da Reserva, próxima a Vila Rica, cidade que tem hoje o seu nome. À essa histórica reunião - a “Convenção da Reserva” - compareceram 13 convencionais, que prometeram lutar pela República “diante da vitória ou da morte”. Entre os signatários do compromisso firmado estava Salvador Ayres Pinheiro Machado, juntamente com João F. de Assis Brasil, Júlio Prates de Castilhos, José Gomes Pinheiro Machado (irmão do General Salvador), Ernesto Alves, Fernando Abott e outros. Salvador acompanhava o irmão, mais tarde senador, na propaganda republicana, fazendo proselitismo entre fazendeiros e peões.

O General era republicano desde a propaganda, tanto por influência do Dr. José Gomes Pinheiro Machado, como pela de seu tio Venâncio Ayres e também do Dr. Júlio de Castilhos, a quem estava ligado por laços de fraternal amizade.

Quando da sua convocação para a luta em defesa da “República” ocupava o cargo de Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional da Comarca de São Luiz Gonzaga, por decreto de 12 de setembro de 1891.

Segundo Arthur Ferreira Filho, em seu livro “Caudilhos e Revoluções”: “Salvador era jovem ainda para o posto, mas era autêntica a vocação militar, militar ao modo das campanhas do Sul, com prevalência da cavalaria em suas investidas fulminantes.”

“Cavaleiro impecável, bravo e ativo, enquadra-se, sem favor, entre as mais belas figuras de chefes de cavalaria rio-grandenses.”

O jovem lutador contava trinta e quatro anos quando formou uma Brigada com 1040 homens sob o seu comando. Eis a origem da 4o Brigada, que reunida a 5o Brigada, comandada pelo Coronel Manoel do Nascimento Vargas, veio a constituir a Divisão do Norte, de relevante atuação em 1893.

Por decreto de 30 de maio de 1894, do Presidente Marechal Floriano Peixoto, Salvador Ayres Pinheiro Machado era nomeado “Coronel Honorário do Exército” pelos serviços prestados com dedicação e valor em defesa da República em diversos combates no Rio Grande do Sul.

Por decreto de 8 de novembro de 1894, do Presidente Prudente de Moraes, foi o Coronel Salvador promovido a “General de Brigada Honorário do Exército” por valiosos serviços prestados com máxima dedicação e bravura na defesa da República.

Foi Comandante da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul em 1897 -

logo após - assumiu a Intendência de São Luiz Gonzaga, cargo para o qual fora eleito no ano anterior.

O General Salvador foi Vice-Presidente do Rio Grande do Sul. Faleceu em 08 de dezembro de 1919 em Pôrto Alegre (RS).

#### **60 - DR. ÂNGELO GOMES PINHEIRO MACHADO**



Casou-se em primeiras núpcias com Anna Florisbella Pinheiro Machado e, em segundas núpcias com Maria José Pinheiro Machado. Anna Florisbella e Maria José eram irmãs e filhas de Jorge Gomes Pinheiro Machado e Francisca Brandina Machado. O Dr. Ângelo foi Deputado Federal pelo Estado de São Paulo. Faleceu em 1931.

#### **80.7.31 - IVAN GOMES PINHEIRO MACHADO**

Filho de Antônio Ribas Pinheiro Machado Netto - Advogado e Deputado Estadual - e, Maria Circe Agra Gomes - Geógrafa - Ivan é arquiteto e Editor - proprietário da L&PM Editores - Livraria Pinheiro Machado. A L&PM lançou mais de 104 títulos, sendo um de seus maiores sucessos “Comédia da Vida Privada” de Luís Fernando Veríssimo. Casado com Laís Helena Villas Boas Tarasconi - Estilista de Modas e Empresária.

#### **100 - MAJOR COSME DAMIÃO GOMES PINHEIRO MACHADO**



#### **100.1 - DR. JOSÉ DAMIÃO PINHEIRO MACHADO**

Dr. José Damiano Pinheiro Machado, era do ramo gaúcho dos Pinheiro Machado. Filho do Major Cosme Damiano Gomes Pinheiro Machado e Paulina Ribas Pinheiro Machado. Nasceu em São Luiz Gonzaga das Missões (RS), aos 16 de maio de 1899. Bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito da Universi



dade do Rio de Janeiro, foi criado e educado pelo senador Pinheiro Machado. Formado, o moço Damião foi para o sul advogar. Idealista, não se conformando com o estado das coisas criado pelo Partido Republicano (o velho PRP), tomou parte ativa no ciclo revolucionário que foi de 1922 a 1930. Fêz parte da Coluna Prestes. Mas não acompanhou Luiz Carlos Prestes, quando este se transformou no chefe do comunismo brasileiro. Com a tomada do poder por Getúlio Vargas, o Dr. Damião veio para Botucatu, onde advogou até falecer. Aqui foi vereador (1948) e político de prestígio popular.

Nunca ambicionou ser funcionário público, mesmo de alta categoria. Uma rua da cidade tem o seu nome. E a banda musical botucatuense se denomina “Corporação Musical Dr. Damião Pinheiro Machado”.

Casado com Zulma Brandi Pinheiro Machado, de Lençóis Paulista, deixou uma filha, a advogada Dra. Maria Therezinha, casada com o Dr. Arthur Cogan, Procurador da Justiça em São Paulo.

Dr. Damião faleceu em Botucatu, em 1º de agosto de 1948. Está sepultado na necrópole local, no jazigo da família. No seu epitáfio está escrito:- “Idealista, lutou e sofreu, por uma pátria melhor”. No forum foi um exemplo de cultura, eloquência e honradez. Em sua homenagem a Corporação Musical de Botucatu leva o seu nome.



*Corporação Musical  
“Dr. Damião Pinheiro Machado”*

## 140 - DRANTÔNIO GOMES PINHEIRO MACHADO



Nasceu no Rio Grande do Sul; casado com Rita da Silva Araújo. Faleceu em 1901. Foi Deputado Federal pelo Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores do Jockey Club de São Paulo e, um dos fundadores do jornal “A Província de São Paulo”, que antecedeu o jornal “O Estado de São Paulo” da família Mesquita.

### 140.1 - DR. DULPHE PINHEIRO MACHADO

Casado com Maria Eugênia De Cunto. Foi Engenheiro e Ministro da Agricultura.

## 170-SENADORE GENERAL PINHEIRO MACHADO

José Gomes Pinheiro Machado, aquele que mais tarde seria chamado de “Senador de Ferro” a maior eminência parda, do primeiro período republicano também chamado de “República Velha”, mostrava-se desde a adolescência, um jovem um tanto inquieto e até problemático.

Filho do não menos famoso advogado sorocabano, Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado e Maria Manoela de Oliveira Ayres - relembre-se, irmã de Venâncio Ayres - José Gomes nasceu na cidade de Cruz Alta (RS), em 08 de maio de 1851. Como sua família mudou-se para São Luiz Gonzaga (RS) em 1854, segue-se que naquela cidade, viveu a maior parte de sua infância e adolescência.



Aos quatorze anos, Pinheiro Machado é matriculado na Escola Militar do Rio de Janeiro. No entanto, em 1866 e com apenas quinze anos, foge da Escola Militar, para participar da Guerra do Paraguai, alistando-se no Quarto Corpo de Caçadores a Cavalos.

Junto com seu irmão Paulino, em 1867, ganha a estrela de 1º Cadete do 4º Corpo de Cavalaria. Somente em 1868, com a saúde abalada em face dos maus tratos na guerra, é que se desliga do Exército onde lutava contra as tropas de Solano Lopes, em pleno Chaco paraguaio.

Em 1872, ao levar uma tropa de mula para Sorocaba, SP, ao passar por Itapetinga, seu tio Venâncio Ayres, o persuade a retornar aos estudos. Em 1874, aprovado nos vestibulares, matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo, com apenas 23 anos.

Ingressa no Clube Republicano, em 1876, passando a atuar, ativamente no jornalismo acadêmico, revelando, desde logo suas fortes tendências para a política.

Formando da turma de 1878, no ano seguinte, José Gomes Pinheiro Machado contrai, em 05/08/1876, matrimônio com a paulista Brasileira Benedicta Paula e Silva, nascida em 03/02/1856, irmã do Juiz de Direito Francisco de Paula e do Tabelião Alfredo Firmo de São Paulo, retornando em seguida aos pagos, vindo a residir em São Luiz Gonzaga, onde além do tropeirismo, cuida da advocacia e da política, se elegendo nesse mesmo ano vereador à Câmara daquele município.

Eleito senador pelo Rio Grande do Sul por quatro mandatos (1890, 1897, 1906 e 1915), foi um dos políticos mais atuantes da República Velha, opondo-se à hegemonia paulista e à aliança entre São Paulo e Minas Gerais (conhecida como “política café com leite”, “política dos governadores” ou “política clientelista”). Republicano histórico, foi um dos fundadores do Partido Republicano Conservador, exercendo acentuada influência sobre as cúpulas partidárias e conseguindo obter várias concessões no intransigente regime da “política dos governadores”.

A ascensão de uma nova oligarquia com base na política gaúcha, sob seu comando, foi denominada de “Política das Salvações”. No Senado, travou históricas disputas com o senador baiano Rui Barbosa, expostas em longos discursos. O espírito conservador e caudilhesco de Pinheiro Machado, denominado pelos con-

gressistas de “o chefe”, contrastava-se com a intelectualidade progressista de Rui Barbosa, denominado de “o mestre”. Ambos dividiram a cena política da República Velha, representando as duas principais vertentes partidárias do período, respectivamente Conservadora e Liberal. Faleceu em 08/09/1915 no Rio de Janeiro.

• **180 - LEOPOLDINA CAROLINA GOMES PINHEIRO MACHADO (2º Filho)**  
**ALFERES HYGINO JOSÉ DA CUNHA CALDEIRA**

Nasceu em 1848. Casada com o Alferes Hygino José da Cunha Caldeira. Residiram em sua casa, em São Paulo, os sobrinhos do sul, quando cursaram a Faculdade de Direito do Largo São Francisco: General e Senador José Gomes Pinheiro Machado; Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado; Dr. Ângelo Gomes Pinheiro Machado; General Salvador Gomes Pinheiro Machado; Dr. Leonce Augusto Pinheiro da Silva. Leopoldina, na época em que residiu em Botucatu, dedicou-se à pecuária.

• **190 - ANNA FLORISBELLA GOMES PINHEIRO MACHADO (3º Filho)**  
**CAPITÃO TITO CORREA DE MELLO**

O Capitão Tito Correa de Mello nasceu na cidade de São Paulo, em outubro de 1824. Era filho de Fortunato Correa de Mello, descendente de fidalgas famílias portuguesas, dos Tavoras e Aveiros emigrados para o Brasil no tempo do Marquês de Pombal. Casou-se, Fortunato Correa de Mello, em São Paulo com Anna Roza Alvares Bueno Machado, filha do cirurgião-mor Joaquim Theobaldo Machado de Vascellos e Maria Alvares Bueno, havendo deste consórcio dois filhos - o Capitão Tito Correa de Mello e Maria Catharina Correa de Mello, sendo também irmão de ambos o sabio botânico brasileiro Joaquim Correa de Mello, falecido em Campinas. Ana Roza Alvares Bueno Machado era irmã do cirurgião Dr. Francisco Alvares Machado



O Capitão Tito Correa de Mello educou-se em São Paulo e ali foi empregado em diversas repartições públicas. Militou sempre nas fileiras do Partido Liberal, do qual foi um devotado paladino. Em 1842, estando residindo em Campinas, em companhia de seu irmão, tomou parte na Revolução Liberal, ao lado de Francisco Alvares, Hercules Florence, que redigiam um jornal pertencente ao partido dos revolucionários, do qual eram chefes proeminentes o Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, o Dr. Gabriel Rodrigues dos Santos e outros. Com a escaramuça de Pirajussara, a tomada de Sorocaba e o ataque à Venda Grande, pelo Duque de Caxias, então general, fracassou a revolução e homiziaram-se os revolucionários até que houve a anistia.

O Capitão Tito internou-se na província, tendo estado em Itu, Tietê, Piracicaba, Rio Claro, estabelecendo-se com casa comercial em Araraquara. Após alguns

anos casou-se, em 1847, em Itapetininga, com sua prima(em terceiro grau) Anna Florisbella Gomes Pinheiro Machado, filha do Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo e Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos, residentes naquela cidade, proprietários em Botucatu da sesmaria do Monte Alegre.

Casando-se em Itapetininga, ali fixou residência, continuando com a carreira comercial. Foi um dos chefes do Partido Liberal, onde ocupou posição saliente não só nos cargos de eleição como em outros de confiança do governo.

De seu casamento nasceram apenas dois filhos - o Cel. Gustavo Pinheiro de Mello, casado com Rita Anésia, que residiu em Piraju (SP), e o Delegado Amador Bueno Pinheiro de Mello, casado com Gabriella Augusta Pinheiro Machado, que residiu em Botucatu. Abandonando a carreira comercial, mudou-se para Botucatu, onde adquiriu diversas propriedades agrícolas, onde dedicava-se ao cultivo de café. Foi, também, Juiz de Paz. Aqui organizou o Partido Liberal, sendo o chefe de maior prestígio, que tinha real influência e que dominava todo o sul da província, onde foi sempre muito estimado e acatado.

Amigo de seus amigos, carregava ele as culpas de seus correligionários políticos. Daí aconteceu ser ele muitas vezes acusado por fatos gravíssimos que só soube depois de acontecidos e cuja responsabilidade assumia por querer ser solidário com os seus. Era o Capitão Tito servidor e esmoler. A afabilidade com que recebia aos ricos, Tito recebia aos pobres, sendo destes o conselheiro, advogado e médico gratuito, pelo que era idolatrado pela pobreza.

Falecendo sua primeira esposa, contraiu segundas núpcias em Sorocaba, com Constância Braga de Mello, de cujo matrimônio nasceu um filho - Benedicto Correa de Mello, que residiu em São Manuel. São também filhos do Capitão Tito, Fortunato Correa de Mello, Brasilisa e Isabel Correa de Mello, Francisco<sup>12</sup> e João Baptista Correa de Mello<sup>12</sup>.

Aqui (Botucatu) continuou a residir o Cap. Tito, chefiando o Partido Liberal, ocupando cargos de eleição popular. Foi eleito e reeleito por muitos anos 1o Juiz de Paz, foi Deputado Provincial pelo 5o Distrito, prestando relevantes serviços à zona. A Proclamação da República veio surpreendê-lo velho, cansado e cego. O velho soldado, sempre fiel às suas crenças e aos seus ideais, retirou-se à vida privada, isolou-se em sua chácara situada na Vila Aparecida - imediações da atual Estação Rodoviária - onde finou-se em 30 de janeiro de 1907 em Botucatu, onde está sepultado.

**Algumas Notas:-** Era o Capitão Tito um homem de caráter rijo e de pronta resolução. Quando foi assassinado Quinzote, numa eleição, acusaram-no de ser mandante do crime. Foi ele a São Paulo e defendeu-se galhardamente. Na sua volta, estando já em Sorocaba, soube que o chefe de polícia, Dr. Toledo Piza, queria publicar um relatório, acusando-o. Passou um telegrama para São Paulo, com as seguintes palavras:- “ O Piza não me pisa, mas eu piso no Piza”. Conhecedor do



---

12. Foram alunos da Escola Militar.

direito, era o Capitão Tito de vasta erudição. Um morador desta cidade, tinha pendente uma causa no tribunal, em São Paulo. Era seu advogado o Barão de Ramalho, lá, e o Cap. Tito, aqui. O Barão de Ramalho, em decisão às instantes consultas do cliente respondeu-lhe: “ O que Tito escrever eu assino”. Tito Correa de Mello frequentou a academia de medicina, mas não terminou.

#### **200- AMADOR BUENO PINHEIRO DE MELLO**

casado com Gabriella Augusta Pinheiro Machado, nascida em São Paulo aos 13/04/1852. Gabriella era filha do Major Matheus Gomes Pinheiro Machado e Joaquina Roza da Cunha Caldeira. Amador e Gabriella eram primos-irmãos. Amador Bueno foi Delegado de Polícia em Botucatu (em sua época ocorreu o famoso crime de Anna Rosa). Fazendeiro, cultivou café na região de Botucatu.

#### **345- CAPITÃO JOÃO BAPTISTA CORREA DE MELLO**

A sete de agosto de 1933 tomou posse do cargo de prefeito Municipal, que nele se manteve até 6 de março de 1934.

#### **• 350 - MAJOR JOAQUIM GOMES PINHEIRO MACHADO (4º Filho) BARBARA ANTUNES RIBAS**



Casado com Barbara Antunes Ribas, Tiveram os seguintes filhos:- Antonio Ribas Pinheiro Machado, casado com Leopoldina Gomes Pinheiro Machado; José Pinheiro Machado, casado com Anna Lages; Anna Florisbella Pinheiro Machado; Leopoldina Pinheiro Machado, casada com Manuel Osório Barbosa; Brasil Ribas Pinheiro Machado, casado com Maria Eugênia Carvalho Guimarães; Barbara Gomes Pinheiro Machado, casada com Manoel Gonçalves Moraes Roseira; Emília Gomes Pinheiro Machado; Anna Florisbella Gomes Pinheiro Machado, casada com Mario Gonçalves Moraes Roseira; Sophia Gomes Pinheiro Machado, casada com o Coronel José Pereira dos Santos; Tranquilino Gomes Pinheiro Machado (faleceu criança); Maria da Luz Gomes Pinheiro Machado; Tranquilino Gomes Pinheiro Machado, casado com Aurora; Alice Gomes Pinheiro Machado, casada com Ângelo Araujo Familiar; Joaquim.

Foi Major do Exército e participou da Guerra do Paraguai. Foi um dos fundadores da Loja Maçônica Firmeza de Itapetininga(SP) em 19/10/1852.

#### 400.31 - BRASIL PINHEIRO MACHADO

Nasceu em Ponta Grossa(PR), casado com Suzana Icart nascida em Ponta Grossa (PR). Foi Governador do Estado do Paraná, Desembargador e Deputado Federal.

#### •490 - MARIA DELPHINA GOMES PINHEIRO MACHADO (5º Filho) TENENTE JOÃO BAPTISTA DA CUNHA CALDEIRA



Maria Delphina, uma das filhas do capitão José Gomes Pinheiro Vellozo, casou-se com o Tenente João Baptista da Cunha Caldeira, que foi o primeiro coletor da cidade (Botucatu). João Baptista da Cunha Caldeira, no fim do século passado mudou-se para Bofete, onde se tornou o patriarca, chefe da enorme família Pinheiro Machado Caldeira. Os Caldeiras tornaram-se donos de várias propriedades agrícolas na serra do Galdino, na serra dos Órgãos e adjacências. O casal Maria Delphina-Cunha Caldeira deixaram os seguintes filhos:- Major Benedicto Ottoni Pinheiro Caldeira, casado com Maria Carmelita Caldeira; Adélia Pinheiro Machado Caldeira, casada com Joaquim Ferreira da Silva; Profª Garibaldina Pinheiro Machado Tolosa, casada com o Prof. Benedicto Maria Tolosa; Raul; Leopoldo; Osmany Pinheiro Machado Caldeira, casado com Antonia Ayres de Mello; Lindolpho da Cunha Caldeira, casado com Eugênia Cristina Pinheiro Machado; Leopoldina Pinheiro Machado Caldeira; Honorina Pinheiro Machado Caldeira, casada com Joaquim Pires Gavião; Henriqueta Pinheiro Machado Caldeira, casada com José Lourenço de Moura. O tenente João Baptista da Cunha Caldeira foi vereador à Câmara de Botucatu de 1866 a 1868 e em 1870. Foi presidente da Câmara em 1875. Como fazendeiro desenvolvia a pecuária.

#### 510 - PROF. BENEDICTO CALDEIRA

Filho do major Benedicto Ottoni Pinheiro Caldeira, falecido em 11/04/1942 e Maria Carmelita de Melo Caldeira, falecida em 27/05/1956. O major Benedicto Ottoni Pinheiro Caldeira era filho de Maria Delphina Gomes Pinheiro Machado e do Tenente João Baptista da Cunha Caldeira. Pai do prof. Benedito Caldeira que exerceu o magistério por mais de 50 anos. Aposentou-se no cargo de Delegado de Ensino. Benedito Caldeira ganhou o prêmio concedido pelo Governo do Estado de



São Paulo àqueles que por mais de meio século exercem funções públicas. O professor Caldeira era dono de notável cultura geral e especializada. Gozava de ótimo conceito junto ao professorado paulista.

#### **670 - DEPUTADO FLAMÍNIO FERREIRA**

Nasceu em 07/11/1878, em Botucatu (SP) e faleceu em 1931. Era casado com Laurinda Gomes de Oliveira. Foi professor, jornalista, vereador e Prefeito de Pirajú pelo PRP em 1914. Deputado em 1930 e Diretor do Correio Paulistano.

#### **690 - PROF<sup>a</sup> GARIBALDINA PINHEIRO MACHADO TOLOSA**

Ótima educadora, foi uma das primeiras professoras do grupo escolar “Dr. Cardoso de Almeida”, inaugurado em 1895. O primeiro diretor desse grupo foi o seu esposo prof. Benedito Maria Tolosa, que deixou renome no magistério paulista. Em 1897 dirige, juntamente com seu esposo, o Colégio São Paulo, com internato e externato para os dois sexos. Tolosa, casado com Garibaldina, deixou vários filhos. Dois deles se tornaram professores da Faculdade de Medicina de São Paulo. Benedito Pinheiro Machado Tolosa, era professor de ginecologia e obstetícia. Adherbal Tolosa foi catedrático de neurologia.

#### **• 1580 - MAJOR JORGE GOMES PINHEIRO MACHADO (6<sup>o</sup> Filho) FRANCISCA BRANDINA MACHADO**

Nasceu em 24/04/1830 em Itapetininga(SP) e faleceu em 28/09/1883. Casado com Francisca Brandina Machado, nascida em Lençóis Paulista, filha de Joaquim Gabriel de Oliveira Lima e Maria da Anunciação Ferraz Machado, de cujo consórcio nasceram os seguintes filhos:- Coronel Jorge Gomes Pinheiro Machado (Coronel Jorginho) casado com Maria Manuela Pinheiro Machado (conhecida como Maricota); Maria José Pinheiro Machado, casada em primeiras núpcias com Manuel Amâncio de Oliveira Machado e em segundas núpcias com Dr. Ângelo Gomes Pinheiro Machado; Anna Florisbella Pinheiro Machado, casada com o Dr. Ângelo Gomes Pinheiro Machado; Adolpho Gomes Pinheiro Machado, casado com Francisca Falcão; Francisca Pinheiro Machado, casada com Dr. Octaviano Martins Brisolla; Maria Isabel (falecida com 5 anos de idade). O Major Jorge Gomes Pinheiro Machado foi proprietário da fazenda Monte Alegre em Botucatu e Fazenda Morrinhos em Itatinga. Foi um dos fundadores da Loja Maçônica Firmeza de Itapetininga(SP) em 19/10/1852. Atuou como suplente de vereador em Botucatu em 1860. Fazendeiro, dedicava-se à pecuária.

#### **1590 - JORGE GOMES PINHEIRO MACHADO (CORONEL JORGINHO)**

Jorge Gomes Pinheiro Machado (coronel da Guarda nacional) nasceu em Lençóis Paulista, em 1866. Seus pais foram o Major Jorge Gomes Pinheiro Machado e

Francisca Brandina Machado. O moço Jorginho, casou-se com a prima-irmã Maria Manuela Pinheiro Machado a conhecida Maricóta. Esta, filha do Major Manuel Gomes Pinheiro Machado, e sua sobrinha Sophia (Vide 10), que era filha do Dr. Antônio Gomes Pinheiro Machado e Maria Manuela de Oliveira Ayres; nascida em 18/12/1875, na fazenda Monte Alegre, e falecida em Botucatu aos 26/01/1952, com 77 anos de idade.

O Coronel Jorginho herdou a fazenda Monte Alegre, foi fazendeiro e político. Chefiou o Diretório Hermista, em Botucatu, contra a candidatura de Rui Barbosa. Foi vereador de 1917 a 1919. Gostava de esportes. Presidiu o Esporte Club Paulista, grêmio futebolístico que tinha campo no Bairro Alto. O Coronel Jorginho e Maricóta doaram o “Patrimônio da Prata”.

O Coronel Jorginho faleceu em 06/4/1925. O casal deixou os seguintes filhos:- Sophia, Francisca, Maria Alice, Jorge, Manoel Deodoro; a Prof<sup>a</sup> Ana Florisbella (Bélinha), Ruth, Alice e Joaquim.

### **1730 - JOAQUIM DE OLIVEIRA MACHADO**

Nasceu em Lençóis Paulista, foi Diplomata e Cônsul na Argentina.

### **2290 - SÔNIA BRISOLLA JORDÃO**

Filha de Francisca Pinheiro Machado e Dr. Jorge Pinheiro Brisolla e neta de Anna Florisbella Pinheiro Machado e Dr. Ângelo Gomes Pinheiro Machado. Nasceu no Rio de Janeiro. Casada com Hernâni de Oliveira Jordão. Escritora, escreveu “O Poncho Gaúcho”, “Pinheiro Machado - Um Líder Nacional na República Velha “. Dissertação de Mestrado em Ciência Política, apresentado ao Depart. De Ciência Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 1985.

### **• 2700 - MAJOR MANUEL GOMES PINHEIRO MACHADO (7º Filho) SOPHIA GOMES PINHEIRO MACHADO**

Figura tradicional do velho Botucatu, foi Manuel Gomes Pinheiro Machado (conhecido como Major Manéco), filho do Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo. Nasceu em Sorocaba em 10/11/1835 e faleceu em Botucatu em 27/02/1895, estando sepultado na necrópole local. Fazendeiro, dedicava-se à pecuária; político, vereador várias vezes, foi presidente da Câmara em 1882 e Intendente em 1891. Foi suplente de Juiz Municipal e de Órfãos em 1857. Casado com sua sobrinha Sophia Gomes Pinheiro Machado (Vide 10), filha do Dr. Antônio Gomes Pinheiro Machado e Maria Manoela de Oliveira Ayres, deixou grande descendência. Dos seus filhos, muitos descendentes residem em Botucatu. Deste



matrimônio nasceram:- Maria Manoela Pinheiro Machado, casada com o coronel Jorginho. Conhecida como Maricota, nasceu na fazenda Monte Alegre em 18/12/1875 e faleceu em Botucatu, aos 26/01/1952; Paulino Gomes Pinheiro Machado, casado com Rita Dias; José Gomes Pinheiro Machado, casado com Maria Angélica; Manoel Gomes Pinheiro Machado, casado com Rita Tavares; Sophia Corina Pinheiro Machado, casada com Octacílio Nogueira - que foi Intendente de Botucatu em 1930 -; Leopoldina Pinheiro Machado, casada com José Ribeiro Sobrinho; Antonio Pirajú Pinheiro Machado, casado com Belinha Dias, Joaquina Pinheiro Machado, casada com o Dr. Francisco Antenor Jobim (Juiz de Direito em Tatuí) e Olegário Alves Pinheiro Machado, 1º casamento com Vitalina e 2º casamento com Maria Faresina Fávero.

### **3810 - PROF. ADOLFO PINHEIRO MACHADO**



Nasceu em Botucatu. Filho de Gontran Pinheiro Machado e Sophia Pinheiro Machado. Foi Prefeito de Botucatu de 1947 a 1951. Adolfo foi professor da Escola Normal de Botucatu, e depois Diretor do Instituto de Educação “Dr. Cardoso de Almeida”. Promovido a Inspetor do Ensino Secundário e Normal, transferiu-se para São Paulo, onde se tornou homem forte da Secretaria da Educação, encarregado de resolver todos os casos graves e as dificuldades da Secretaria. Foi Secretário Geral do Conselho Estadual de Educação. Era casado com a Profª Luiza Ene-dina Faro e tiveram o filho, Dr. Régis, médico. Faleceu em 23/12/1982.

### **3870 - PROF. JORGE PINHEIRO MACHADO**

Nasceu em Botucatu, aos 23 de janeiro de 1915. Filho de Gontran Pinheiro Machado e Sophia Pinheiro Machado. O Prof. Jorge Pinheiro Machado lecionava matemática, no ensino médio e no ensino profissional. Foi Diretor da Escola Industrial de Botucatu “Dr. Armando Salles de Oliveira”(hoje Colégio Técnico). Era casado com a Profª Dirce Leite de Campos, falecida em Botucatu aos 28/08/1984. Teve os filhos:- Profª Vera Lúcia Pinheiro Machado, casada com o Dr. Carlos Antonio Domingues e Profª Célia Maria Pinheiro Machado, casada com Dr. Reinaldo Torres de Arruda Campos. Foi um dos diretores do jornal “Correio de Botucatu”, onde colaborava com artigos e crônicas. Faleceu em Botucatu no dia 18 de abril de 1990.



### **3940 - PROF. GERSON PINHEIRO MACHADO**

Filho de Gontran Pinheiro Machado e Sophia Pinheiro Machado. Nasceu em Agudos. Casado com a Profª Judith Garcez Carvalho. O Prof. Gerson foi Diretor da Escola Industrial de Lins.

### **3970 - JORNALISTA DARCÍLIO PINHEIRO MACHADO**



Nasceu em Piratininga (SP) a 14 de dezembro de 1918. Filho de Gontran Pinheiro Machado e Sophia Pinheiro Machado. Jornalista e funcionário público. Casou-se, em 1944, com Helena Tortorella Pinheiro Machado, tendo um filho, Gontran Pinheiro Machado Neto. Foi Diretor e redator do jornal “Correio de Botucatu” (1948/1961). Ficou famosa a sua coluna “Bicancadas”. Era filiado ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e à Associação Paulista de Imprensa. Foi correspondente do jornal “Folha da Manhã” de 1949 a 1963, tendo o seu nome no quadro de honra em uma das salas da “Folha de São Paulo”.

Em 1961 foi Redator-Chefe do jornal “Folha de Botucatu”, editor do jornal “Correio Popular”(1954). Dirigiu, em 1945, o “Correio Esportivo”. Foi produtor e apresentador do programa “Mesa Redonda” levado ao ar pela Radio Emissora de Botucatu - PRF-8 - De 1966 a janeiro de 1969, dirigiu e apresentou o programa “A Marreta” da Rádio Municipalista de Botucatu. Faleceu a 18 de abril de 1969, aos 50 anos de idade.

### **4240 - MANOEL DEODORO PINHEIRO MACHADO**

Nasceu em Botucatu aos 07 de março de 1899. Filho do Coronel Jorge Gomes Pinheiro Machado e de Maria Manoela (Maricóta). O jornalista Manoel Deodoro, dirigiu o “Correio de Botucatu” (do qual era proprietário) por largos anos. Utilizava o pseudônimo de “Pine Axe”. Foi diretor, em 1917, do jornal “Cidade de Botucatu” e “A Razão”, da Sociedade de Cultura Artística. Foi Prefeito de Botucatu (02/03/1933 a 07/08/1933) e vereador à Câmara Municipal em 1936. Era casado com Maria Clementina Losso. O casal teve dois filhos:- Deomar Tilza Pinheiro Machado Abrantes e Márdeo Pinheiro Machado. Faleceu na cidade de Santos (SP) em 24 de fevereiro de 1959.



#### 4400 - OCTACÍLIO NOGUEIRA



Nasceu em 06/09/1884 e faleceu em 27/09/1956; casado com Sophia Corina Pinheiro Machado, nascida em 09/02/1888 e falecida em 19/08/1966. Octacílio Nogueira foi Alferes, Coronel e Intendente (Prefeito) em Botucatu até 1930 e vereador pela mesma cidade nos idos de 1924 e 1929/30. Foi diretor do Partido Republicano em São Paulo.

#### 4800 - MANOEL PINHEIRO RIBEIRO

Nasceu em Botucatu aos 19/11/1896 e faleceu em 15/08/1979. Membro



Fundador da Associação Atlética Botucatuense. Casado com Guiomar Abrantes Guimarães Ribeiro com quem teve os filhos: Eng. César José Maria Ribeiro, casado com Dorothéia Carlson Ribeiro, e Eng. Celso José Maria Ribeiro, casado com Ilza Albuquerque Ribeiro.



#### 4810 - CÉSAR JOSÉ MARIA RIBEIRO

Nasceu em Monção (SP), atual Iaras (SP), em 30/03/1923. Filho de Manoel Pinheiro Ribeiro e Guiomar Abrantes Guimarães Ribeiro. Formou-se em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie (SP) concluindo o curso em 1949. Realizou o curso de Engenharia de Tráfego pela Faculdade de Arquitetura Álvares Penteado(SP). Experiência Profissional: Empresa ENGEA Engenharia Ltda como Diretor Administrativo desde 1984; GISoft Comércio e Desenvolvimento de Sistemas Ltda. no cargo de Diretor Administrativo desde 1992; Realiza Avaliações e Perícias Judiciais desde 1945; no mesmo ano, Perito e Avaliador, representante da Risa em São Paulo. Em



1948 foi representante da RISA em Ribeiro, Santos e Jaboticabal; Em 1948 fundou a Heliográfica São Paulo, trabalhando no ramo de cópias heliográficas e fotocópias; De 1945 a 1950 foi Perito e Avaliador no Fórum, em São Paulo; Em 1950 fundou a Argamax - Produtos de Revestimentos Ltda., fabricante de argamassas prontas para construção; Em 1957 participou da fundação e construção de Brasília (DF); em 1959 fundou a Ingá - Melhoramentos e Colonização Ltda., empresa que instalou o

Jardim do Ingá, no Município de Luziânia - Goiás, hoje cidade do Ingá, com 30.000 habitantes; em 1959 construiu em Brasília (DF) o edifício do Ministério do Trabalho, com aproximadamente 20.000 m<sup>2</sup>; nesse mesmo ano, executou, em Brasília, para a Novacap vários prédios de apartamentos; no mesmo ano, incorporou 2 prédios; Em 1952 fundou a Boa Esperança - Engenharia, Imóveis e Construções Ltda., operando no ramo de imóveis, desenvolvendo também o loteamento próprio Balneário Guapurá, na Praia Grande, Verde Mar. Entidades que participa: - Jockey Club de São Paulo, Club Atlético Paulistano, Associação Brasileira de Criadores de Cavalos de Raça Mangalarga, Sociedade Hípica de Botucatu (Sócio Fundador).

#### **4830 - JOSÉ PINHEIRO RIBEIRO**

Nasceu em Botucatu. Filho de José Ribeiro Sobrinho e Leopoldina Pinheiro Machado. Casou-se com Aníta Santini. Dedicou-se ao jornalismo. Participou da revolução Constitucionalista (1932) onde foi 2º Tenente. Fundou, em 15 de junho de 1939, o primeiro diário da cidade "Botucatu-Jornal" redatoriado pelo Prof. Raymond Penha Forte Cintra e, posteriormente, dirigido pelo Prof. Nelson Franklin de Mattos. Foi prefeito de Itatinga e Coletor Estadual em Santa Cruz do Rio Pardo.

#### **5750 - DR. DANTON PINHEIRO JOBIM**

Jornalista - Prof. Universitário - Presidente da Associação Brasileira de Imprensa por duas gestões. Nasceu a 8 de março de 1906, em Avaré (SP). Esposa: Nadir Fausto Jobim, Filhos: Renato Sérgio (jornalista e escritor) e Roberto Luiz. Estudos: Instituto La-Fayette; Curso Normal de Preparatórios (Colégio Juruena); Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (antiga), bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Ex-catedrático do Centro de Estudos Superiores de Jornalismo da América Latina, da UNESCO, com sede em Quito; ex-professor convidado da Sorbonne, onde regeu um curso (1958), sobre "Introductio au Journalisme Contemporain"; ex-professor contratado da Universidade do Texas, onde regeu um seminário de Jornalismo Comparado; ex-conselheiro de Imprensa da Presidência da República, o governo Juscelino Kubitschek; ex-delegado brasileiro à Assembléia das Nações Unidas (1950). Senador pelo Estado do Rio de Janeiro por duas legislaturas; Foi diretor - Redator chefe do "Diário Carioca", de 1932 a 1964 e foi, diretor-presidente da "Última Hora", Rio de Janeiro (GB); professor de História da Imprensa na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil; membro do Conselho Diretor da Association Internationale de Recherches sur Information", com sede em Paris. É autor dos livros: - "Problemas do Nosso Tempo", "José Bonifácio", "Para onde vai a Inglaterra?", "O Ciclo da Doutrina de Monroe", "Espírito do Jornalismo", "Introduction au Jornalismo, da Universidade de Columbia (N. York) e a "Medalha do Mérito Jornalístico" (Brasil). Condecorações: - comendador das Ordens: - Mérito Naval do Brasil, Mérito Civil da Espanha, Mérito do Chile, Cristo de Portugal, Infante Dom Henrique de Portugal, Mérito da República Italiana, Coroa da Bélgica, Coroa de Carvalho de Luxemburgo; medalhas: - Campanha do Atlântico Sul, Proclamação da República, Ruy Barbosa, Rio Branco, Anchieta. Pertence ao Jockey Club Brasileiro e à Associação Brasileira de Imprensa.

### 5780 - DR. JOSÉ PINHEIRO JOBIM

Casado com Lygia Collor. Advogado, jornalista e escritor. Foi Diplomata junto ao Vaticano, Cônsul e Embaixador. Lygia Collor era filha do político e escritor Lindolpho Collor, avô do ex-presidente Fernando Collor de Mello.

### 5810 - DR. PEDRO PINHEIRO JOBIM

Casado com Maria de Lourdes Pinheiro Ribeiro. Médico Veterinário e funcionário graduado do Banco do Brasil por onde se aposentou.

### • 5830 - MAJOR MATHEUS GOMES PINHEIRO MACHADO (8º Filho) JOAQUINA ROZA DA CUNHA CALDEIRA



Nasceu na cidade de Sorocaba no dia 22 de julho de 1817. Filho do capitão José Gomes Pinheiro Vellozo e Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos. Casou-se, em 26 abril de 1846, na igreja de Nossa Senhora dos Remédios, com Joaquina Roza da Cunha Caldeira, filha de Bento José de Moraes e Anna Joaquina da Cunha Caldeira, com quem teve os filhos:- Malvina Rozelinda Pinheiro Machado; Augusto Gomes Pinheiro Machado (1º); Adolpho Gomes Pinheiro Machado (1º); Gabriella Augusta Pinheiro Machado, casou-se com Amador Bueno Pinheiro de Mello; Coronel Brazil Gomes Pinheiro Machado, casou-se com Gabriella Fausta Alvares Bueno; Augusto Gomes Pinheiro Machado, casado com Benedicta Castro de Arruda; Adolpho Gomes Pinheiro Machado, casado com Josephina Alvares Bueno; Eugênia Cristina Pinheiro Machado, casada com Lindolpho da Cunha Caldeira; José Gomes Pinheiro Machado (batizado, faleceu); Anna Angélica Pinheiro Machado, casada com Amador Bueno da Ribeira; Benedicta Pinheiro Machado; Tenente-Coronel Matheus Gomes Pinheiro Machado, casado com Anna Joaquina Franco do Amaral.

A rua que do pontilhão da antiga Sorocabana para cima, vai até aos altos da Vila dos Lavradores, chama-se “Major Matheus”. Foi justa homenagem ao major Matheus Gomes Pinheiro Machado - primeiro filho do capitão José Gomes Pinheiro. O major Matheus foi comandante do esquadrão de cavalaria Nº 13 da Guarda Nacional da Vila de Botucatu, no ano de 1864. Foi um dos fundadores da Loja Maçônica Firmeza de Itapetininga (SP) em 19/10/1852. Foi presidente da Câmara de Botucatu de 1876 a 1877. Sempre residiu em sua propriedade agrícola, situada no antigo Bairro da Estação, onde hoje está a Vila Pinheiro Machado. Ai cultivada café,



algodão, e dedicava-se à pecuária. Muito estimado e conceituado, deixou grande descendência, traduzida em filhos, netos, bisnetos, trinets e tetranets.

O velho major Matheus Gomes Pinheiro Machado, que faleceu em 6 de outubro de 1887, foi sepultado em Botucatu.

#### **5990 - CORONEL BRAZIL GOMES PINHEIRO MACHADO**

Nasceu na cidade de Itapetininga e foi batizado na Matriz da mesma cidade a 2 de julho de 1854. Filho do Major Matheus Gomes Pinheiro Machado e Joaquina Roza da Cunha Caldeira. Casou-se na cidade de Tietê com Gabriella Fausta Alvares Bueno, nascida em 26/08/1861 em Tietê (SP), com quem teve os filhos:- Accacio, casado com Maria Morato Pinheiro Machado; Brazil Gomes Filho, casado com Lizeika Pereira de Moraes; Isaura Pinheiro Machado Nogueira, casada com Lindolpho Nogueira; Malvina Pinheiro Machado de Oliveira, casada com Annibal de Oliveira; Alice Pinheiro Machado Villas Boas, casada com o Dr. José Freire Villas Boas; Zenita Pinheiro Machado de Almeida, casada com Ernesto Pereira de Almeida; Octávio Pinheiro Machado, Leontina Pinheiro Machado Sansalone, casada com Cosme Sansalone; Erasmo Pinheiro Machado, casado com Elvira Rizzo Pinheiro Machado; Eunice Pinheiro Machado Padovan, casada com Atílio Padovan; Otávio 1º; Leontina 1ª; Gabriela e Joaquina (gêmeas); Paulo Pinheiro Machado casado com Inês Maria Conceição e Martinha Pinheiro Machado casada com Manuel Macedo.



O Coronel Brazil Gomes Pinheiro Machado foi grande fazendeiro. Por herança, possuiu partes das fazendas “Velha, Serraria e Campos Elíseos”, que eram verdadeiros latifúndios. Pertencente a uma tradicional e numerosa família, tinha, fatalmente, que militar na política. Seu prestígio pessoal era grande. Muito estimado e considerado, graças aos seus dotes pessoais, trato lhano e cavalheiresco. Elegia-se com facilidades. Foi vereador de 1883 a 1886. Com o advento da República, fez parte do Conselho de Intendentes, que substituíram as edilidades. Nessa condição, foi intendente (prefeito) de Botucatu no ano de 1892. Assinou, em 02 de janeiro de 1893, a Ata de fundação da Santa Casa de Misericórdia Botucatuense. Foi um dos diretores do Clube “Democracia”. Assinou a Ata Histórica de 16/11/1889 do primeiro ano da Proclamação da República do Brasil. Faleceu a 16 de julho de 1913, aos 59 anos de idade, estando sepultado no cemitério local.

#### **6490 - PROFª CARMEN SÍLVIA MENDES AMANDO DE BARROS**

Casada com Dr. Antônio Carlos Amando de Barros - Advogado

#### **6700 - ALICE PINHEIRO MACHADO VILLAS BOAS**

Nasceu em Botucatu aos 12/09/1887 e, faleceu na mesma cidade aos 26/08/1970. Casada com o Dr. José Freire Villas Boas, filho de José Victoriano Villas Boas e Ana Celestina Villas Boas.

#### **6710 - PROF<sup>ª</sup> MARIA MIGUEL VILLAS BOAS**

Filha de Alice Pinheiro Machado Villas Boas e José Freire Villas Boas, nasceu em Botucatu em 3 de fevereiro de 1914. Formou-se em 1932, professora na EECA. Trabalhou na Companhia Nacional do Glaucoma, em Assis e Cândido Mota, onde iniciou sua vida de Professora. Aposentou-se na EECA como professora primária, ensinando as primeiras letras à inúmeros filhos de Botucatu, sendo sempre lembrada e reverenciada pelos seus alunos. Foi católica cristã de profunda fé e dedicação à caridade.

#### **6720 - PROF<sup>ª</sup> MARIA LÚCIA VILLAS BOAS NOVELLI**



Filha do Dr. José Freire Villas Boas e de Alice Pinheiro Machado Villas Boas, neta do Coronel José Vitoriano Villas Boas e do Capitão Brasil Gomes Pinheiro Machado, nasceu em Botucatu em 22 de novembro de 1919. Formada na Escola - EECA em 1937, foi professora do Instituto Santa Marcelina, onde conheceu seu marido, o Prof. Ignácio de Loyola Vieira Novelli. Casaram-se em 1943, tendo um filho, José Luiz Villas Boas Novelli, casado com Ethel Lorenzi Barbosa Novelli e dois netos, José Luiz Filho e Lucila. Foi professora primária no grupo Rafael de Moura Campos, fazendo diversos cursos e aposentando-se como professora secundária de Educação Artística. Formou-se em Regência em música na Faculdade Santa Marcelina, fundando os grupos rítmicos infantís e o coral da Igreja São Benedito.

Praticava junto com seu marido, caridade cristã, ajudando dezenas de pessoas. Foi exemplo de bondade e ensinou grande números de alunos que tornaram-se artistas e professores de música, principalmente na área do piano, o instrumento completo, o qual se graduou com o título de bacharel.

#### **6730 - DR. JOSÉ LUIZ VILLAS BOAS NOVELLI**

Nascido em São Paulo, Capital, em 26 de setembro de 1945. Filho do Professor Ignácio de Loyola Vieira Novelli, escritor e bacharel, e Maria Lúcia Villas Boas Novelli, professora e Musicista. Neto do Dr. José Freire Villas Boas, advogado e tabelião e de Alice Pinheiro Villas Boas, e de Luiz Gonzaga Novelli, comerciante

italiano e Vicentina Bueno de Camargo Vieira. Pelo lado materno, primo dos Irmãos Villas Boas (Leonardo, etc.), graduou-se Engenheiro Agrônomo na Turma de 1969 na FCMBB, sendo o primeiro Nativo a se formar na Faculdade de Agronomia, participou ativamente do movimento estudantil universitário em



especial Operação Andarilho. Trabalhou na Ultrafértil e IBC. Proprietário da Fazenda Santana e São Joaquim, lançou os loteamentos Jardim do Mirante, Jardim Paraíso II e Altos do Paraíso. Casado com a Dra. Ethel Lourenzi Barbosa Novelli, Professora Titular do Departamento de Bioquímica da Unesp, tem dois filhos: José Luiz Villas Boas Novelli, Médico, e Lucila Lourenzi Barbosa Novelli, 4ª anista de Direito.

**7130 - PROFª MARIA DO CARMO PINHEIRO  
MACHADO PADOVAN DE BARROS**

Casada com o Dr. Reynaldo Emygdio de Barros, ex-Prefeito da cidade de São Paulo e atual (2000) deputado estadual por São Paulo.

**7200 – ENGº REYNALDO EMYGDIO DE BARROS FILHO**

Casado com Cláudia Souza Queiróz Passarelli de Barros (pedagoga). Reynaldo, deputado estadual no Estado de São Paulo.

**7470 - DASTI PINHEIRO MACHADO**

Casado com Ida Castelhoni. Ida era irmã de Auzélia, mãe da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello.

**7490 - AUGUSTO GOMES PINHEIRO MACHADO**

Nasceu em Botucatu, aos 09/09/1856; casado com Benedita Castro de Arruda. Conhecido como Nhô Zinho Matheus. Foi Intendente e vereador municipal em 1882, 1899, 1902, 1903, 1911 a 1913. Exerceu a função de tesoureiro da Prefeitura Municipal de Botucatu. Um dos diretores do Clube Democracia e assinou a Ata Histórica de 16/11/1889 da Proclamação da República no Brasil. Tiveram os filhos: Manuel Augusto casado com Tereza Maria Luiza Canellas Pinheiro Machado; Matheus e Júlio Pinheiro Machado casado com Eliza Rosseto.



#### **7500 - MANUELAUGUSTO PINHEIRO MACHADO**

Casado com Tereza Maria Luiza Canellas Pinheiro Machado. Foi esportista, muito conhecido como NENÊ PINHEIRO MACHADO - nos tempos em que jogava futebol no primeiro esquadrão do Sport Club Botucatuense - 1o Time de Futebol de Botucatu em 1904 -

#### **7590 - ADOLPHO GOMES PINHEIRO MACHADO**

Nasceu em 06/01/1858 e faleceu em Botucatu aos 14/07/1895. Era casado com Josephina Alvares Bueno Pinheiro Machado, nascida em 05/09/1859 e falecida em 23/05/1957. Era filha de Matheus Alvarez Bueno e Gabriella Fausta de Goes Bueno, gente de Itu e São Paulo, aparentada com Amador Bueno “O Aclamado”.

#### **7620 - JOSÉ ANTÔNIO PINHEIRO ARANHA**



Filho de José de Campos Aranha e Nísia Pinheiro Machado Aranha, nasceu em Botucatu, a 12 de agosto de 1937. É casado com Francine Moreira Milanezi Aranha e tem os filhos Adriana e José Antônio. É professor formado pelo Instituto de Educação Cardoso de Almeida de Botucatu, com cursos de especialização na área bancária, profissão que exerceu até dezembro de 1987, quando se aposentou. Na Caixa Econômica do Estado de São Paulo, ingressou como escriturário em 1959, através de aprovação em concurso público. Na carreira ocupou os cargos de Inspetor, Gerente (Botucatu), Gerente Regional (Araçatuba e Araraquara) e Diretor (São Paulo). Em Botucatu foi também chefe de gabinete do Prefeito Amaral Amando de Barros e Vereador (1968/72). Outras atividades exercidas:- Grêmio “16 de Maio “ - Presidente; Clube “24 de Maio”- Diretor; Câmara Júnior de Botucatu - Presidente; União dos Servidores da Caixa Econômica do Estado de São Paulo - Presidente do Conselho Deliberativo; Associação Atlético Botucatuense - Conselheiro; Sociedade Hípica de Botucatu - Vice-Presidente; Casa das Meninas Amando de Barros - Vice-Presidente. É neto do Tenente Luiz Pinheiro Machado (Lulu) que era bisneto do Capitão José Gomes Pinheiro.

#### **8310 - PROF<sup>a</sup> JOSEPHINA PINHEIRO MACHADO (CONHECIDA COMO “MOÇA”)**

Casada com Domingos José da Costa- natural de Portugal- A Prof<sup>a</sup> Josephina foi da primeira turma de professorandas da Escola Normal de Botucatu em 1914.

#### **8340 - PROFª GABRIELLA PINHEIRO MACHADO**

Casada com Carlos Chiarelli. A Profª Gabriella foi da primeira turma de professoras da Escola Normal de Botucatu em 1914.

#### **8420 - ANNAANGÉLICA PINHEIRO MACHADO (NICOTA) AMADOR BUENO DA RIBEIRA**

Casada com Amador Bueno da Ribeira, foi vereador em Botucatu (SP) nos anos de 1887, 88, 89.

#### **8450 - CORONEL MATHEUS GOMES PINHEIRO MACHADO (NHÔ ZICO) ANNA JOAQUINA FRANCO DO AMARAL**



Nasceu em Botucatu, aos 11 de abril de 1865. Faleceu em 23 de junho de 1927, estando sepultado em Botucatu. Lavrador, fazendeiro de café e pecuarista, exerceu cargos eletivos, tais como vereador e juiz de paz. Foi um dos diretores do Clube Democracia. Assinou a Ata Histórica de 16/11/1889 da Proclamação da República do Brasil. Foi Tenente-Coronel em 1902. Exerceu, também, cargos públicos, estaduais e municipais. Casado com Anna Joaquina Franco do Amaral, nasceu em 1870, em Capivari (SP) e faleceu em Botucatu aos 29/06/1933. Era filha do major José Rodrigues César Júnior (Nhonhô César) e Francisca Carolina do Amaral. Anna Joaquina de tradicional família botucatuense, deixou numerosa descendência. Foram seus filhos:- Engº Raul Gomes Pinheiro Machado, casado com a Profª Gessy Ferraz Nogueira; Desembargador Paulo Gomes Pinheiro Machado, casado com Jovira Moura Lacerda; Profª Izabel Pinheiro Machado, casada com Prof. Hugo Bertoni; Profª Josephina Pinheiro Machado (Nina) casada com Paulo Ciaccia - Cavaleiro da Ordem de Vittorio Veneto, na primeira guerra mundial; Orlando Gomes Pinheiro Machado - voluntário da Revolução de 1932; Osvaldo Gomes Pinheiro Machado - voluntário da Revolução de 1932 - casado com Anni-ta Lanzaro; Profª Alcinda Pinheiro Machado, casada com Álvaro Pinheiro Machado Nogueira; Profª Izaura Pinheiro Machado, casada com Ernesto França; Júlia Pinheiro Machado; Josephina (1ª - faleceu criança) e Adolfinho (faleceu criança).



#### **8460 - ENGº RAUL GOMES PINHEIRO MACHADO**

Nasceu em 27/03/1893 e faleceu em 18/06/1961. Casado com a Profª Gessy



Ferraz Nogueira, nasceu em 1900 em Campinas e faleceu aos 19/04/1964. Engo Agrônomo. No Ministério da Agricultura, na Divisão de Defesa Sanitária Vegetal publicou “Informações sobre o Expurgo dos Produtos Agrícolas em Câmaras a Vácuo Parcial”. Foi Diretor da Inspetoria de Defesa Vegetal por várias vezes. Foi Delegado dos Engenheiros Agrônomos junto à Associação Paulista de Agronomia. No loteamento Santa Terezinha, em Botucatu, doou o quarteirão onde está construída a igreja de Santa Terezinha, cuja praça leva seu nome. Tiveram os filhos: Dr. Tácito Pinheiro Machado e Profª Vera Gomes Pinheiro Machado de Carvalho Pinto.

#### **8470 - DR. TÁCITO PINHEIRO MACHADO**

Nasceu em Botucatu, casado com Irma Franco Junqueira, natural de Barretos. Dr. Tácito foi Delegado Geral de Polícia do Estado de São Paulo.

#### **8560 - DR. PAULO GOMES PINHEIRO MACHADO**

Nasceu em Botucatu aos 20/06/1898. Casado com Jovira Moura Lacerda, que faleceu em 25/09/1990 em São Paulo. O Dr. Paulo foi Desembargador.

Faleceu aos 06/08/1990 em São Paulo.



#### **8620 - PROFª JOSEPHINA PINHEIRO MACHADO CIACCIA (NINA)**



Nasceu em Botucatu, aos 06/11/1904 e faleceu na mesma cidade aos 26/04/1981. Casada com Paulo Ciaccia, filho de Ângelo Ciaccia e Tereza Todisco e natural de Monopoli, Província de Bari, Itália, onde nasceu em 12/09/1899. Faleceu em Botucatu aos 12/07/1990.

Lecionou, entre outros, nas fazendas Redenção, Araquá, Edgardia, Bairro de Capuava (perto de Pirambóia), numa época em que as professoras para se deslocarem até a escola utilizavam as “caronas” de velhos caminhões, cavalos, carroças e charretes. Foi professora da famosa dupla caipira irmãos Tônico & Tinoco e também do Dr. Olívio Stersa, membro da Academia Botucatuense de Letras. Traba



Ihou na Secretaria da Educação e Escola Industrial de Botucatu. A Profª Josephina publicou uma coletânea de versos em homenagem às debutantes de 1955.

Paulo Ciaccia participou da 1ª Grande Guerra e foi condecorado com a Medalha “**Cavaleiro da Ordem de Vittorio Veneto.**” O casal Josephina Pinheiro Machado e Paulo Ciaccia tiveram os filhos: - Engº Paulo Pinheiro Machado Ciaccia e Ana Tereza Ciaccia Rodrigues Caldas, casada com o advogado Dr. Osvaldo Rodrigues Caldas que possuem os filhos: Dra. Cláudia Rodrigues Caldas Lourenção - promotora pública em Botucatu - casada com Henrique Lourenção-advogado- Renato Ciaccia Rodrigues Caldas - advogado - casado com Maria do Carmo Bartolotti Fernandes; Eduardo Ciaccia Rodrigues Caldas e Fábio Ciaccia Rodrigues Caldas.

### **8680 - ENGº PAULO PINHEIRO MACHADO CIACCIA**

Casado com Maria de Lourdes Oliveira, economista. Nasceu em Botucatu aos 22 de abril de 1944. Filho de Paulo Ciaccia e Josephina Pinheiro Machado Ciaccia. Formado em Engenharia (metalurgia) pela Escola de Engenharia Mauá do Instituto Mauá de Tecnologia (turma de 1972). Exerceu atividades na General Motors do Brasil, Cosipa-Companhia Siderúrgica Paulista - Professor de Siderurgia e Refratários em Cursos Técnicos do SENAI. Cursos Realizados pela Cosipa: Físico - Química do Refino do Aço, Elaboração do Aço - Fusão e Refino, Fabricação de Cal e Dolomita Calcinada, Combustão Industrial - Economia de Combustível, Projetos Siderúrgicos, Projetos de Revestimentos Refratários, Refratários para Equipamentos Siderúrgicos, Contrôles Estatístico de Processo, Verticalização de TQC (Controle Total de Qualidade) Diretrizes para Reorganização de Empresas, Projetos e Construções na Área de Aciaria e Lingotamento, Fundamentos Físicos - Químicos de Materiais Refratários. Estágios Patrocinados pela Cosipa: Grupo White Martins - 1975, Refratários Magnesita S.A. - 1975, Grupo Itaú - Cal - 1978, Grupo Votorantim - Cal - 1978, Ibar - Indústria Brasileira de Artigos Refratários - 1980, Refratários Togni - 1980, Refratários Brasil - 1981, Belgo - Mineira - 1981, Usiminas - vários períodos, CSN - Companhia Siderúrgica Nacional - vários períodos, CST - Companhia Siderúrgica de Tubarão - vários períodos, Controle Ambiental na Década de 80 - Prefeitura Municipal de Cubatão - 1989. Trabalhos Apresentados e Publicados em Simpósios e Congressos: - Estudo Econômico da Utilização de Cal Externa na Aciaria da Cosipa, Coref, 1976. Preparação da Fábrica de Refratários para Atender o Plano de Produção de 1976, Coref, 1976. Aperfeiçoamentos em Fornos Rotativos de Calcinção, ABM, 1978, Vitó



ria - ES. Patente de Invenção concedida em 31/05/1983 através do SEDAI (Serviço de Assistência aos Inventores) e INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial). Evolução da Vida do Revestimento Refratário dos Conversores L.D. da Cosipa, Ilafa/Alafar, 1978, México e Coaço/Coref, 1978, Vitória, ES. Prêmio Magnesita S.<sup>a</sup> “Antonio Mourão Guimarães” em 1979. Emprêgo de Papel de Fibra Cerâmica para Isolamento Térmico do Forno Rotativo de Calcinação da Cosipa, Ilafa/Alafar, 1980, Peru. Calcinação no 3 da Cosipa, Simpósio de Projetos Siderúrgicos, 1980. Reparo no Furo de Vazamento dos Conversores L.D. da Aciaria I da Cosipa através de Gunning, Coref, 1982. Utilização de Dolomita Calcinada nos Conversores L.D. da Aciaria I da Cosipa, Coref/ABM, 1982, Rio de Janeiro. Substituição de Concreto Refratário por Tijolos nos Potes de Gusa da Estação de Dessulfuração I, Coref, 1983. Lança para Projeção de um Material e Máquina Equipada com Tal Lança, Coref, 1983. Patente de Invenção concedida em 1989 através do SEDAI (Serviço de Assistência aos Inventores) e INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial). Estudo de Viabilidade Técnica para Aumento de Vida das Painéis de Aço da Aciaria I da Cosipa, Coref/ABM, 1985. Aquecedores Verticais para Painéis de Aço e Gusa da Aciaria I da Cosipa, Coref, 1985. Diferenciação do Revestimento Refratário dos Conversores L.D. da Aciaria I da Cosipa com Tijolos de Magnésia - Carbono, Coref, 1987, Vitória, ES. Participação no Grupo de Trabalho de Refratários GT - 08, NAI/COBRAPI/SIDER, 1987, Rio de Janeiro. O Futuro dos Refratários na Siderurgia Brasileira, na Concepção dos Produtores e Usuários, ABM, 1988, Poços de Caldas, MG. Modelo Matemático para a Simulação do Ciclo Térmico de uma Painel de Aço da Aciaria da Cosipa, ABM, 1989, Ipatinga, MG, e ABM, 1989, Rio de Janeiro, RJ. Prêmio “Governador do Estado de São Paulo”, no XVII Concurso Nacional do Invento Brasileiro em 1989, evento realizado pelo SEDAI (Serviço de Assistência aos Inventores), com o invento: “Lança para Projeção de um Material e Máquina Equipada com Tal Lança “. Isolamento Térmico das Carcaças dos Conversores 3 e 4 da Aciaria I da Cosipa na Região da Cinta dos Munhões, Seminário de Aciaria, Refratários e Fornos Elétricos, Dez/91, Belo Horizonte, MG. Retrospectiva do Revestimento Refratário dos Conversores L.D. da Aciaria I da Cosipa, Simpósio Interno de Manutenção, Nov/92. Subsidiou informações em 1997, para publicação de artigos sobre o Capitão José Gomes Pinheiro, Fundador de Botucatu, nos seguintes jornais:- Diário da Serra, Jornal de Botucatu, A Gazeta de Botucatu, A Cidade, Folha Serrana. Elaborou a Árvore Genealógica da Família Pinheiro Machado, com a participação especial do Engenheiro Civil César José Maria Ribeiro (seu primo), trabalho realizado entre 1983 e 1997, com consultas a: Instituto Genealógico Brasileiro, Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul. A Árvore Genealógica da Família Pinheiro Machado agrupa 16 gerações, no período compreendido entre 1531 e 1997 (praticamente 500 anos), disposta em organograma para fácil entendimento. O sistema inicial de registro de dados, manual, através de códigos alfanuméricos e programas, pôde ser computadorizado e foi imprimido pelo Jornal Diário da Serra, na comemoração da fundação de Botucatu, em abril de 1997.

#### **8690 - ORLANDO GOMES PINHEIRO MACHADO**



Nasceu em Botucatu, em 06/02/1907 e faleceu na mesma cidade aos 18/07/1982. Foi voluntário da Revolução Constitucionalista de 1932 e manteve a antiga tradição da família: o culto ao tropeirismo.

#### **8700 - OSVALDO GOMES PINHEIRO MACHADO**

Nasceu em Botucatu aos 01/12/1908, e faleceu em 07/08/1996 em Botucatu. Era casado com Annita Lanzaro, que nasceu aos 12/05/1909 em Botucatu e faleceu em 21/04/1993 em São Paulo. Oswaldo, como Orlando, foi voluntário da Revolução de 1932.



#### **• 8820 - JOAQUINA ROZA GOMES PINHEIRO MACHADO (9ª Filha) SENADOR DR. BERNARDO AUGUSTO RODRIGUES DA SILVA**



O Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva, casado com Joaquina Roza Gomes Pinheiro Machado, nasceu em 04/11/1827 e faleceu em Botucatu aos 05/09/1894. Bacharelou-se em Direito em 26/11/1852 pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (SP). Em 18/04/1873, juntamente com Domingos Soares de Barros, Francisco Xavier de Almeida Pires e João Elói do Amaral Sampaio representaram Botucatu na histórica e celebre CONVENÇÃO DE ITU, precursora da Proclamação da República. O Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva muito fez por Botucatu, quer como advogado, Juiz de Direito e Senador do Império. Juntamente com Aleixo Varoli, Amando do Amaral Barros, Antonio Joaquim Cardoso de Almeida (depois cognominado Velho Cardoso), Manoel Theodoro de Aguiar e outros, em 06 de novembro de 1881, funda o Gabinete Literário, talvez o mais antigo clube recreativo de Botucatu. Assinou a Ata Histórica de 16/11/1889 da Proclamação da República do Brasil. Foi genitor do Dr. Leonce Augusto Pinheiro da Silva, que também exerceu a magistratura nesta comarca, neto do Capitão José Gomes Pinheiro, fundador da cidade de Botucatu.

#### **8830 - DR. LEONCE AUGUSTO PINHEIRO DA SILVA**

Bacharelou-se em Direito em 13/11/1878 pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Era magistrado: Foi Juiz de Direito em várias comarcas do Estado

de São Paulo. O Dr. Leonce também foi pecuarista. Faleceu em Sarapuí perto de Itapetininga. O Dr. Leonce era casado com a Profª Anna Genoveva Amaral Vieira (Nicóta), de cujo consórcio nasceram os filhos Profª Leopoldina Pinheiro Cintra (Sinharinha), nascida em 14/01/1887 e falecida em 31/01/1949, casada com o Prof. Raymundo Marcolino da Luz Cintra; Lúcio Pinheiro da Silva, casado com Antonieta Pinheiro da Silva; José Pinheiro da Silva, casado com Noêmia da Silva; Bernardo Pinheiro da Silva, casado com Genoveva Cesar do Amaral Silva; Anna Pinheiro da Silva (Niny) falecida no dia 14/10/1994.



#### **8840 - PROF. RAYMUNDO MARCOLINO DALUZ CINTRA**



Nasceu em Itu em 01/02/1887. Aprendeu a ler, escrever e contar com seu pai, Luís Manoel da Luz Cintra, fundador do primeiro grupo escolar de São Paulo. Fez o ginásio e Humanidades no Colégio São Luís dessa cidade e no Seminário Menor de Pirapora. Fez o curso trienal à Universidade de Filosofia na Faculdade Metropolitana, anexa à Universidade Gregoriana de Roma. Em 1912 foi professor do Seminário de Botucatu e professor do Colégio Santa Marcelina. Em 1914 casou-se com a desenhista e pintora Leopoldina Pinheiro Cintra e nessa época iniciou seu trabalho jornalístico. Fundou em Botucatu, o “Correio do Sul” e no ano seguinte, em Itapetininga, “O Diário” e “A Notícia”, ao mesmo tempo que lecionava português, latim e literatura na Escola Normal dessa cidade. Em 1926 fundou o Liceu de Botucatu, oficializando o primeiro ginásio na zona Sorocabana. Em 1930 fundou “O Jornal” e logo em seguida dirigiu o “Correio de Botucatu”. Foi um dos fundadores do Centro Cultural de Botucatu e do Círculo dos Trabalhadores Cristãos de Botucatu. Membro-fundador da Academia Botucatuense de Letras. Colaborou nessa época para a “Folha da Manhã” e “Correio Paulistano” de São Paulo, e para jornais de Itu e Itapetininga. Sempre esteve ligado à filosofia e ao jornalismo, às obras sociais e cristãs. Pelas suas atividades jornalísticas recebeu, em 1962, medalha de mérito dada pela Associação Paulista de Imprensa de São Paulo e o título de Cidadão Botucatuense. Membro da Academia Botucatuense de Letras - cadeira 03. Patrono: Amadeu Amaral. Faleceu em Botucatu em 01/03/1978

#### **8840 - PROFª LEOPOLDINA PINHEIRO CINTRA (SINHARINHA)**

Nasceu em 14 de janeiro de 1887 e faleceu em 31 de janeiro de 1949, em Botucatu. Bisneta do Capitão José Gomes Pinheiro, fundador de Botucatu, neta do Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva, Senador e representante de Botucatu na célebre Convenção de Itu, precursora da República; filha da professora Anna Genoveva do Amaral e Silva e do



Dr. Leonce Augusto Pinheiro da Silva, Juiz de Direito em diversas comarcas, inclusive Botucatu. Exerceu o magistério nas Escolas Normais de Itapetininga e Botucatu, lecionando trabalhos manuais (pintura, bordado, pirogravura, desenho). Exímia artista plástica. Manteve em Botucatu uma “Escola de Pintura”. Fundou, com o seu esposo, professor Raymundo Marcolino da Luz Cintra, o “Liceu de Botucatu”, o primeiro ginásio particular da zona sorocabana.

#### **8850 - DR. TARCIZIO LEONCE PINHEIRO CINTRA**

Casado com a Dra. Áurea Zolner Pinheiro Cintra, nasceu a 08 de janeiro de 1916 na cidade de Itapetininga(SP) e, faleceu em Taubaté (SP), onde está sepultado, aos 17 de maio de 1997. Diplomou-se em Ciências e Letras. Formado, em 1942, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Pertenceu à Sociedade de Medicina Legal e Criminologia, ao Centro de Estudos “Franco da Rocha”, Academia Latino-Americana de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Jornalista e escritor.

#### **8860 - DR. RIVALDO ASSIS CINTRA**

Casado com a Profª Maria de Lourdes Alvim Cintra, nasceu em Itapetininga a 02 de dezembro de 1920. Fez o curso primário no Grupo Escolar de Botucatu, onde também cursou humanidades no Ginásio Diocesano Nossa Senhora de Lourdes. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Advogado, militou, vários anos, na Comarca de Botucatu. Como jornalista, colaborou nos principais órgãos da imprensa brasileira. Seu ensaio “Função Social da Literatura” foi premiado em primeiro lugar no Concurso promovido pela Academia de Letras da Faculdade de Direito. Ensaísta.

#### **8870 - DR. RAYMUNDO PENHA FORTE CINTRA**

Nascido em 31 de julho de 1922, em Itapetininga (SP), vindo para Botucatu, aonde retornaram os seus genitores, aos três anos de idade. Também conhecido por Ray Cintra. Casado com a Profª Iracema Lumina Cintra, tendo filhos e netos. Filho do Prof. Raymundo Marcolino da Luz Cintra e da Profª Leopoldina Pinheiro Cintra. Trineto do capitão José Gomes Pinheiro Velloso, fundador de Botucatu. Curso primário no Grupo Escolar “Dr. Cardoso de Almeida” e na Escola Modelo anexa à Escola Normal. Curso secundário no Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, hoje La Salle, e na Escola Normal de Botucatu. Administrador de Empresas. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Itu, integrando a sua turma fundadora, em 1969. Advogado pelo Exame da Ordem realiza



do na OAB - Secção de São Paulo. Foi vereador à Câmara Municipal de Botucatu na legislatura de 1952/1955. Funcionário por concurso da antiga Estrada de Ferro Sorocabana. Ingressou no serviço público federal em 1941, através de concurso público de âmbito nacional, exercendo na Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos de Botucatu diversos cargos de confiança, inclusive o de Diretor Regional, no qual foi aposentado, em 1978. Ocupou o cargo de Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Botucatu. Entusiasta da aviação, na sua mocidade participou ativamente do Aero clube de Botucatu, sendo piloto por ele brevetado. Participou de diversos cursos de aperfeiçoamento. Sócio fundador do Centro de Estudos. Fundador do Centro Cultural de Botucatu, em 06 de agosto de 1942, integrando a primeira diretoria como tesoureiro e do qual sempre foi associado. No início de suas atividades, juntamente com o Prof. Djalma José Grohman e Prof. Paulo de Assumpção Marques, mediante campanha entre os sócios e amigos, deu início à formação da biblioteca do Centro Cultural. Criou e dirigiu na Rádio Emissora (PRF-8), em nome do Centro Cultural, um programa dominical litero-musical. Sócio fundador do Círculo de Trabalhadores Cristãos (antes, Círculo Operário), no qual foi secretário, delegado geral e presidente, sendo seu consultor jurídico. Sócio fundador da Associação dos Aposentados e Pensionistas de Botucatu, sendo atual presidente do Conselho Deliberativo. Membro fundador do Clube Primavera e Recanto dos Galos e sócio e membro da diretoria do Clube 24 de Maio, todos extintos. Fundador e membro da primeira diretoria do Conselho Paroquial da Catedral Metropolitana de Botucatu. Sócio benemérito da Associação Atlética Botucatuense e do Círculo de Trabalhadores Cristãos, pelos relevantes serviços a eles prestados e sócio remido do Botucatu Tênis Clube, tendo exercido em todas essas entidades cargos nas suas diretorias. Seu pendor para o jornalismo manifestou-se bem cedo, iniciando como redator-secretário, revisor e repórter do “Correio de Botucatu” (1940/41); representante e correspondente do jornal “Correio Paulistano” (1940/42); secretário, revisor e repórter do “Botucatu-Jornal” (1941/42); colaborador esporádico de jornais locais e de outras cidades, inclusive da capital. Desde 07/06/1989, mantém uma coluna literária no “Jornal de Botucatu”, onde apresenta semanalmente poesias e biografias dos escritores brasileiros, com comentários e pensamentos célebres. Publicou, em 1946, um trabalho sobre concursos públicos. Atualmente, está elaborando um romance de ficção, onde abordará os problemas da atual sociedade globalizada, em face da ética, da tradição e da fraternidade universal. Pretende fazer uma coletânea das poesias publicadas no “Jornal de Botucatu”. O seu lema: “Sol lucet omnibus” (O sol brilha para todos). Jornalista.

#### **8880 - PROF<sup>a</sup> LYGIA MARIA CINTRA DOS SANTOS**

Nasceu em Itapetininga (SP), aos 28 de janeiro de 1917. Casada com Manoel Esteves dos Santos. Filha do Prof. Raymundo Marcolino da Luz Cintra e da Prof<sup>a</sup> Leopoldina Pinheiro Cintra. Formou-se pela antiga Escola Normal Oficial de Botucatu, em 1934. Professora. Tomou parte nos Movimentos da Revolução Constitucionalista de 1932. Como jornalista colaborou em diversos jornais e revistas. Atualmente é e colunista da “A Gazeta de Botucatu”.

### **8890 - PROFª DELILAH CINTRA NEPOMUCENO**

Nasceu em Itapetininga, em 26 de abril de 1919, filha de professores - Raymundo Marcolino da Luz Cintra e Sinharinha Cintra - e fez seus estudos em Botucatu, formando-se professora. Estagiou no Lageado, à época uma fazenda, e abdicou do magistério para trabalhar nos Correios e Telégrafos - onde se aposentaria. Casou-se com João Rodrigues Nepomuceno e teve cinco filhos:- Rosa, Margarida, Isabel, Assis e João. Faleceu em Botucatu, em 31 de janeiro de 1976.

### **8891 - ROSA MARIA NEPOMUCENO**

Nasceu em Botucatu aos 22 de julho de 1949. Jornalista. Foi redatora do “Jornal da Bahia” e reporter do “Diário Popular”. Trabalhou no “O Globo”, e colaborou, por mais de 20 anos, na revista “Vogue”. Como escritora publicou “Musica Caipira: do Sertão ao Rodeio”.



### **• 8940 - JOSÉ GOMES PINHEIRO MACHADO (10º Filho) MESSIAS DE PAULA MACHADO**

José Gomes Pinheiro Machado nasceu em Sorocaba (SP), em 1818; casou-se com Messias de Paula Machado. Desse consórcio nasceram os filhos:- João Baptista Pinheiro Machado, casado com Emiliana Rolim; Maria Antonia Pinheiro Machado, casada com Manuel Rolim; Francisca Pinheiro Machado; Júlia Augusta Pinheiro Machado, casada com João Mariano de Oliveira Fróes; José Pinheiro Machado, casado (em primeiras núpcias) com Olívia Mascarenhas, e (segundas núpcias) Brasília Pinheiro Machado; Gustavo Pinheiro Machado, casado com Aurélio Cândida de Vasconcellos - pais da aviadora Anésia Pinheiro Machado; Maria de Jesus Pinheiro Machado, casada com Paulo Leite; Brasiliza Pinheiro Machado, casada com Manuel Alexandre Ornelas. Atuou, em 1866, como suplente de vereador na Câmara de Botucatu.

### **9020 - ANÉSIA PINHEIRO MACHADO - A BRASILEIRA DE CANADÁ AVIAÇÃO FEMININA MUNDIAL - PRIMEIRA AVIADORA BRASILEIRA SEGUNDA A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE MULHERES AVIADORAS**

Anésia Pinheiro Machado, nasceu em Santo Antonio dos Carrapatos, hoje Itaí (SP) em 5 de junho de 1904 e faleceu no Rio de Janeiro em 10/06/1999. Filha de Gustavo Pinheiro Machado e Aurélio Cândida de Vasconcellos. Era viúva do Marechal-do-Ar Antonio Appel Neto, falecido em 1970. Anésia nasceu dois anos antes de Santos Dumont fazer o histórico vôo com o mais pesado que o ar. Durante toda a vida, Anésia acompa





nhou o desenvolvimento do avião e as grandes conquistas.

Aos 16 anos de idade, em 1921, em Itapetininga, no interior paulista, numa época em que as mulheres no Brasil ainda nem votavam, aprendia a voar e em 1922 obtinha o seu brevê de piloto civil. Em 1954, a Federação Aeronáutica Internacional oficialmente a proclamou como “decana mundial da aviação feminina”, por ser a detentora do mais antigo brevê do mundo.

Em setembro de 1922, para celebrar o centenário da Independência do Brasil, fez o primeiro vôo de São Paulo ao Rio de Janeiro num “CAUDRON” G-3 de 120 HP. Carinhosamente batizado de “Bandeirante” pela decana da aviação. Nesse mesmo ano, em 17 de março, a jovem Anésia fez o primeiro vôo solo no Brasil, antes mesmo de completar 18 anos. Foi sempre uma pioneira da aviação e ainda em 1922 foi a primeira aviadora a conduzir passageiro em avião no Brasil. Foi a primeira brasileira a praticar acrobacia aérea no Brasil. O extraordinário é que em todas as suas numerosas ações de pioneirismo na aviação, assumiu por sua conta e risco suas missões. Não fora nomeada ou indicada para elas. Em 1951 vendeu um imóvel para comprar um avião e decidiu cumprir uma missão de boa vontade indo aos EUA num aparelho monomotor, pela rota do Atlântico, e de Washington ao Chile pela via do Pacífico, aterrissando em todas as capitais dos países centro-americanos e da costa sul-americana do Pacífico, entregando a todos os respectivos Presidentes uma mensagem de boa vontade e amizade do Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos. Do Chile voou sozinha, em seu pequeno avião, pela rota comercial de grandes aviões, a cinco mil metros de altura, marginando o Aconcágua.

Em 1956, realizou outro vôo internacional, por delegação da Câmara do Distrito Federal (hoje Estado do Rio de Janeiro) em comemoração ao “Ano Santos-Dumont”, delegada ainda pelo Ministério da Aeronáutica, tendo proferido conferências sobre a personalidade de Santos Dumont e o desenvolvimento da aviação brasileira.

Anésia Pinheiro Machado disseminou por museus aero-espaciais nos quatro cantos do mundo textos, informações, fotografias, réplicas de modelos e de objetos de Santos Dumont. Graças à sua iniciativa e às suas gestões, o Diretor do Museu do Ar e do Espaço de Washington solicitou, em 20 de julho de 1973 - data da chegada do homem à Lua e do centenário de nascimento de Santos Dumont, ao Comitê de Nomenclatura da União Aeronáutica Mundial a designação de uma cratera na Lua com o nome do “Pai da Aviação”, Alberto Santos Dumont. Foi uma glória para o Brasil conseguida por Anésia!

#### **9030 - ADAIL PINHEIRO MACHADO**

Nasceu em Itapetininga. Foi radialista e músico. Era irmão de Anésia Pinheiro Machado.

## BIBLIOGRAFIA

- Os Municípios Paulistas - Eugênio Egas** - Publicação oficial. Seção de Obras d' O Estado de São Paulo - 1925.
- Ensaio Paulistas** (Contribuição de "O Estado de São Paulo" às comemorações do IV Centenário da cidade) Editora Anhembi S/A - São Paulo - 1958 -
- Achegas para a História de Botucatu** - Hernâni Donato - 1a, 2a e 3a Edição (1985).
- Biblioteca Histórica Paulista** - Azevedo Marques, Livraria Martins Editora S/A, 1958.
- Paquet** (Separata da "Revista Brasileira de Geografia - Ano VI No 01) Eng. Virgílio Correa Filho - Rio de Janeiro, 1944.
- Jornal Correio de Botucatu** - 1937 -
- Botucatu, Antigamente...** - Trajano Carlos de Figueiredo Pupo - Volume I - 1997 - Inédito -
- Apontamentos da Província de São Paulo** - Manoel Eufrásio de Azevedo Marques - tomo II - 1952 - Livraria Martins Editora S/A.
- Revista do Arquivo Municipal** - CLIII - 1952 -
- Venício Ayres - O Cavaleiro do Ideal** - Hiram Ayres Monteiro - Editora Gril - Taquarituba (SP) - 1997 -
- Enciclopédia dos Municípios Brasileiros** - Sebastião de Figueiredo Torres / Pedro Torres - IBGE - XXVIII - Rio de Janeiro 1957.
- Origem do Latifúndio no Brasil** - in Cadernos de História - Brasil Bandecchi - Editora Obelisco Ltda, 1967 -
- Repertório das Sesmarias (1721 até 1821) 1944** - Tipografia do Globo, SP - Secretaria da Educação e Saúde Pública.
- Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia e do Município e a Cidade de Botucatu** de Eunice de Almeida Pinto Chaves - 1943 - Belém do Pará
- Botucatu Antigo** (Depoimento de José Joaquim Barbosa de Carvalho - Revista "A Cruzada" - setembro de 1928)
- Peregrinação, pela Província de São Paulo** - Augusto Emílio Zaluar - Livraria Martins Editora S/A - 1953 -
- História de Sorocaba** - Aluisio de Almeida - Editora Cupolo - 1969 -
- Caminhos do Sul** - Nilo Bairros de Brum - Metrópole Ind. Gráfica - 1999 -
- Documentação Histórica** fornecida pela Profª Dóra Pinheiro Machado Prates - Alegrete (RS) - setembro de 1997.
- Documentação Histórica** fornecida por Gilda Pinheiro Machado Vieira e Hemitério Vieira, membros da Diretoria do Museu Municipal "Senador Pinheiro Machado" em São Luiz Gonzaga - RS
- Arvore Genealógica da Família Pinheiro Machado** - Elaborada pelo Engo. Paulo Pinheiro Machado Ciaccia.
- Documentação Histórica** fornecida pelo Engo. Paulo Pinheiro Machado Ciaccia / Engo. César José Maria Ribeiro / Adv. Raymundo Penha Forte Cintra - Trinetos do Capitão José Gomes Pinheiro Vellozo e Anna Florisbella Machado de Oliveira e Vasconcellos.
- Apontamentos do Historiador e Deputado Dr. João Nogueira Jaguaribe** - Família Pinheiro Machado
- Depoimentos de Dom Vicente Marchetti Zioni** - Arcebispo Emérito de Botucatu.
- Depoimento de João Nogueira Jaguaribe in Almanaque de Botucatu - 1920** - Augusto de Magalhães.